



PARAÍBA QUE ACOLHE

Programa atende 53 órfãos da pandemia, no estado, desde 2021

Crianças e adolescentes que perderam os pais para a Covid-19 recebem assistência social e financeira. **Página 3**



Foto: Roberto Guedes

Banco de DNA auxilia na busca por pessoas desaparecidas

Coleta de perfis genéticos de familiares, realizada pelo IPC-PB, já contribuiu para a identificação de 22 pessoas do estado, desde 2020. **Página 7**

Pressão social pela felicidade vem causando prejuízos à saúde mental

Especialistas advertem que anular os sentimentos considerados negativos pode agravar problemas como a depressão.

Página 5

■ “Era o tempo em que os bancos valiam pelo prestígio dos nomes que os gerenciavam. Nomes que valorizavam nossos acenos e convivências”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “A alta do dólar impõe desafios à economia brasileira. Tanto empresas quanto consumidores precisam adotar estratégias para lidar com a volatilidade cambial”.

Amadeu Fonseca

Página 17



Foto: Roberto Guedes

Competição termina hoje

Decisões do Elite 16, torneio do Circuito Mundial de Vôlei de Praia, serão realizadas, a partir das 16h, na arena montada em Cabo Branco. O acesso à arquibancada é gratuito.

Página 21

Sarau reúne artistas para celebrar a cultura afro-brasileira

Projeto Afrontamento acontece, hoje, a partir das 15h30, no anfiteatro do Parque Parahyba 2, no bairro do Bessa, em João Pessoa.

Página 9



Foto: Reprodução/Facebook

Pensar

Esta edição do caderno especial aborda a pluralidade do Nordeste, sua diversidade de sotaques e costumes, além de questionar: qual o papel de ser nordestino nos dias atuais?

Páginas 29 a 32



Editorial

Vacinação

O Dia Nacional da Vacinação foi celebrado na última quinta-feira, 17 de outubro, e a Secretaria de Estado da Saúde (SES) promoveu, ontem, o “Dia D de vacinação contra meningites, HPV e Multivacinação nos 223 municípios paraibanos. A ação contou com 684 postos de vacinação. Além disso, no período de 21 a 25 de outubro, acontece a “Semana Estadual de Vacinação contra o HPV e meningocócica ACWY nas escolas”, com oferta de vacinas para os alunos dentro das unidades de ensino.

De acordo com a SES, apesar de a Paraíba se destacar nacionalmente na cobertura de várias outras vacinas, vem apresentando baixa cobertura vacinal em relação ao HPV e àMeningocócica ACWY. No período de janeiro a agosto deste ano, foi registrado um percentual de 68,69% da vacina HPV para meninas e 50,03% para meninos, quando a meta preconizada pelo Ministério da Saúde é de 90%. Quanto à vacina contra Meningocócica ACWY, o percentual foi de 46,83%, quando a meta é 80%.

Grande parte do problema se deve às *fake news* e à desinformação em relação ao funcionamento das vacinas. Um receio comum é o de tomar mais de um imunizante ao mesmo tempo. Segundo o Ministério da Saúde, porém, todas as vacinas de rotina de uma criança podem ser aplicadas no mesmo dia.

Existem, no entanto, algumas vacinas específicas que não devem ser tomadas junto com outras, caso da tríplice viral e das vacinas contra febre amarela e dengue. O profissional de saúde responsável pela vacinação tem capacidade para orientar em relação a isso e aplicar a maior quantidade de vacinas possível, respeitando os intervalos que forem necessários.

Já a vacina contra HPV está envolvida em uma polêmica maior, que se relaciona com o conservadorismo. A vacina é indicada para a prevenção da infecção contra os tipos de HPV 6, 11, 16 e 18. O vírus, que é sexualmente transmissível, causa lesões que podem levar a cânceres de colo do útero, vulva, vagina, ânus, pênis, boca e orofaringe, além de doenças como verrugas genitais e papilomatose de laringe. O Programa Nacional de Imunização (PNI) normatiza a vacinação na faixa etária de 9 a 14 anos. E é aí que começam as controvérsias.

Muitos pais não veem sentido em vacinar crianças que ainda não têm uma vida sexual ativa e que, portanto, não teriam risco de contrair o vírus. Outros temem que a vacinação possa estimular o início precoce da atividade sexual. O pensamento é semelhante àquele de pais que não permitem que os filhos tenham acesso a preservativos ou a métodos contraceptivos para não incentivar que eles façam sexo. É uma grande bobagem.

Negar o direito de prevenção a uma doença que pode se tornar fatal não vai impedir jovens de iniciarem suas vidas sexuais, assim como negar o acesso a métodos contraceptivos também não. O resultado, nesses casos, só pode ser mais gestações não planejadas e doenças. O que os pais devem fazer é conversar com os seus filhos e suas filhas e garantir que eles sejam vacinados para que, não hoje, mas no futuro, possam enfrentar novas fases das suas vidas com segurança.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A importância dos debates eleitorais

Os debates eleitorais são de extrema importância nas campanhas políticas, porque se tornam uma vitrine de exposição do que pensam e pretendem fazer os candidatos quando eleitos. Arrisco-me a dizer que numa disputa para o cargo de prefeito, esse embate na mídia tem muito mais relevância para a população, porque é no município que o eleitor vive os benefícios e as dificuldades do dia a dia da comunidade em que está inserido. Então, a avaliação dos pleiteantes não está necessariamente firmada pelas posições ideológicas, mas sim pela capacidade demonstrada por cada um deles, de como planejam se desincumbir da solução dos principais e mais doloridos problemas da cidade. Afinal de contas, o prefeito é, sobretudo, um zelador da vida urbana no município.

O eleitor ao se dispor a assistir a um debate entre candidatos a prefeito espera, acima de tudo, testemunhar um confronto de ideias que vai lhe permitir fazer uma escolha consciente, principalmente em contextos eleitorais polarizados como os que acontecem num segundo turno. Uma participação propositiva, respeitando o adversário e tendo o cuidado de não entrar no jogo da “baixaria”. Sei que não é fácil, é preciso ter controle emocional para não se envolver numa refrega que parece mais um “ringue”. Com certeza perde o debate aquele que se mostra incapaz de manter o mínimo de decoro e de civilidade.

O povo presta atenção e consegue identificar quem desrespeita as regras básicas de uma boa convivência democrática. É nessa oportunidade que o eleitor compara os posicionamentos dos candidatos e alcança conclusões mais claras a respeito deles, distinguindo valores e propostas que atendam às suas expectativas. Quando os projetos de governo ficam em segundo plano e a má conduta se manifesta, assumindo o protagonismo da ironia, das acusações sem provas, torna-se mais fácil constatar quem merece o seu voto.

Debate é coisa séria. Não é espaço para brincadeiras, achincalhes, vitupérios. Quando um deles não compreende isso, fica mais explícita a diferença entre quem está ali ávido por se autopromover, muito mais preocupado em promover pegadinhas ou armadilhas, e o debatedor que prioriza apresentar propostas, fazer conhecida sua biografia e suas ideias. A história de vida de cada um deve ser apresentada, sem a necessidade de

desconstruir o adversário, procurando desqualificá-lo na oferta de mentiras e de denúncias vazias e inconsequentes.

Portanto, não podemos deixar de considerar a essencialidade dos debates eleitorais para o processo democrático. Contudo, é necessário ficar atento para observar quem está com discurso ferino, capcioso até, evidenciando despreparo e falta de compromisso com a seriedade e a responsabilidade do cargo almejado. As perguntas e as respostas formam uma dinâmica em que transparecem as tentativas de “golpes” e as afirmações de autoelogios, assegurando a análise das incompetências. As escolhas têm de ser definidas a partir do perfil dos candidatos, jamais levando em conta comportamentos de mediocridade política, em que o sentimento do povo seja, realmente, compartilhado com políticas emancipatórias. Falta uma semana para a eleição, todo cuidado é pouco na hora de exercer o dever de votar. Daí a obrigação de o eleitor aguçar sua capacidade de discernimento, de maneira que possa sufragar o nome de quem, verdadeiramente, esteja apto a exercer o poder como uma delegação, vivência de uma representatividade. Os debates que ainda acontecerão até lá contribuirão para que essa escolha seja a mais acertada.

“

O eleitor ao se dispor a assistir a um debate entre candidatos a prefeito espera, acima de tudo, testemunhar um confronto de ideias

Rui Leitão

Opinião

Foto

Legenda



A elegância não tem classe

Gonzaga Rodrigues

No supermercado

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

“Como foi bom te ver...”

Operava-se nesta exclamação um milagre de supermercado, abelheiro em que nem sempre as vistas se dispõem a sair da lista de compras ou do chamariz das gôndolas.

Mas há ocasiões em que os carrinhos de coleta se engancham e fazem, assim, as pessoas se acharem e se darem em sentimentos.

“Há quanto tempo eu desejo te ver. Sou filha de um seu grande amigo, parceiro dos bons tempos do cartório de Chico Souto...”

E eis-me levado de repente a uma das estações mais benfazejas deste meu longo trajeto de gratas companhias. Do melhor que pude fazer na vida, centrado nisto, acordado ou dormindo.

Não me pejo em recordar os dias ansiosos, como tentei me introduzir no Ponto de Cem Réis, assim que cheguei. Falava e cumprimentava sem conhecer ninguém, temendo a cara de penetra, mas querendo ser, marcar presença, mesmo percebendo a reação de muda estranheza: “De onde vem esse?”. Entrava na roda com um “tudo bem?”— que só com o tempo foi obtendo resposta e ganhando significado.

E entre esses, ressurgido ali entre apressados fregueses, lá veio o amigo de quem a bela e simpática filha recolhera a lembrança de meu nome:

“...sou filha de Carneiro, um dos que ajudaram a afundar as poltronas do senadinho de Chico Souto”. Rimos e curtimos por um instante esta boa lembrança para lá do século passado.

José Dantas Carneiro, um dos homens mais educados, para não dizer afáveis, que tive a sorte de contar entre minhas camara-dagens. Afável sem deixar de ser corajoso, pois abriu-me cadastro no banco que gerenciava, o antigo Banco do Povo, ferro de engomar da Barão do Triunfo com a Gama e Melo, na descida para o Varadouro. Cadastro passível de registro, meu pobre nome com endereço na Maroquinha Ramos e renda colhida na folha de extranumerários de **A União**. Amizade que antecedeu a de Chico, que só veio aparecer como o deputado de

“

Mas há ocasiões em que os carrinhos de coleta se engancham e fazem, assim, as pessoas se acharem e se darem em sentimentos

Gonzaga Rodrigues

Esperança em 1958.

Era o tempo em que os bancos valiam pelo prestígio dos nomes que os gerenciavam: David Trindade no Banco do Brasil, Carneiro no Banco do Povo, Edmundo no Indústria e Comércio dos Ribeiros, João Jardelino no Industrial de Campina Grande. Nomes que valorizavam nossos acenos e nossas convivências.

A menção na conversa a D. Cecília, viúva de Chico, avivou com nitidez o instante em que soou pelo rádio a cassação do marido, em 1968, encontrando-nos sentados num tronco de coqueiro ao pôr do sol de Camboinha. Naquela hora turva, o começar-de-novo não teve outro amparo senão a serena firmeza inspirada por D. Cecília, uma descendente próxima dos Sobreiras,

que tiveram em coronel Elísio um dos homens fortes do presidente João Pessoa.

Tudo isto por entre outros e bem diferentes milhares de itens expostos no supermercado. Engana-se quem julga que “recordar é viver” é coisa surrada.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

PARAÍBA QUE ACOLHE

Programa contempla, hoje, 53 crianças e adolescentes

“Órfãos da Covid-19” recebem auxílio financeiro de R\$ 534,32 em 19 cidades da PB

João Pedro Ramalho
joapramalhom@gmail.com

Uma das consequências mais devastadoras da pandemia de Covid-19 foi a orfandade de crianças e adolescentes que perderam ao menos um dos pais por causa da doença. Segundo relatório do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e do Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH), mais de 113 mil menores de idade viveram essa situação, apenas entre março de 2020 e abril de 2021. Para dar suporte a esse público, o Governo do Estado criou o Programa Paraíba que Acolhe, instituído pela Lei nº 12.049, de 14 de setembro de 2021, e iniciado efetivamente dois meses depois. Hoje, a política contempla 53 crianças e adolescentes, de 19 municípios paraibanos, com um auxílio financeiro de R\$ 534,32 por pessoa.

O Paraíba que Acolhe é conduzido pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh) e coordenado pela assistente social Jéssica Juliana Batista. Segundo ela, o pro-

grama nasceu por uma vontade política de trazer reparação às vítimas da pandemia, sendo financiado integralmente pelo Governo Estadual. Têm direito ao benefício crianças e adolescentes que perderam ambos os pais (orfandade bilateral) ou um dos genitores, desde que ele fosse o único responsável por seu cuidado (orfandade monoparental). Além disso, todos os contemplados atendem a um critério de renda familiar, cujo total deve ser inferior a três salários mínimos ou equivaler, no máximo, a meio salário mínimo *per capita*.

Entre o público atendido, a faixa etária com mais representantes é a de adolescentes entre 14 e 17 anos, com 22 beneficiados. Outro perfil que demanda bastante atenção da Sedh é o de recém-nascidos cujas mães faleceram após o parto, enquanto os pais abdicaram da responsabilidade pela criação. Foram, ao menos, quatro casos assim. A situação que atinge esses bebês, aliás, não é exclusiva desse grupo e aponta para uma desigualdade de gênero comum

na sociedade, como descreve a coordenadora do programa. “Cerca de 95% do nosso público são de mulheres, como tias e avós, que assumiram o cuidado com as crianças de suas filhas e noras, porque, na imensa maioria dos casos, os pais se tornaram ausentes. Alguns mudaram de estado, constituíram família e tiveram outros filhos, mas não criam a criança fruto da relação com a pessoa que faleceu de Covid-19”, conta Jéssica.

Para a assistente social, o Paraíba que Acolhe destaca-se por amparar pessoas que vivenciam um tema ainda pouco discutido. “Eu defendo que a orfandade é uma expressão do conjunto de problemáticas que envolve toda a sociedade, como a fome, o desemprego e a violência. E a pandemia veio revelar que ela não é uma questão para ser colocada debaixo do tapete. Pelo contrário, existem dimensões que abarcam as famílias dessas pessoas e que são responsabilidade do Estado, não individual. Assim, não é porque o pai ou a mãe da crian-

ça morreu e ela vai ficar com a tia que está tudo bem. O Estado tem que garantir condições para essa família que recebe o órfão”, afirma.

Nesse sentido, a ação da Sedh tem ido além do auxílio financeiro e inclui o acompanhamento mais próximo das pessoas atendidas. Para isso, foi criada uma equipe multidisciplinar, com assistente social, advogada e psicóloga, que passou a visitar as crianças e os adolescentes. “A partir desse momento, nós descobrimos crianças com deficiência, por exemplo, e fizemos uma articulação com a Funad [Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência], para que elas tivessem prioridade no atendimento. A gente também descobriu demandas de saúde mental e trabalhou, junto às redes de saúde dos municípios, para que essas pessoas pudessem ser atendidas. Ou então, se a criança estava fora da escola, a gente entrou em acordo com a rede municipal de educação, para que ela fosse aderida mais rápido”, detalha Jéssica.

UN Informe

DA REDAÇÃO

AVANÇO DO PROGRAMA MAIS MÉDICOS BENEFICIA POPULAÇÃO DA PARAÍBA

Em 2023, o Governo Federal retomou o Mais Médicos para responder ao desafio da presença de profissionais nos municípios distantes dos grandes centros e nas periferias das cidades. Menos de dois anos depois, o programa já alcança cerca de 80% dos 4,9 mil municípios com menos de 52 mil habitantes. Hoje, o Mais Médicos está presente em 3.901 dessas cidades, garantindo atendimento, principalmente nas regiões de vazio assistencial. O Ministério da Saúde calcula 26,9 milhões de pessoas com acesso à saúde. Na Paraíba, há 469 profissionais em atuação. A ministra da Saúde, Nisia Trindade, vê o crescimento do programa como uma conquista. “É essencial, para o SUS, chegar a todo o país. O Mais Médicos é uma realidade e faz a diferença. Quando assumimos o governo, havia menos 13 mil profissionais em atividade. Hoje, já ultrapassamos 25 mil médicos atuando no Brasil e queremos alcançar os 28 mil daqui para frente”, defende. O Mais Médicos avançou, sobretudo, entre os municípios de maior vulnerabilidade social: 60% dos médicos estão nessas localidades. Pela primeira vez na história do programa, o Ministério da Saúde abriu vagas para a Amazônia Legal. Nessa região, municípios de muito alta vulnerabilidade passaram a ter médicos pela primeira vez em 2023.



Foto: Marcelo camargo/Agência Brasil

LIBRAS NAS ELEIÇÕES

O Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba, por meio do Núcleo de Acessibilidade, Inclusão e Diversidade (Naid), oferecerá novamente, no segundo turno das Eleições 2024, intérpretes de libras para auxiliar eleitores surdos ou pessoas com deficiência auditiva a exercer o direito do voto. No dia 27 de outubro de 2024, das 8h às 17h, o serviço especializado será oferecido gratuitamente pelo telefone (83) 3512-1500.

CBTU É TEMA DE EXPOSIÇÃO

A Paraíba deve ser um dos estados a receber a Exposição Fotográfica Itinerante da CBTU intitulada “Reduzindo Distâncias, Construindo Futuros”, que será lançada na próxima quarta-feira (23), no Congresso Nacional, em Brasília. A mostra estará disponível, no espaço Senador Ivandro Cunha, até 1º de novembro e depois segue para estados onde a CBTU atua (AL, PB, PE e RN).

PRF CONTRA O CÂNCER INFANTIL

A Polícia Rodoviária Federal (PRF) na Paraíba deu início, na sexta-feira (18), à campanha Policiais Contra o Câncer Infantil. A iniciativa, que se estenderá até o dia 20 de novembro, mobilizará a sociedade para a doação de sangue, um gesto de solidariedade que pode fazer a diferença na vida de crianças e adolescentes com câncer. Na abertura da campanha, policiais e colaboradores se uniram no Hemocentro para doar.

HISTÓRIA DO JUDICIÁRIO

O projeto “Conheça o Palácio da Justiça e sua história” tem uma vasta programação até a próxima sexta-feira (25), que inclui visitas ao Museu do Poder Judiciário e palestras proferidas pelo desembargador Marcos Cavalcanti de Albuquerque, presidente da Comissão de Cultura e Memória do TJPB. Na última sexta-feira (18), os alunos da Escola Estadual Cidadã Integral Milton Campos, de João Pessoa, passearam pela história do Judiciário.

DIVULGAÇÃO DE VÍDEOS ÍNTIMOS

A Câmara Criminal do Tribunal de Justiça da Paraíba decidiu manter a condenação imposta pelo Juízo da 6ª Vara da comarca de Patos a um homem por crimes relacionados à divulgação de materiais íntimos e ameaças à ex-companheira. O réu teria publicado vídeos da vítima nas redes sociais por estar inconformado com o fim do relacionamento. Ele foi condenado a dois anos de reclusão e um mês de detenção, a ser cumprida em regime aberto.

BAYEUX INICIA ESTUDOS PARA VIRAR UMA “PREFEITURA DIGITAL”

A Prefeitura de Bayeux iniciou estudos para se transformar em “prefeitura digital”. O secretário de Governo e Articulação Política do município, Henrique de Oliveira, reuniu-se com o secretário de Ciência e Tecnologia do Recife, Rafael Figueiredo, para se inteirar e conhecer como a capital pernambucana se transformou em uma referência nacional de governo digital. O gestor recifense se dispôs a ajudar Bayeux no processo de modernização e digitalização dos serviços públicos do município.



Equipe multidisciplinar da Sedh, com assistente social, advogada e psicóloga, passou a visitar as crianças e os adolescentes

Foto: Arquivo pessoal

Garantia de segurança alimentar às famílias

Se a orfandade impactou negativamente a vida das crianças e dos adolescentes atendidos, o auxílio financeiro contribuiu para garantir a segurança alimentar dos lares que as acolheram. Jéssica Juliana ressalta que a maior parte das novas famílias já era extensa, muitas delas sustentadas por pessoas em trabalhos informais ou precários. “Mesmo com aquele ditado de que ‘onde come um, comem dois ou três’, a gente sabe que uma pessoa que chega é uma boca a mais. Imagina quando são uma, duas, três ou até quatro crianças?”, comenta a coordenadora do programa.

Quem viveu essa situação foi Ana Cláudia Gomes, que trabalha como faxineira. Há dois anos, sua irmã faleceu com Covid-19 e deixou três filhos. Os mais novos, Gabriel e Davi, tinham, respectivamente, 16 e 13 anos, e ficaram sob a responsabilidade legal da irmã mais velha. Porém, quem assumiu o cuidado dos rapazes, na prática, foi Ana Cláudia. Segundo ela, passaram a morar sete pessoas sob o mesmo teto, e apenas três têm alguma fonte de renda — a maior parte informal. O valor recebido, portanto, ajui-

da a manter o sustento dos sobrinhos. “Eu compro material de higiene para eles e tiro um dinheirinho para comprar as coisas dentro de casa, porque, senão, como é que vão comer, tomar banho ou se vestir? E o que sobra do auxílio eu dou na mão dos dois, para cortarem o cabelo, comprarem um lanche e fazerem o que quiserem. Até porque o dinheiro é deles, não é?”, relata.

Desde agosto deste ano, contudo, Gabriel deixou de receber o auxílio, uma vez que completou 18 anos de idade, limite estabelecido na legislação. Além dele, oito adolescentes já tiveram o benefício suspenso pelo mesmo motivo após o início do programa. De acordo com Jéssica, a Sedh trabalha na minuta de um novo projeto de lei, que amplie a faixa etária beneficiada pelo programa para 24 anos e chegue a outros perfis, como as viúvas da Covid-19. Também há a intenção de alcançar um público mais extenso entre os órfãos da pandemia, pois a secretaria estima que há, na Paraíba, 488 crianças e adolescentes nessa situação e em condição de vulnerabilidade social.



Jéssica Juliana ressaltou que o programa pode ser ampliado

Foto: Arquivo pessoal

A coordenadora do programa explica que a nova proposta nasceu do confronto com informações atualizadas acerca dessas crianças e adolescentes. “Quando a gente iniciou, os dados sobre a orfandade ainda eram muito crus no Brasil, então não se tinha um número exato. Mas, hoje, a gente já consegue contabilizar, com base em estudos de alguns institutos de pesquisa, o que nos ajuda a pensar esse redesenho do programa e a flexibilizar o conceito de orfandade”, esclarece.

“
Eu compro material de higiene para eles e tiro um dinheirinho para comprar as coisas dentro de casa

Ana Cláudia Gomes



Foto: Roberto Quevedes

Ricardo Barbosa

Presidente da Companhia Docas

“Assim como a Paraíba, o Porto de Cabedelo vive o seu melhor momento”

Responsável pela gestão portuária detalha projetos voltados à expansão da atividade econômica na Grande João Pessoa

Lilian Viana
lilian.vianacaneua@gmail.com

Com uma localização estratégica, o Porto de Cabedelo — o mais oriental das Américas — destaca-se não apenas pela movimentação de cargas, mas também pelo seu papel fundamental na economia e na logística do estado. Recentemente, o porto passou por uma transformação significativa, com investimentos que ultrapassam R\$ 200 milhões, viabilizando reformas e ampliações que prometem elevar sua capacidade operacional e sua relevância no cenário portuário brasileiro. Em entrevista ao Jornal **A União**, o presidente da Companhia Docas da Paraíba, que gerencia o Porto de Cabedelo, Ricardo Barbosa, contou sobre as obras em andamento e os novos projetos de cabotagem — processo de transporte de cargas marítimas ao longo da costa de um país, ou seja, de um porto a outro. Ele comentou como essas iniciativas refletem em um futuro promissor para o porto e para a Paraíba.

Entrevista

■ Qual o perfil do Porto de Cabedelo?

O porto é um dos principais vetores de desenvolvimento do estado. Ele é responsável por grande potencial de cargas que saem notadamente daqui da região para outros portos por meio de cabotagem. Nós temos uma boa potencialidade em fase inicial de exportação, como o açúcar, por exemplo, que, pela primeira vez, exportamos no fim do ano passado. Trabalhamos muito com importação e exportação para as indústrias cimenteira e de cerâmica nacional. Também tem os grãos sólidos, como é o caso do malte, do trigo e da própria cevada, com granaís líquidos. Temos, ainda, dois terminais de combustíveis de parceiros arrendatários na área primária do Porto — Itacaba e a Nordeste Logística — que, juntas, operacionalizam mais de 300 mil toneladas de combustível por ano. Todos os combustíveis utilizados no consumo dos 223 municípios da Paraíba chegam ao nosso estado pelo Porto de Cabedelo. O porto tem uma importância fundamental nessa logística de cargas e no desenvolvimento do estado.

■ Como o senhor avalia a atuação do porto atualmente?

O porto passa por um processo de reforma intenso, com o apoio do governador João Azevêdo. Só neste ciclo da minha gestão, iniciada no dia 3 de fevereiro do ano passado, foram investidos mais de R\$ 200 milhões. O porto mudou muito, graças aos esforços de toda a equipe, notadamente do apoio do governador e do governo. Quando nós entramos, os cinco armazéns destinados às operações estavam interditados por força de determinação do Ministério do Trabalho. Esses armazéns passaram por reformas e requalificações. Todos foram liberados para operação. Nós estamos com investimentos de mais de R\$ 100 milhões na drenagem profunda, com um foco especial para a questão da sustentabilidade do meio ambiente, construindo a estação de tratamento de resíduos sólidos e líquidos e o lava-rodas para processamento de

limpeza dos caminhões e carretas que trafegam em operação no interior do porto. Estamos investindo também na reconstrução da sede administrativa, na requalificação, na reforma e na ampliação dos espaços destinados aos órgãos anuentes. No interior do porto, temos, trabalhando diariamente, a Polícia Federal, a Receita Federal, a Anvisa, a Antac — que é a nossa agência reguladora nacional —, o Ministério da Agricultura e alguns outros órgãos que têm intervenção direta com o trabalho e com as atividades portuárias.

■ Então, podemos dizer que o porto está em processo de desenvolvimento?

Com certeza. Assim como a Paraíba, o porto vive o seu melhor momento. Ele completará 90 anos em janeiro de 2025 e a gente pode dizer, sem medo de cometer exageros, que estamos construindo um novo porto, uma nova história, que refletirá na economia e no desenvolvimento do estado. Nós estamos na iminência, para os próximos meses, de inserir no Porto Cabedelo uma rota de cabotagem de contêineres. Esse tem sido o nosso maior desafio, porque iremos aumentar a capacidade operacional. Estamos construindo quatro pátios para comportar o armazenamento de quatro mil contêineres. Eu tenho certeza que, a partir da consolidação dessa rota de contêineres, o porto dará o mais elevado salto de toda a sua história. Vamos gerar empregos, renda e arrecadação de tributos a partir dessas operações. Neste primeiro momento, ainda não teremos como operar em longa distância, por exemplo, sair navio de contêineres ou chegar navio de contêineres direto da Ásia para o Porto de Cabedelo. Mas a gente fará a capotagem, ou seja, exportará ou importará dos grandes portos e, deles, essas cargas contêinizadas irão para o mundo. Isso quer dizer que o Porto de Cabedelo está na iminência de se transformar em rota de cabotagem de contêineres.

■ A localização do Porto de Cabedelo é um diferencial nesse processo de

ampliação das atividades?

Nós somos o porto mais oriental das Américas, o mais próximo da Ásia, da Europa e da África. Nós temos um diferencial imenso e é ele que está fazendo a gente crescer mensalmente. A página de divulgação oficial do Ministério dos Portos postou o Porto de Cabedelo como tendo um dos maiores crescimentos portuários no ano. Nós estamos crescendo mês a mês, temos aí um acumulado bem considerável, maior do que a média nacional. Também temos a questão tarifária como diferencial. Nós temos uma política tarifária extremamente competitiva. Somos o porto que tem a menor tarifa dos portos que operam em média e larga escala do Brasil, em particular no Nordeste, e isso tem feito com que nós estejamos, cotidianamente, sendo procurados por novos parceiros.

■ No ano passado, o calado (profundidade a que se encontra o ponto mais baixo da quilha de uma embarcação, em relação à superfície da água) do Porto de Cabedelo foi ampliado. Já é possível sentir os efeitos dessa ampliação?

Sim. Nós passamos de nove metros e 14 centímetros para 11 metros, por meio de um investimento de R\$ 120 milhões com recursos do Governo do Estado. Estamos aguardando a homologação da Marinha, que deverá ocorrer até o fim de novembro, para operar. O porto que, hoje, só recebe navios com até 35 mil toneladas de cargas passará a receber embarcações com 55 mil toneladas. Isso incrementa em quase 70% nossa capacidade operacional.

■ Com essa ampliação da capacidade operacional, a demanda também aumentará. O que está sendo feito para atender bem essa demanda em crescimento?

Nós temos em curso algumas licitações para projetos de construção de um novo berço [local onde o navio atraca no porto, também chamado de terminal marítimo]. Tudo indica que a gente terá, nos próximos dois ou três anos, uma necessidade premente, imediata, de licitarmos e executarmos a construção de novo berço em função desse incremento no volume de operações. Também estamos em fase de conclusão de um projeto para a ampliação do chamado Dique de Cabedelo. Vamos expandi-lo em 200 metros para evitar o assoreamento, que é iminente e que comprometeria todos os investimentos feitos com a dragagem [escavação, para aumentar a profundidade], que foram de R\$ 120 milhões. Após a conclusão de estudos, licitaremos essa obra, estimada em algo próximo a R\$ 100 milhões, incluindo uma nova dragagem para a bacia.

■ Há algum projeto voltado para o Terminal de Passageiros?

Sim. Já estamos em tratativas

para, a partir de 2025 ou 2026, inserirmos o Porto de Cabedelo no roteiro turístico de transatlânticos. Fomos recebidos, recentemente, pela direção nacional da MSC, a maior empresa de navios turísticos do mundo, e ela manifestou, de forma contundente, o interesse de incluir Cabedelo no roteiro desses transatlânticos no Nordeste. Os estudos que contratamos também têm a finalidade de preparar o porto para a adequação de um terminal de passageiros, para atender essa demanda, que é crescente no mundo todo, no Nordeste, especialmente, e na Paraíba. Com o Polo Cabo Branco, que está sendo construído pelo Governo do Estado, em parceria com a iniciativa privada, isso se torna um apelo ainda mais forte, e estamos prospectando uma demanda maior no porto também.

■ Hoje em dia, o Porto importa mais ou exporta mais?

A gente tem equilibrado bem o balanço de cargas em relação à importação e à exportação, mas a gente tem um volume maior de importação, ainda, exatamente em função das dificuldades que nós tínhamos de calado, vencidas agora com a dragagem, com algumas exigências operacionais. Para exportar alguns produtos, temos que ter equipamentos que são caríssimos, por exemplo, um scanner de contêiner custa mais de R\$ 20 milhões. A gente está em processo de licitação de um equipamento desse.

■ A disponibilização de pátio de triagem de caminhões ainda não é uma realidade de todos os portos brasileiros. Mas, você fez questão de construir, assim que assumiu a presidência. Por quê?

Opátio de triagem de caminhões PB Truck Center é uma parceria que envolve o Porto de Cabedelo, o Governo do Estado, o próprio Ministério dos Portos e a iniciativa privada. Ele tem sido fundamental; uma realidade que haverá de se consolidar em médio e em longo prazo, em todos os portos brasileiros, porque o transporte de carga rodoviária impacta muito na mobilidade urbana das cidades. Aqui, em Cabedelo, era muito difícil a circulação de veículos da zona central até o porto. Esses caminhões, por não poderem acessar o porto a um só tempo, porque têm um fluxo de operação, ficavam estacionados nas vias públicas, tomando quase todo o espaço do tráfego urbano. Com a construção desse parque de triagem na retroárea do porto, ali próximo à Praia do Jacaré, praticamente acabamos com esse congestionamento quilométrico, porque os caminhões de carga só saem de lá do parque de triagem quando são chamados, de forma remota. Então, eles só acessam o porto na hora em que devem fazer sua operação, seja de carga ou descarga. Por isso, considero uma das obras mais importantes da nossa gestão.

■ Cabedelo possui a terceira maior arrecadação do estado. De que forma a atuação do porto contribui para isso?

O porto tem uma relação de muito impacto com a sociedade cabedelense e com o próprio estado, não somente no que diz respeito ao escoamento das cargas e à logística de transportes, mas, particularmente, à economia e ao desenvolvimento de Cabedelo. O porto contribui muito robustamente para a arrecadação de ISS [Imposto Sobre Serviços] e de ICMS [Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços]. E, afora esse aspecto, que já tem muita relevância, o porto, nesse novo modal de cargas de contêinerizadas, propicia não somente o incremento nas arrecadações e nos repasses de natureza tributária, mas na geração de emprego e renda. Isso é toda uma cadeia, que reflete, também, no aumento de construção de pousadas, de restaurantes, de postos de gasolina, de hotéis. À medida que o porto exponencializa suas operações, surge a necessidade paralela de outras atividades crescerem juntos.

■ E a questão social também é levada em consideração nos projetos de ampliação do Porto?

Sem sombra de dúvidas. A responsabilidade social deveria ser missão precípua de todos os portos, porque, embora atraíam e gerem muitas riquezas, eles trazem consigo também uma dose de prejuízos, de danos às cidades e às comunidades que abrigam esses portos. E, para enfrentar esses problemas, criamos o programa Porto Cidade, considerado, hoje, o maior programa de assistência, de colaboração social do Brasil, em que trabalhamos três pilares: saúde, educação e cultura. Na saúde, realizamos um programa que atende pessoas da comunidade, oferecendo exames e consultas com médicos de diversas especialidades, além de um gabinete odontológico. Como pilar de educação, temos o Porto que Educa, que oferta cursos de Inglês, Espanhol e Logística Portuária, além do curso de assistente administrativo e de ações de conscientização ambiental. No último pilar, o da cultura, temos o Porto que Toca, realizado em parceria com a Escola Antenor Navarro de Música, que tem encantado os moradores com aulas de diversos instrumentos, como violino, violão, banjo, cavaquinho, flauta doce, flauta transversal, teclado, bateria e percussão. Em novembro, criaremos o mais auspicioso projeto voltado à formação tecnológica dos jovens, com bolsas, estrutura e emprego. Nossa atuação social tem sido motivo de muito orgulho, com visitas de diversas delegações de outros portos que querem compreender, aprender e sentir na prática o desenvolvimento do programa Porto Cidade.

FELICIDADE TÓXICA

Pressão para ter uma vida perfeita

Comparar a própria realidade com os padrões irreais das redes sociais pode causar depressão, ansiedade e apatia

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

“Veja pelo lado bom” ou “Não é tão ruim assim” ou, ainda, “Não ligue pra isso, logo vai passar”. Essas e outras expressões costumam ser usadas como uma forma de estimular a positividade e a felicidade constantes, como se fosse necessário — e possível — anular o sentimento de tristeza, de frustração ou de sofrimento. Essa cobrança para estar bem e feliz o tempo inteiro, chamada de “felicidade tóxica”, muito alimentada pelas redes sociais, traz prejuízos à saúde mental, podendo causar, ou agravar, problemas como ansiedade e depressão.

Uma pesquisa realizada em 40 países e publicada pela revista científica Nature mostra que a pressão social para ser feliz está associada a uma queda do bem-estar individual, sobretudo em países onde há elevados índices de bem-estar coletivo. Segundo a psicóloga Josiplessis Marques, especialista em neuropsicologia, a felicidade tóxica está muito ligada a uma “neurose coletiva”, como diria Carl Jung, psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica. “Essa neurose se refere a estar ou parecer estar sempre bem, como uma busca por aprovação social — ou, na atualidade, por likes”, explica.

Essa positividade ilusória costuma ser alimentada pelo discurso motivacional,

universo em que influenciadores, coaches e outras figuras que compartilham recortes de uma vida perfeita pelas redes sociais são os principais estimuladores dessa distorção. “Ninguém posta nada muito verdadei-

ro, mostra apenas o ideal. E as pessoas que seguem esses perfis também ficam perseguindo essa felicidade idealizada, como se isso lhe desse mais aceitação social. Parecer feliz é uma necessidade quase patológi-

ca. Você não deve mostrar o feio, tem de mostrar a sua melhor versão. Não importa se está doente, se está deitado, se está em crise conjugal, se os filhos não são os mais bem-comportados e com as melhores notas... O que im-

porta é aparentar perfeição”, destaca a psicóloga.

A busca pelo modelo ideal de felicidade, comparando a própria realidade com os padrões inalcançáveis propagados pelas redes sociais e outros meios, vem causando sofrimento em muitas pessoas. Conforme Josiplessis, comparar-se constantemente com os outros pode causar ansiedade. “Essa referência de vida ideal tem provocado muita angústia. Se a pessoa já tiver predisposição, isso pode desencadear estados depressivos, causar apatia e levar a outros transtornos”, reforça.

A profissional conta que recebe, em seu consultório, pessoas com experiências e sentimentos do tipo. “De uma delas, ouvi que, em feriados, ela não gostava de acessar as redes sociais, porque sentia raiva e inveja. Via muitas pessoas em resorts, com a família, todos muito unidos, enquanto ela estava passando por um divórcio ou por uma crise financeira, e aquilo a irritava. Veja só como essa comparação ativa sentimentos ruins”, destaca.

Devido à pressão social para se mostrar feliz o tempo todo, muitas pessoas acabam passando por seus momentos de dificuldade e tristeza de forma solitária, por receio de ser excluído socialmente, ao expor os seus problemas e reconhecer que a sua vida não é perfeita. Também há quem silencie para não incomodar familiares e amigos com notícias e sentimentos pesados. “A

obrigação de ser feliz o tempo todo faz a gente se desconectar do que realmente é. Temos visto pessoas com quadros depressivos graves, passando por um sofrimento profundo, sem demonstrar nada para ninguém, vivendo tudo internamente, numa solidão embutida. E tudo por acreditar que ninguém vai querer a companhia de quem está negativo, de quem está passando por problemas com a família ou com o trabalho. Isso tem gerado uma sociedade solitária”, diz ela.



Foto: Arquivo pessoal

Parecer feliz é uma necessidade quase patológica. Você tem de mostrar somente a sua melhor versão

Josiplessis Marques

Alternativas para escapar das armadilhas do “você tem que”

O professor Arlandson Oliveira é um exemplo do quanto essa obrigação de ser feliz o tempo inteiro é nociva, sobretudo durante o uso das redes sociais. Embora nunca tenha tido interesse em acompanhar influenciadores que têm um conteúdo focado apenas na exposição de uma rotina perfeita, isso ainda chegava até ele. “Um tempo atrás, precisei me desligar do Instagram, porque percebi que estava me fazendo mal”, conta.

Ele diz que prefere ver memes, receitas, dicas de lugares para visitar ou de sites úteis, entre outros. Mas ainda fica exposto a essas vidas supostamente perfeitas, e isso eventualmente o incomoda. “Como muitas coisas na vida, é preciso selecionar o conteúdo digital que consumimos, identificando e deixando de acessar conteúdos e perfis que nos fazem mal, reduzindo o tempo de tela ou tentando ajustar os famosos algoritmos para aquilo que mais nos interessa. É o que tento fazer”, ensina.

Além dessas estratégias para driblar o “ideal de vida perfeita”, ele diz que também busca conversar e com-

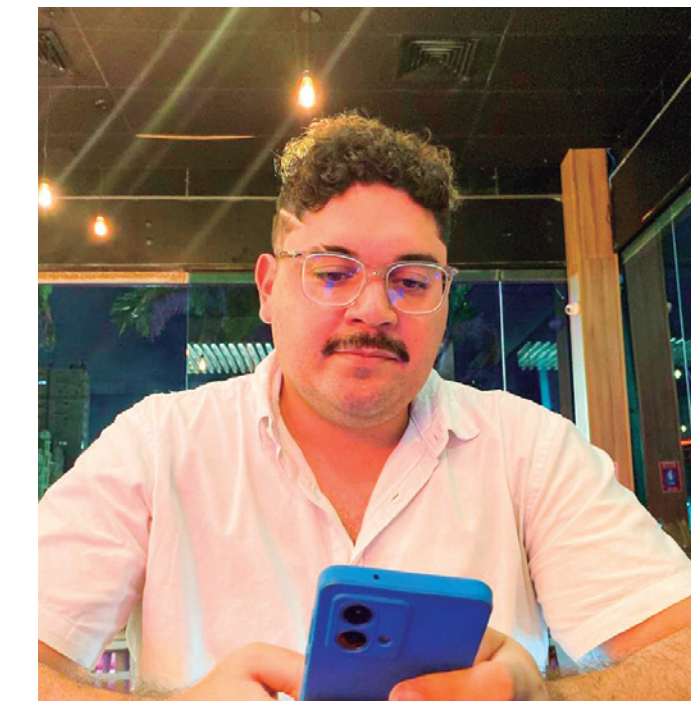


Foto: Arquivo pessoal

Arlandson escolheu passar um tempo sem redes sociais

partilhar experiências com os amigos. “Acredito que a partilha das vidas reais imperfeitas — necessariamente imperfeitas e comuns a todos nós — nos ajuda a criar uma rede de apoio e de referências para nos guiar e dar suporte nas variadas situações por que passamos”, destaca.

O estudante Daniel Fagundes engrossa o coro contra a busca pelo ideal irrealizável. “Isso parece que já está no nosso subconsciente. Às vezes, nem

percebemos, porque estamos expostos a esse conteúdo o tempo todo, na internet, na televisão... É difícil driblar”, diz, ao se referir às redes sociais, nas quais se publica apenas o momento feliz e bonito. Mesmo assim, ele também busca alternativas para não ser tão afetado por isso. “Não sigo influenciadores que apenas mostram a vida deles; procuro pessoas que tenham algum conteúdo, que deem dicas sobre algum tema, que acrescentem algum co-

nhecimento”, afirma.

Daniel também destaca que é preciso ter o discernimento de que aquele dia a dia apresentado nas redes sociais mostra somente um recorte do real. “Isso ajuda a reduzir a ansiedade e não buscar ter uma vida igual àquela que estamos vendo”, aconselha.

Curvas

De acordo com Josiplessis, para amenizar a influência das redes sociais quanto à felicidade tóxica, é preciso vivenciar cada circunstância da vida, entendendo que ela é feita de fases — e algumas delas serão mais difíceis. Ou seja, é algo que deve ser encarado como uma parte natural da trajetória humana. “Outra saída é diminuir o tempo de tela e se dedicar a outras atividades, de preferência ao ar livre, como praticar atividades físicas, fazer programações em grupo e socializar com amigos e familiares. Tudo na vida real, de forma presencial. Precisamos fazer coisas que nos dão prazer. Cozinhar, brincar com crianças ou com animais de estimação, fazer trabalhos manuais, enfim, tudo o que nos conecta

com nós mesmos”, orienta.

A psicóloga também enfatiza que a felicidade não é uma linha contínua, mas um caminho cheio de curvas, em que há momentos felizes e outros não tanto. “Viver feliz o tempo todo é paranoico, algo que está fora do que chamamos de saúde mental saudável. O natural é que a gente sinta tristeza, raiva, frustração e passe por perdas na vida. Que saibamos superar isso para, nos momentos bons, usufruir e aproveitar”, conclui.

Além da necessidade de sempre parecer bem, outra

exigência atual que também pode causar adoecimento mental é a busca excessiva pela produtividade. “A pessoa se sente compelida a dizer que está sempre no modo trabalho, produtivo, trabalhando intensamente. Não é permitido dizer que está num ritmo menos acelerado, porque isso não cai bem, não dá like. O que engaja são as vidas ideais, num padrão fora do natural, do humano. Ou seja, há várias armadilhas, muitas das quais são vendidas via redes sociais. E nós estamos sendo presas fáceis delas”, alerta.



Foto: Arquivo pessoal

Daniel só segue influenciadores que agregam conhecimento

CONCURSO

É válido concorrer em outro estado?

Além da vontade de conquistar a vaga, é preciso avaliar os custos financeiros e emocionais de uma possível mudança

Anderson Lima
Especial para A União

A busca pela realização de um sonho leva muitos candidatos a prestar concursos em outras regiões, procurando melhores oportunidades. No entanto, a decisão de enfrentar essa jornada envolve mais do que a vontade de conquistar uma vaga; é preciso avaliar os custos da viagem e da hospedagem, as chances de aprovação e como será a nova vida, caso a pessoa passe.

Segundo o estrategista de carreiras Rodrigo Apolinário, fazer um concurso público em outra cidade exige mais do que apenas estudar; é necessário planejamentos financeiro, logístico e emocional para garantir que a jornada seja eficiente e menos estressante para o candidato.

Ele frisa que existem três tipos de perfis de candidatos a concursos, sendo o primeiro aquele que se prepara com muita antecedência, organizando a rotina de estudos, fazendo cursos e se mantendo atualizado com os editais. “Quando a oportunidade surge, essa pessoa está mais bem pre-



Foto: Arquivo pessoal

Jessica prefere tentar vagas no Nordeste, para não se distanciar tanto da sua família; recentemente, ela fez uma prova no Ceará

parada”, explica. Já o segundo perfil começa a estudar apenas depois da publicação do edital, organizando-se especificamente para aquela prova. O terceiro é o concurseiro de última hora, que descobre o concurso perto da data da prova e

tenta fazer o possível para participar, mesmo sem um preparo sólido. Natural de João Pessoa, Jessica Farias, de 22 anos, estudante dos cursos de Direito e Jornalismo, tem o perfil número um. Concurseira na área policial, ela ressalta

que sempre está atenta aos editais que são publicados na área de segurança pública. Em julho passado, ela participou da primeira etapa de um certame no Ceará, para o cargo de policial penal. Para tal, precisou se deslocar cerca de 670 km,

em nove horas de viagem. Ela também já realizou as provas da Polícia Militar da Paraíba (PMPB) e da Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana da capital (Semob-JP). Mas fatores como uma boa remuneração e o sonho de mudar

de vida levam a candidata a também avaliar editais de provas fora de João Pessoa. O principal obstáculo é o financeiro. “Custear as idas e voltas para cada etapa do concurso é muito caro, mas tenho uma família que sempre me apoia e me incentiva a seguir meus sonhos, independentemente do estado. Acredito que, quando se tem um sonho, nada é impossível”, relata. Mesmo não sendo na Paraíba, ela prefere tentar vagas no Nordeste, para não se distanciar tanto da sua família.

Roteiro

Fazer um concurso em outra cidade exige mais do que apenas estudar; planejamentos financeiro, logístico e emocional garantem uma jornada menos estressante

Chave para uma experiência de sucesso depende de organização

Na realização da primeira etapa do concurso da Polícia Penal do Ceará (PPCE), Jessica foi com o seu namorado, a sua mãe e um colega concurseiro, seguindo um planejamento financeiro que ficasse entre R\$ 400 e R\$ 600. “Fomos de carro, dividindo o valor da gasolina e da hospedagem pelo Airbnb, em um flat. No fim, gastamos cerca de R\$ 550, por pessoa, incluindo alimentação, hospedagem e transporte”, conta.

Depois da primeira fase, Jessica se preparou para a segunda etapa do concurso, o Teste de Aptidão Física (TAF), que aconteceu em setembro. A família a acompanhou novamente, com uma média de gastos semelhante à da primeira etapa — ou seja, em torno de R\$ 500, por pessoa.

Embora reconheça que a distância familiar será um desafio, caso seja aprovada, Jessica está focada no propósito de seguir a carreira que tanto deseja. “Sei que será difícil ficar longe da minha família, mas tudo isso é por um propósito maior. Coloquei uma frase na minha mesa de estudos: ‘Só vive o propósito quem suporta o processo’. Isso me motiva a continuar”, diz. Desde que entrou no curso de Direito, ela se apaixonou pelas carreiras policiais e decidiu se dedicar completamente aos concursos dessa área.

Para Apolinário, quando se trata de fazer uma prova em outra cidade, há fatores cruciais a serem considerados. “Se vai de avião, ônibus ou carro, a pessoa precisa calcular o tempo de deslocamento, além do custo com transporte. Também é importante avaliar a distância entre o lo-



Foto: Arquivo pessoal

O salário precisa ser compatível com a realidade local, pois pode haver muita diferença em relação ao custo de vida

Rodrigo Apolinário

cal de estadia, na cidade, e o lugar da prova”, observa. Outro ponto relevante, segundo ele, é ter uma reserva financeira para imprevistos, como questões de saúde ou outras necessidades que possam surgir. “Tudo isso precisa estar na conta, quando se decide fazer um concurso fora do estado”, afirma.

Futuro

Rodrigo Apolinário também ressalta que o candidato precisa estar preparado para a possibilidade de mudança de endereço, caso seja aprovado no concurso. É importante que, antes de fazer a prova, a pessoa pesquise sobre a cidade — rotina, qualidade de vida, segurança, acesso a serviços de saúde e educação são alguns itens elencados. “Ex-

plorar o lugar antes da prova pode ajudar o candidato a se sentir mais à vontade com a ideia de morar lá, no futuro”, sugere.

Outro fator que deve ser analisado com cuidado é o custo de vida da cidade em relação ao salário oferecido pelo cargo. Ele menciona o exemplo de grandes centros, como Brasília e Rio de Janeiro, nos quais o custo de vida é elevado. “O salário precisa ser compatível com a realidade local, porque pode haver muita diferença em relação a uma cidade do interior do Nordeste, por exemplo, onde o custo de vida é bem mais baixo”, disse.

O estrategista em carreiras reforça ainda que o planejamento é a chave para uma experiência de sucesso. “Você precisa estar preparado não só do ponto de vista acadêmico, mas do financeiro e do emocional. Pesquisar sobre a cidade, fazer uma reserva financeira, alinhar o salário com o custo de vida e — se for o caso — combinar a decisão com a família são fatores essenciais”.



Ilustração: Bruno Chiossi

Saiba Mais

Para fazer um concurso público em outro estado, é preciso:

- Organizar-se (consulte editais antigos para o concurso escolhido e estude a banca organizadora; confira as matérias que deverão ser estudadas; faça um plano de estudos);
- Verificar as etapas do concurso (psicotécnico, TAF, exame médico, provas discursivas e objetivas) e a possibilidade de deslocamento nas datas previstas para a realização de cada uma delas;
- Planejar a viagem (preço de passagens, hospedagem, alimentação e logística de tempo);
- Ter certeza de que será possível construir uma nova vida em outro lugar.

PARADEIROS SOLUCIONADOS

Banco de DNA encontrou 22 pessoas

Com sistema de perfis genéticos ativo desde 2020, IPC-PB ajuda famílias a encerrarem ciclo de busca e aflição

Marcelo Lima
marcelolimantal@yahoo.com.br

Desde o início de suas operações, em 2020, o Banco de Perfis Genéticos da Paraíba, vinculado ao Instituto de Polícia Científica do Estado (IPC-PB), já contribuiu para a identificação de 22 pessoas desaparecidas. Os casos (referentes, conforme concluído, a cidadãos já falecidos) foram elucidados a partir da coleta do DNA de parentes desses indivíduos e, depois, do cruzamento das amostras com vestígios genéticos de restos mortais não identificados e de pessoas com identidade desconhecida.

Para acessar o serviço laboratorial do órgão, ligado à Polícia Civil da Paraíba (PCPB), o parente de um desaparecido deve registrar um Boletim de Ocorrência em uma delegacia e solicitar uma requisição para os procedimentos necessários. Com esse documento, o familiar poderá, então, dirigir-se a um dos cinco núcleos do IPC-PB distribuídos pelo estado, onde terá uma amostra de seu material genético coletada por via oral.

Embora o Instituto também seja responsável pela coordenação das atividades de perícia criminal em toda a Paraíba, incluindo Medi-

cina e Odontologia Legal, o serviço de identificação de pessoas desaparecidas trabalha com dados exclusivos para essa finalidade. “Esse é um banco exclusivo dos desaparecidos. As amostras de local de crime ou de qualquer outra circunstância não são cruzadas com o banco de pessoas desaparecidas”, salienta Raquel Azevedo, diretora-geral do IPC-PB.

Segundo Azevedo, os fragmentos de DNA a serem recolhidos para as pesquisas devem pertencer, preferencialmente, a um familiar de primeiro grau do desaparecido. “A gente faz a coleta de um familiar que seja pai, mãe ou filho e, se não tiver, a gente coleta de mais de um irmão, porque é mais seguro”, esclarece a representante do órgão policial. Além disso, os parentes ainda preenchem um questionário, descrevendo características físicas da pessoa desaparecida que possam auxiliar sua identificação, como tatuagens e trajés utilizados no dia do desaparecimento.

Para os casos de paradeiro recente, objetos pessoais que possam conter resquícios genéticos, como barbeadores ou escovas de cabelo ou de dentes, também ajudam o trabalho dos profissionais do IPC-PB. “Vamos pro-



Foto: Roberto Guedes

Núcleos laboratoriais do Instituto de Polícia Científica do Estado coletam materiais genéticos de familiares de desaparecidos e os cruzam com dados armazenados

cessar essa amostra, extrair o DNA dela e colocar no banco só de desaparecidos”, conta a diretora-geral do Instituto.

Urgência

Ao suspeitar do desaparecimento de alguém, não se devem aguardar 24 horas por

um eventual reaparecimento ou para ir à delegacia. Na verdade, conforme aconselhado por Raquel Azevedo, familiares ou amigos do desaparecido precisam comunicar o fato às autoridades policiais o mais rápido possível. “Nas primeiras 24 horas, é mais

fácil localizar a pessoa ainda com vida. Se alguém percebeu que se tratava de uma pessoa que atendia a ligações, respondia mensagens e mudou o modo de se comunicar, já pode ir à delegacia para registrar a ocorrência”, orienta a diretora-geral do IPC-PB.

■ Antes da coleta de DNA, é preciso solicitar a requisição de um delegado

Unidade estadual vincula-se à rede nacional de laboratórios

O serviço de cruzamento de dados fornecido pelo Banco de Perfis Genéticos atravessa as fronteiras da Paraíba graças à Rede Integrada de Bancos de Perfis Genéticos (RIBPG), que conecta a unidade estadual a outros laboratórios pelo Brasil. “Se

uma pessoa que desapareceu na Paraíba tiver um familiar no Rio Grande do Sul, a gente consegue localizá-la. Teve um cadáver de uma pessoa que morreu no Maranhão e a família era daqui, e conseguimos localizá-lo. Já houve casos de Pernambuco e do

Rio Grande do Norte também”, relata Raquel Azevedo. Constatar o falecimento de um parente desaparecido pode ser, de fato, bastante impactante. No entanto, a comparação de materiais genéticos oferece aos familiares a possibilidade de en-

cerrar um ciclo de busca e aflição. “Pior do que isso é a angústia e a incerteza. É você não saber se a pessoa está passando fome, se está sofrendo. É horrível”, avalia a diretora-geral do IPC-PB, salientando que a identificação por meio de DNA é uma

forma de permitir que o falecido seja, finalmente, velado. Além das amostras genéticas de corpos não identificados, o órgão da Polícia Civil também abastece seu banco de dados com vestígios de DNA de pessoas sem identificação que estejam em

hospitais, abrigos ou outros equipamentos públicos. Para realizar esse tipo de coleta, entretanto, o Instituto necessita de uma determinação judicial ou de requisições emitidas por um delegado de polícia ou pelo Ministério Público.

Campanha incentiva população a identificar desaparecidos

Lançada no fim de agosto, a Mobilização Nacional para Identificação de Pessoas Desaparecidas, que envolveu os cinco núcleos do IPC-PB, entre os cerca de 300 postos distribuídos em todo o Brasil, já motivou a coleta de 1.645 materiais genéticos de familiares de desaparecidos, obtidos por meio de saliva. Na Paraíba, foram recolhidas 15 amostras nesta primeira fase da iniciativa — cada uma delas relacionada a um caso diferente de desaparecimento.

Esse balanço foi divulgado no início deste mês pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP). De acordo com o Governo Federal, a mobilização, que tem o objetivo de in-

centivar a população brasileira à identificação de desaparecidos pelo país, prevê mais duas etapas, com datas a serem definidas: na segunda fase, a iniciativa buscará colher impressões digitais e DNA de pessoas vivas que não têm identidade conhecida; por fim, a terceira fase será focada em pesquisas de impressões digitais de indivíduos falecidos sem identificação e que ainda não foram processadas pelos estados. Todos esses dados serão, por fim, comparados com os registros disponíveis nos bancos de perfis genéticos.

Dedicação profissional

Independentemente dessa ação nacional, o IPC-PB mantém a coleta de amostras ativa durante o ano inteiro, para dar

a esperança de um desfecho a famílias de desaparecidos no estado.

Entre os profissionais de papel decisivo na solução de casos desse tipo, está a equipe de peritos liderada por Sara Gurgel, chefe do Laboratório de DNA forense do IPC-PB. Muitas vezes, ela mesma teve de comunicar diretamente a famílias a identificação do corpo de alguém desaparecido.

Entre as investigações em que já atuou, Sara lembra o episódio envolvendo um jovem de 21 anos de idade, que deixou sua casa em 5 de agosto de 2023 e não retornou mais. Na busca por ele, a mãe do rapaz chegou a receber informações falsas e foi até extorquida. O paradeiro foi, enfim, solucionado com a descoberta de ossos humanos encontrados por trás do Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, em Santa Rita. Após uma comparação genética realizada pelo IPC-PB, veio a confirmação de que os restos mortais pertenciam ao jovem desaparecido.

Mesmo em meio às dificuldades enfrentadas para coletar DNA de vestígios humanos, especialmente ossos, Sara enfatiza: “Eu não desisto, porque acho que tem uma história a ser concluída”.

Saiba Mais

Confira alguns dados sobre o Banco de Perfis Genéticos do IPC-PB:

- Há 506 perfis genéticos de restos mortais não identificados;
- 177 perfis de parentes de pessoas desaparecidas;
- 32 perfis de pessoas vivas de identidades desconhecidas.

Veja os endereços e canais de contato dos núcleos do IPC-PB que coletam DNA:

- **João Pessoa:** Núcleo de Laboratórios Forense de João Pessoa/IPC-PB
Rua Antônio Teotônio, s/n, Cristo
E-mail: chefianulfjp@sesds.pb.gov.br
(83) 3216-9650

- **Campina Grande:** Núcleo de Polícia Científica de Campina Grande
BR-230, km 160, alça Sudoeste
E-mail: nulfjpcg@ipc.pb.gov.br
(83) 3344 5501

- **Patos:** Núcleo de Polícia Científica de Patos
Rua Moacir Leitão, s/n, Belo Horizonte
E-mail: numolpatosipc@outlook.com
(83) 3423 3634

- **Guarabira:** Núcleo de Medicina Odonto-Legal de Guarabira
Rua José Fraga dos Santos, s/n, Conj. Mutirão

- **Cajazeiras:** Núcleo de Medicina Odonto-Legal de Cajazeiras
Rua Projetada, s/n, Agrovila
E-mail: numolcajazeiras@hotmail.com
(83) 2143-0672

Foto: Janiê Ferrais/MJSP



Mobilização nacional foi lançada, em agosto, pelo MJSP

CARIRI

Cidade da Fé ocupou 30% da Paraíba

Berço de vários municípios do estado, São João do Cariri preserva tradição religiosa e atrai fiéis de outras regiões

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

Por volta de 1750, a chegada de uma imagem de Nossa Senhora dos Milagres ao Cariri paraibano deu origem a uma comunidade que, mais tarde, chegaria a ter cerca de 30% do território do estado e se tornaria o berço de uma série de outras cidades, incluindo Campina Grande — essa era a Vila Real de São João do Cariri, marco histórico do desenvolvimento no interior da Paraíba.

Mais de 250 anos depois, a religiosidade ainda despon-ta como um dos grandes aspectos da cidade de São João do Cariri, que realiza, há cerca de 200 anos, um dos mais antigos eventos religiosos da Paraíba: a Festa da Padroeira Nossa Senhora dos Milagres. Anualmente, os festejos enaltecem a santa interces-sora do município, recebendo fiéis locais e visitantes de cidades próximas e de outros estados, reunindo de 50 mil a 70 mil pessoas ao longo dos nove dias de celebração. Segundo Eduardo Farias, secretário de Cultura e Turismo de São João do Cariri, só

a procissão atrai cerca de 40 mil devotos à festa.

Em 2022, a propósito, o município recebeu o *slogan* de Cidade da Fé por sua Câmara Municipal, título acrescentado a outras conquistas que renovam a tradição em torno da padroeira. “Nós tivemos, em 8 de setembro de 2010, a elevação da Igreja Matriz ao Santuário de Nossa Senhora dos Milagres. Depois desse marco, peregrinações começaram a vir a São João do Cariri cotidianamente”, revela o secretário, acrescentando que, além de a paróquia local completar o Jubileu de 275 anos, em 2025, os planos para o futuro incluem novas obras para os fiéis do município. “Falando da atualidade, estamos pleiteando a construção de um complexo religioso, que vai receber um grande monumento, de mais de 23 m de altura, da padroeira da cidade”, adianta Farias.

Mas toda essa tradição em torno de Nossa Senhora dos Milagres não se resume apenas a uma questão religiosa. Chicão Almeida, artista plástico da cidade, ressalta o caráter estético, artístico e cultural que a Festa da Pa-



Santuário de Nossa Senhora dos Milagres recebe dezenas de milhares de devotos, especialmente durante a Festa da Padroeira

droeira preserva, considerando, ainda, os shows musicais que compõem a programação social do evento. “É realmente um momento muito interessante, porque traz tendências, vocações e tradições centenárias. É muito bonito, porque tem a festa ‘profa-

na’, mas também aquela tradição do catolicismo arcaico, que agrega pessoas de sítios e de outras cidades, à noite, para pagar promessas e para a procissão”, observa Chicão, apontando que a manutenção desse aspecto ancestral diferencia a celebração local de

outras do tipo.

Mais um grande evento de São João do Cariri é o aniversário de sua fundação, datada de 5 de maio de 1873, quando o território foi elevado à condição de vila. “Geralmente, do dia 1º a 5 de maio, fazemos uma grande festa, com desfi-

les e atividades envolvendo todas as escolas do município. A Semana do Empreendedor também acontece dentro da programação. Então, a cada evento desse, nós temos todos os empreendedores da cidade comercializando suas coisas”, relata o secretário.

Além dos festejos, turismo se vale de riqueza natural e histórica

São eventos como a Festa da Padroeira e o aniversário da cidade que garantem parte do sustento do povo caririense. Isso vale tanto para os pequenos produtores rurais — os quais, durante os dias de festejos, reúnem-se para fazer suas ofertas de vendas — quanto para os comerciantes. “Se você for ao comércio hoje, em São João do Cariri, e perguntar: ‘Como você consegue sobreviver em uma cidade tão pequena, que, durante o ano, é tão pacata?’, vão lhe responder: ‘Graças à Festa de Nossa Senhora dos Milagres’. Isso, independentemente da religião que sigam, porque a festa beneficia todos os co-

merciantes. São nove dias de muita comercialização, que aquecem significativamente o comércio e o turismo”, conta Eduardo Farias.

Além da renda gerada a partir de suas celebrações típicas, a economia do município ainda se apoia sobre atividades agropecuárias, que aproveitam as qualidades da topografia local, como as águas do Rio Taperoá. Para organizar e dar vazão à sua produção, os trabalhadores rurais unem esforços em torno do cooperativismo, concentrando-se, principalmente, em duas associações: a de Poço das Pedras e a de Uruçu, ambos distritos da Zona

Rural caririense.

Os potenciais turísticos de São João do Cariri, por sua vez, também não se resumem ao apelo popular das festas tradicionais. Uma das iniciativas elaboradas para impulsionar a economia local é a criação da Rota Travessia Cultural, que visa divulgar uma série de lugares importantes do município, especialmente aqueles situados em áreas rurais: é o caso da Laje Vermelha, localidade de beleza natural (semelhante ao Lajedo de Pai Mateus, em Cabaixiras), e do hotel-fazenda Poço das Pedras, que recebe, geralmente, artistas e produtores que chegam para traba-

lhar em cidades próximas. Já quanto à gastronomia, o projeto deverá promover o Queijo Macambira, produto do empreendedor Renato Brito, que foi premiado no Concurso Mundial do Queijo deste ano e no 6º Prêmio Queijo Brasil, em 2023.

Patrimônios

Outro atrativo turístico de destaque são as belezas arqueológicas de São João do Cariri, como o Sítio Serrote da Macambira e a Muralha do Meio do Mundo. “Ela tem característica de muralha mesmo, como se tivesse sido construída, mas é um fenômeno natural. É uma for-

mação como um paredão, que aflora em alguns locais, desaparece e aparece novamente, como se fosse em uma sequência, além de ter inscrições rupestres muito interessantes”, explica Chicão Almeida.

No entanto, não há apenas paisagens naturais a serem apreciadas no município; a diversidade arquitetônica de sua Zona Urbana é mais um aspecto visual atraente. “A gente tem uma arquitetura urbana e um patrimônio histórico grandiosos, com muitos casarões coloniais. A parte arquitetônica é bem interessante, com vários estilos: tendências clássica, neoclássica,

eclética, barroca e árabe. A cidade se destaca porque mantém uma arquitetura muito bem preservada em relação a outras cidades do interior”, frisa o artista plástico.

■ Gestores locais visam divulgar, por meio da Rota Travessia Cultural, atrativos arqueológicos e culinários, entre outros

Produção artística e cultural reflete legado de influência regional



Marco do desenvolvimento no interior da Paraíba, município despontou como berço político na região

Além de originar mais de 20 outras cidades, a partir de seu antigo território, São João do Cariri despontou, igualmente, como berço político na região. Foi de lá que saiu, por exemplo, Gratuliano da Costa Brito, que governou a Paraíba entre 1932 e 1934. O município também esteve presente nos pleitos das primeiras legislaturas de deputados estaduais e federais, como ocorreu com Tertuliano da Costa Brito, diplomado deputado estadual em 1935, e José Gaudêncio de Queiroz, candidato a deputado federal em 1945.

A histórica efervescência caririense se reflete, ainda, nas atrações artísticas e culturais locais, como a orquestra filarmônica municipal, premiada pela Diocese de Campina Grande e descrita pelo secretário de Turis-

mo e Cultura como o maior tesouro da cidade. “Temos o grupo teatral da Paixão de Cristo, com mais de 100 jovens, que prepara, geralmente, dois espetáculos por ano: a Paixão de Cristo e o Auto de Natal”, complementa Eduardo Farias.

Exposição Na Casa do Artesão, 27 profissionais cadastrados podem comercializar suas obras, como pinturas, esculturas e bordados

Para contemplar as artes e o artesanato, a cidade conta com a Casa do Artesão, que registra, atualmente, 27 profissionais cadastrados. Cedido pelo Governo Estadual e gerido pela prefeitura, o espaço — que também deve integrar a Rota Travessia Cultural — reúne itens para exposição e venda, incluindo pinturas, esculturas e bordados. Conforme Chicão Almeida, que elabora obras com galhos de árvores, outros artistas caririenses têm se destacado dentro e fora do município. “Faço um trabalho que está começando a ser visto. Sempre que posso, levo-o para mostrar fora, e ele está tendo uma aceitação muito grande, porque é um trabalho único. Tem também o escultor Alisson Gonçalves e o cantor, compositor e poeta Junior Cordeiro”, finaliza o artista.

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Foto: Reprodução/Facebook

Parajeau,
Kevin Ndjana,
Ceíça Farias,
Nathalia Bellar
e Sarah Soul são
algumas das atrações

Foto: Vanessa Pessoa/Divulgação

Foto: Divulgação

ENTRADA FRANCA

Arte com ancestralidade

O evento *Afrontamento* reúne artistas no Parque Parahyba 2, hoje, para celebrar a cultura preta

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

“A cultura é necessária. Ela é feijão e arroz”. A afirmação contundente é da artista Sarah Soul, diretora e produtora do projeto *Afrontamento* – O Sarau que acontece hoje, a partir das 15h30 no anfiteatro do Parque Parahyba 2, no Bessa, em João Pessoa. Aberto ao público, o evento celebra a cultura afro-brasileira e reúne grandes nomes da cena cultural paraibana em uma atmosfera de troca e inclusão. Idealizado pela produtora e artista Carol Terra e por Sarah, o *Afrontamento* busca dar visibilidade à diversidade e ao talento da cultura negra, oferecendo ao público apresentações de música, de dança, de artes visuais, entre outras manifestações artísticas.

O sarau contará com apresentações de artistas negros paraibanos, como Kevin Ndjana, Sarah Soul, Nathalia Bellar, e Laiz de Oyá, além do Coletivo Blakoutt e do Instituto Afro Aurora Dance. Nas artes plásticas, os artistas Hicor e Hay Borges exibirão suas obras. A dança será representada pelo Coletivo Alegria, com *performances* de *hip hop*, e pela professora Nick, que trará a resistência da cultura afro-brasileira. O evento ainda contará com a participação do DJ ParaJeau, além de rodas de capoeira e *stands* de tranças e de pintura corporal.

O encontro cultural também afirma sua preocupação com as pautas de inclusão social e do meio ambiente. Toda a programação contará com a participação de um intérprete de Libras, com acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida e com parceria da Semeiar Sustentabilidade para reciclagem de resíduos. A ação busca não apenas evitar desperdícios, mas também conscientizar o público sobre a importância da sustentabilidade.

O projeto é apoiado por empresas privadas e financiado pela Lei Paulo Gustavo e pelo Ministério da Cultura.

Acolher e afrontar

Sarah Soul explica que o evento já existe há cerca de seis anos, tendo começado de maneira independente, sendo esta a primeira edição aberta ao público. “O *Afrontamento* é um movimento. A gente tem outras iniciativas, outras atividades também em que já fomos incluídos pra participar de outros eventos. Fizemos três edições independentes, a última foi na pandemia, on-line”, comenta.

O intuito do grupo com o encontro é o de ocupar os espaços, trazendo a cultura negra para as praças, com muita música, dança, *performances* e exposições, como será o caso do anfiteatro do Parque Parahyba 2. De acordo com Sarah, está-se montando uma estrutura de recepção atenta a todos os detalhes para criar uma ambiência de acolhimento para todas e para todos. Originalmente, trata-se de um festival, mas como a submissão do projeto foi direcionada para um orçamento de sarau, o *Afrontamento* foi lançado com essa nomenclatura. “Não seria o festival que a gente imagina, com formações maiores, são formações mais reduzidas, com trios e quartetos. Vai ser nessa pegada bem acústica”, detalha.

Os shows seguem o formato *pocket*, não excedendo 40 minutos por atração, devendo acabar cedo da noite por se tratar de ambiente aberto em bairro residencial. Além da música, há *performances* e exposições de artes com telas de artistas negros da Paraíba. Sarah afirma ainda que a iniciativa pretende alcançar todos os públicos, trazendo pessoas de outros bairros para o Bessa, promovendo o intercâmbio entre a cidade, pensando no consumo e na valorização dos artistas da terra, com espaço de qualidade e atenção. “Queremos dar um destaque à vontade de prestar atenção ao que está sen-

do produzido pelos artistas locais, tanto o trabalho autoral como a galera que faz um trabalho de *cover*, que trabalha na noite. A gente espera a valorização e os holofotes mesmo. Um momento de *glamour* pra esses artistas. A gente não tinha espaço, as pessoas não davam espaço pra gente, por isso a gente quer que seja um ambiente seguro e de valorização pra esses artistas negros e trazer o público pra que essas pessoas tenham a oportunidade de conhecer, aplaudir, apreciar e ter um domingo legal, né?”, diz, ressaltando a importância do apoio dos incentivos culturais como fundamental para a produção do evento com mais qualidade. “A gente tá bem feliz e trabalhando muito para entregar um evento com uma estrutura bem rica em detalhes e em qualidade pros artistas e pro público também”, garante.

“Música Preta Brasileira”

Quando recebeu o convite para participar do evento, Nathalia Bellar aceitou de imediato. Afinal, falar de negritude e sobre o seu lugar de fala é tido pela artista como uma missão. “Brasileiros que somos, com sangue de preto, muito me interessa”, aponta. Lembrando de uma pesquisa que fez a respeito de música preta — quando se deparou com o disco *Música Preta Brasileira* (2003), de Sandra de Sá —, afirma ter descoberto que MPB, entre outras coisas, pode também significar “música preta brasileira”, já que a influência dos artistas negros sobre a música brasileira é inegável. “Talvez a maior artista musical da MPB atual chame-se Liniker. A gente tem Bixarte com uma voz, assim, ecoando em várias frentes”, declara.

Para o evento, Nathalia pensou em uma apresentação específica, levando algumas das canções que está trabalhando em seu show *Pelo Espelho da Pele*, tanto as mais novas quanto *hits* passados, a exemplo de “Furtacor”, apontada dentre a sua discografia como a música que mais versa sobre a luta contra o racismo.

Como queria muito uma mulher negra para tocar consigo, chamou Fabiane Fernandes (guitarra) e o irmão de Fabiane, Novinho (percussão). “Estou levando um repertório muito específico desse universo. Alguns ijexás, alguns afoxés, coisas da nossa cultura popular e afro”, conta, ressaltando que não faltará a canção que considera como o seu estandarte, “Nhém nhém nhém” (de Totonho & Os Cabra, 2019), além de Zé Ramalho, citado como uma das vozes que mais atenta para a ancestralidade ao longo de sua produção. A cantora acredita que o evento tem grande potencial de crescimento para os próximos anos, encabeçando edições maiores.

A cantora Ceíça Farias também considera o evento de grande importância e relevância para o fortalecimento das raízes negras. “Fiquei super feliz de ser convidada e acho que o evento é bem pertinente”, afirma. Como Nathalia, ela também levará um repertório temático, com ijexás e muito samba. “Alma não tem cor” (1996), de Chico César, é um dos carros-chefes. “Esse movimento é de fortalecimento mesmo, de respeito à nossa cultura afrodescendente e deve haver alguma poesia junto às canções que já falam muito. Acho que a palavra da canção já diz muito, que é o nosso canto, a nossa força”. Junto com Ceíça estarão Pedro Melo (violão) e Caio Bertazzoli (percussão).

AFRONTAMENTO

■ Hoje, às 15h30.

■ No Parque Parahyba 2 (R. Bacharel José de Oliveira Curchatuz, 554-568, Bessa, João Pessoa).

■ Entrada franca.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

A guitarra e a ciência

Se o Diabo é o pai do rock, a guitarra elétrica é a mãe! Com esse DNA não poderíamos esperar nada além de rebeldia, de transgressões e de autofagia. Assim como a história dos homens é a história da luta de classes e a história natural é a história da luta pela sobrevivência, a história do rock é a história de sua autodestruição estética – cheia de abalos sísmicos e de furiosos embates dialéticos. Creio que nenhum estilo musical tenha árvore genealógica tão frondosa e ramificada e que tenha passado por tantas metamorfoses. Os diferentes subgêneros do rock levam os mais desinformados a ignorar os laços de parentescos que existem entre eles. Vejo, portanto, a história do rock como um conflito aberto e permanente entre gerações. Em cada momento histórico, autores armados de novas ideias se lançariam numa batalha contra a tradição e a hegemonia reinante.

Dois personagens sempre estiveram presentes nesses confrontos: a rebeldia e a guitarra elétrica. A primeira é pré-condição para mantermos a sanidade na vida social. A segunda, é uma das mais notáveis invenções do século 20. Sua importância é comparável à penicilina, aos computadores, aos aviões, aos automóveis, à internet e às pílulas anticoncepcionais. Ela foi a responsável por

alterar radicalmente a constelação sonora do planeta. Tornou-se elemento fundamental para pensar o rock e a música popular no planeta. O uso de guitarras e de outros instrumentos elétricos, por sua vez, acabaria sendo incorporado em vários estilos musicais.

O surgimento desse instrumento está diretamente relacionado à ciência moderna e às novas técnicas de produção de energia e de engenharia. A criação dos captadores, em 1923, pelo norte-americano Lloyd Loar significou o ponto de mutação da era acústica para a era dos amplificadores. São os captadores que permitem que as ondas sonoras geradas pelas vibrações das cordas sejam capturadas e enviadas para os amplificadores. Os grandes festivais a céu aberto, como Woodstock e Rock in Rio, por exemplo, seriam impossíveis sem tal tecnologia. Com o posterior aparecimento dos pedais, os músicos completariam o processo de redefinição da paisagem sonora de nossa época. O uso de distorções, de *delay*, *overdrive*, *wah-wah*, *reverb*... ofereceu infinitas possibilidades expressivas.

Max Weber já havia demonstrado como a música fora afetada pelo processo histórico de racionalização do mundo ocidental, criando uma configuração jamais vista em outra época ou lugar. Ad-

mitia, porém, que a poesia tonal, a música figurativa e as dissonâncias típicas à música ocidental também foram utilizadas amplamente em outras tradições culturais; além de que outros povos possuíam ouvidos mais refinados, capazes de perceber um conjunto mais amplo de intervalos de riqueza polifônica inigualável.

Apenas na modernidade, dizia Weber, vemos surgir uma música elaborada racionalmente com base em tríades e numa cromática e enarmônica que deixariam de ser pensadas espacialmente, prevalecendo desde então a harmonia. A própria orquestra e a disposição do quarteto de cordas, a introdução dos instrumentos de sopro, o sistema de notação e o acompanhamento de graves são produtos da racionalização moderna.

Caberia ainda uma reflexão crítica que articulasse as transformações apontadas por Weber, os avanços técnico-científicos e a existência de uma indústria cultural. Precisamos pensar a música eletrônica, computadorizada. A produção em série, quase sempre descartável. O papel dos sistemas fonográficos e do mercado, as formas de arquivamento e de disseminação. Nesse cenário o rock – filho do mito & do logos, do Diabo e da ciência – tornaria-se o estilo musical mais popular do mundo.

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

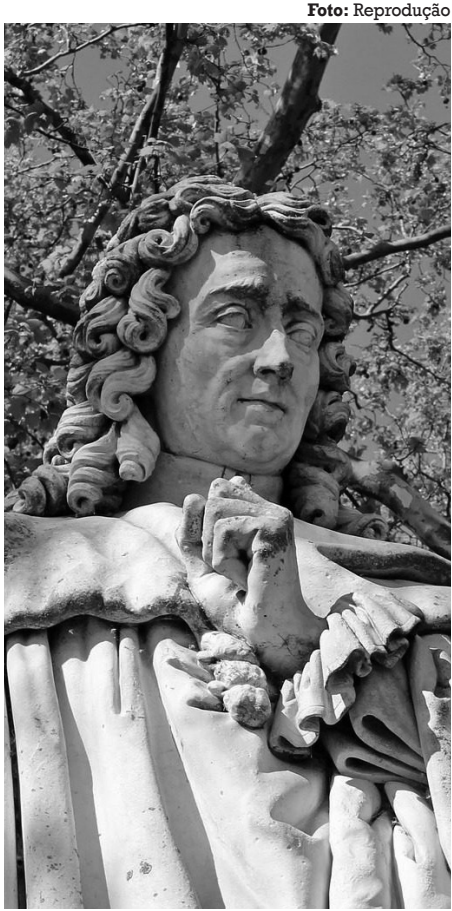
Liberalismo político

Charles-Louis de Secondat (1689–1755), mais conhecido por Montesquieu, foi um filósofo, escritor e teórico político iluminista. Ele contribuiu para criar a ideia de tripartição dos poderes do Estado. Em 1748, o pensador publicou o seu livro *Do Espírito das Leis*. Nesse trabalho, uma de suas teses é o liberalismo político.

Do Espírito das Leis é de grande importância na história do pensamento político e jurídico. Nele, Montesquieu explora a natureza das leis, sua relação com os diferentes tipos de governo e os fatores que influenciam a legislação. Sua “Teoria da separação dos poderes”, apresentada nesse livro, propõe que o poder do governo deve ser dividido em três forças independentes e complementares, para evitar a concentração de poder e prevenir a corrupção. Cada um desses poderes desempenha funções distintas e tem mecanismos de controle sobre os outros, criando um sistema de equilíbrio e de moderação. Os três poderes são:

- Poder Legislativo – Responsável por criar as leis. Geralmente, é representado por um parlamento ou congresso, em que os representantes do povo elaboram e aprovam a legislação que rege a sociedade;
- Poder Executivo – Executa e administra as leis. Este poder é exercido por um presidente, primeiro-ministro ou monarca, que toma decisões políticas e governa de acordo com as leis estabelecidas;
- Poder Judiciário – Interpreta as leis e garante sua aplicação. É exercido por juízes e tribunais, que asseguram que as leis sejam cumpridas de forma justa e de acordo com os direitos constitucionais.

Montesquieu argumentava que a separação dos poderes é fundamental para proteger a liberdade dos cidadãos e impedir abusos de poder. Ao dividir as funções do governo, cria-se um sistema em que cada poder limita o outro para manter o equilíbrio e evitar que um poder domine os demais. Sua teoria influenciou a criação de constituições modernas em vários



Estátua do filósofo Montesquieu, na França

países, de forma a garantir a proteção dos direitos dos cidadãos. Além disso, deve existir a força da moderação para manter o equilíbrio entre as diferentes partes do governo, a fim de impedir os abusos e preservar a estabilidade política. Outra característica é a ideia de que as leis não devem ser universais, mas adaptadas ao caráter, às tradições e às condições de cada sociedade. Para ele, o que funciona em um lugar pode não ser adequado em outro, dependendo da cultura, da história e das necessidades da população.

O liberalismo político em Montesquieu pode ser entendido como a defesa de uma organização política que promove a liberdade individual, o governo limitado e a proteção dos direitos dos cidadãos. As suas teses principais são:

- Defesa da liberdade – A liberdade política é o centro de uma sociedade justa. Contudo, ele não via a liberdade como a ausência de leis, mas sim como a segurança proporcionada pelas leis que protegem os indivíduos contra a tirania, de forma a priorizar a limitação do poder governamental para

garantir os direitos individuais;

- Separação dos poderes – Deve garantir a liberdade dos cidadãos ao evitar a concentração de poder. Para ele, a separação entre o Legislativo, Executivo e Judiciário deve preservar as liberdades civis e políticas;
- Governo moderado – Deve ser limitado por leis. Esse conceito de moderação reflete a ideia liberal de que o poder do Estado deve ser restringido para não interferir excessivamente na vida dos indivíduos. Ele argumentava que o despotismo, ou poder absoluto, era contra à liberdade e que as instituições deveriam ser organizadas para conter os abusos de poder;
- Leis adaptadas à sociedade – As leis devem ser adequadas ao caráter e às necessidades de cada sociedade, de forma a promover a liberdade e a justiça, a fim de valorizar a adequação das normas às particularidades de cada contexto social;
- Defesa da pluralidade – Trata da ideia de que diferentes sistemas políticos podem coexistir e de que cada sociedade pode adotar o modelo de governo mais apropriado às suas características.

As teses de Montesquieu, apresentadas em *Do Espírito das Leis*, priorizam a defesa das liberdades individuais, limitam o poder do Estado, promovem a ação de um governo moderado e o respeito pela pluralidade de sistemas e de culturas. Sua teoria da separação dos poderes tornou-se um modelo para os governos liberais modernos, sendo fundamental para a preservação da liberdade e dos direitos dos cidadãos.

Sinta-se convidado à audição do 491º. Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 22, das 22h à 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br ou por meio do link <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei sobre a vida e algumas peças que tratam da brasilidade do compositor, pianista, organista e regente brasileiro Alberto Nepomuceno (1864 – 1920).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

João disse
“my love”

Digamos que, quando descobrimos o amor, seja tarde ou ao chegar perto, a gente não consiga amar demais, porque todo amor que houver nessa vida vem e vai, se acaba, como uma aparente generosidade. Generoso é o amor que nos faz chorar escondido.

Ao descobrir, no fundo de uma fala, um desejo narcísico e vaidoso, a partir desse momento o amor passa a revelar que sua bondade não é mais do que um disfarce útil de um narcisismo mal resolvido. Tô fora, nem sou o cravo, nem a rosa.

Deuses dizem para a gente se amar primeiro, mas essa classificação está noutra dimensão. Isso não pode revelar, na verdade, um julgamento moral do amor inconsciente ou escancarado alheio, porque o amor não tem moral nenhuma e não é ele a revelar mais sobre quem fala do que sobre quem sofre de amor. Esquece, isso é papo de terapia.

Não seria contradição do homem, mas o amor é mais bonito na canção e isso não seria uma forma direta de se iludir com o amor, já que o amor é invisível. Será? Esquece.

Estava assistindo a um show de João Gilberto, em São Paulo, 1994, que começa com “Eu sei que vou te amar”, e ao final da canção ele diz “Adoro São Paulo. São Paulo, *my love*”. Isso de ele dizer “São Paulo, *my love*” é simplesmente a teoria que na prática funciona, mesmo simplista, a funcionar. João Gilberto tem que ser um lugar de pensamento. Tem que ser um lugar de memória.

Matisse, Bach, Caetano Veloso, uma montanha, uma cortição numa padaria em Copacabana (eu, Francisco, Alex, Gui e a filha da Chiquita Bacana), uma cerveja estupidamente gelada, a cachorra e o pelo dela, ainda o rabo dela abanando amoroso, isso tudo são coisas do amor.

Tudo alegre, dar cinquenta reais para alguém e ficar mais leve, comprar um bilhete inútil de loteria e cantar a música antiga “cai a tarde, tristonha e serena”.

Tudo isso não é fugir. Ou melhor, é fugir sim. É distrair-se, e distrair-se é sair dos trilhos e sair dos trilhos é voltar para o mundo, porque o mundo não é mais aquela sacada de Chaplin imitando Hitler e, como disse o desafinado grego Heráclito, “pantha rei”. Por isso, fujo. Fujo para voltar ao lugar outro.

O escandalizado João Gilberto chamando São Paulo de *my love*, dando adeus, adeus Guacyra, seu pedacinho de terra, seu pé de serra, que nem Deus sabe onde está, é a prova de que o amor morre afogado em devaneios e em repetições.

Quase me arrastando nessa cantiga, da repetição da vida, os olhos meus e os olhos teus vou ficando com a etimologia, que descobre vínculos entre o que é, o que aparentemente foi separado; reconhece o igual no diferente e o diferente no igual. Sacou?

O amor estabelece pontes entre o passado e o presente; desdobra o presente para cobrir o passado e recarrega as palavras de concretude e proximidade com as coisas. E ainda inventa possibilidades e arma mentiras plausíveis, que às vezes se tornam verdades alvissareiras.

Adoro João Pessoa, João Pessoa, *my love*, a cidade que não redime, porque o que se redimir também mata.

Kapetadas

- 1 - Se tudo na vida é *business*, o amor é só mais um ativo que se deprecia.
- 2 - Respeito a todos como se fossem santos, mas não endeuso ninguém.



“João Gilberto tem que ser um lugar de pensamento, de memória”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Campina brotou do Cariri, mas ganhou o mundo...

Grande, sempre grande! Campina nasceu caririzeira, sob uma cultura de estirpe serrana. Mas logo cedo adveio a nobreza como rainha, justamente ao ganhar o pomposo título de Vila Nova da Rainha; posteriormente, considera-da Rainha da Borborema.

Personagens atuantes da história fizeram-na brilhar durante todos esses anos, a partir de sua inicial condição cultural e econômica de simples colônia. Primitivamente, sob influências de imigrantes como o português Teodósio de Oliveira Lêdo, como tem sido até hoje — figuras que impuseram normas de desenvolvimento e inovações, sobretudo no plano da cultura e das artes. E é justamente nesse fenômeno da formação cultural e das artes que entendendo uma Campina Grande mais importante.

Por ocasião das emoções festivas de 160 anos da cidade serrana, lendo o suplemento especial de **A União** sobre o evento, notei a ausência de dois segmentos mais emblemáticos da cultura campinense. Setores que a fizeram ganhar o mundo: a formação acadêmica e o cinema. Ambos foram (e ainda têm sido) os grandes vetores pelo que se convencionou e entende “vocação tecnológica” da cidade, como principais polos do desenvolvimento científico paraibano e de exportação.

E aqui gostaria de tecer algumas considerações sobre isso, notadamente em respeito aos segmentos “formação



Foto: Reprodução

Piauiense de nascimento, Machado Bitencourt marcou o cinema campinense

acadêmica e cinema”, já na plena fase da Revolução Industrial. Também sobre dois nomes bem atuantes para que isso ocorresse, o campinense Lynaldo Cavalcante de Albuquerque, professor catedrático da então Escola Politécnica de Campina Grande, depois reitor da Universidade Federal da Paraíba; e o cineasta Jureny Machado Bitencourt. Esse que promoveu averdadeira revolução na cinematografia local, mesmo não sendo natural do lugar. Bitencourt era piauiense, portanto um imigrante que marcou história em Campina Grande, como já é público e notório. Junto com Bitencourt e o historiador Zé Octávio de Arruda Mello, desde os festivais de Areia, fui caminhante cinematográfico pelos confins paraibanos.

Com relação ao prof. Lynaldo, afirmo tê-lo conhecido muito antes de ele

assumir o CNPq, em Brasília, se não me engano, lá pelos idos de 1979. Época em que já estava na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, auferindo meus primeiros proventos como celestistas, que eram pagos pela Atecel de Campina Grande. Fazia assessoria de imprensa na UFPB pelo Jornal **A União**. Depois, aprovado em concurso, passei a dar aula de Comunicação Social, na época de Luiz Couto na direção do CCHLA. Tempos depois, saí para fazer o mestrado na UnB. Foi aí que, durante minha pós-graduação, fui assessorar Lynaldo na Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica e Inovação (ABIPT), entidade que ficava na Asa Norte de Brasília, bem próximo onde eu residia. Mas, aí, é outra história... — Mais Coisas de Cinema, acesse nosso blog: www.alex santos.com.br



APC recebe doações

A Academia Paraibana de Cinema (APC) acaba de receber algumas doações, em coleções de filmes e vídeos do acervo que pertencia ao conhecido professor universitário, que gostava também de cinema, Rogerio Almeida, falecido em 2021. Os donativos foram feitos por sua viúva Yluska Regina de Almeida. Após sua triagem, todo material será disponibilizado aos confrades, já na nova sede da APC, em Tambaú. O presidente da APC, professor João de Lima Gomes agradece também as doações feitas pela senhora Vanda Caldas à APC.

AMANHÃ

Seminário analisa Carlos Dias Fernandes

A Fundação Casa de José Américo (FCJA) realizará amanhã um seminário em homenagem ao sesquicentenário de nascimento do jornalista, poeta e escritor Carlos Dias Fernandes. Aberto ao público e dirigido a estudantes, o evento está marcado para as 9h, no Auditório Juarez da Gama Batista, no anexo I da FCJA, no

Cabo Branco, na capital paraibana. Carlos Dias Fernandes é matéria de capa da edição do suplemento *Correio das Artes* atualmente nas bancas.

O seminário contará com a presença de três palestrantes convidados para falar sobre a vida e a obra de Carlos Dias: a escritora Maria das Graças Santia-

go, da Academia Paraibana de Letras (APL); o desembargador e também escritor Marcos Cavalcanti; e o pesquisador e escritor Adiel Alves Rodrigues. Marcos e Adiel são naturais de Mamanguape, terra natal do homenageado.

Acompanhados do professor Maximiniano Machado, secretário da Educação de Mamanguape, e do gestor escolar Cássio Marques, estudantes das escolas Ana Cavalcante (Mamanguape) e João Monteiro da Franca (do Bairro dos Novais, em João Pessoa) estarão presentes ao evento.

Carlos Augusto Furtado de Mendonça Dias Fernandes nasceu no dia 20 de setembro de 1874, em Mamanguape (município, hoje, com pouco mais de 45 mil habitantes, localizado na região da Zona da Mata paraibana e distante 52 quilômetros de João Pessoa). Lançou mais de 40 livros nos mais diversos gêneros e, além da for-

te dedicação à literatura e à advocacia, foi um dos primeiros expoentes do vegetarianismo e dos direitos dos animais no Brasil.

Apesar do interesse desde a infância pela literatura, não teve incentivo dos familiares para seguir essa carreira. Antes mesmo de trabalhar como jornalista, em 1893, passou pelo curso de Farmácia (que não concluiu) e se alistou na Guarda Nacional, em Recife.

Depois circulou por redações de jornais em São Paulo, Rio de Janeiro, Amazonas, Pará e novamente em Pernambuco. De volta à Paraíba, chegou a assumir a direção de **A União**. Carlos Dias também era forte defensor do feminismo, quando o assunto ainda nem era debatido pela sociedade.

Publicou obras como *Proteção aos Animais* (1914) e *Vegetarianismo* (1916), entrando em conflito com profissionais da saúde que pregavam a necessidade de comer carne. Sua motivação teria vindo das obras de autores como Liev Tolstói e Jean-Jacques Rousseau. Seus livros mais conhecidos são os romances *Fretana* e *Cangaceiros*.

Carlos Dias Fernandes morreu aos 68 anos, em 9 de dezembro de 1942, no Rio de Janeiro. É patrono da Academia Paraibana de Letras.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Pessoas, instituições

Há pessoas que são mais que pessoas. São individualidades que se multiplicam e se espalham, criando ambientes, situações, fatos e, sobretudo, agindo como instrumento de aglutinação de atores e de ideias que compõem a cena cultural.

Essas pessoas constituem elos, aproximam personagens, fermentam o campo móvel dos debates, da crítica e da criação. São, pois, figuras seminais no que concerne à dinâmica da vida cultural, não importa o contexto, nem a época, nem a tendência ideológica ou os interesses temáticos.

Restringindo-me à história da Paraíba, mais particularmente a da sua capital, me vêm alguns nomes que, em que pesem as nítidas diferenças de personalidade e mesmo de atuação, revelam um traço, se não comum, ao menos parecido, consideradas as práticas e ressonâncias de sua presença na vida cultural, artística e literária.

Carlos Dias Fernandes, nos idos de 1915, para precisar uma data, é um deles. Vindo dirigir o Jornal **A União**, a convite do então presidente da província, Castro Pinto, empreendeu ampla e radical reforma gráfica e editorial no vetusto periódico, reunindo, ainda, em torno de si, uma plêiade de escritores, jornalistas e poetas que fez um Osias Gomes, em conferência sobre o autor de Fretana, vislumbrar, naquele momento histórico, lampejos de um novo renascimento literário.

É esta presença cintilante, aguerrida, motivadora, fertilizante, talvez a obra maior do polígrafo de Mamanguape. Organizador da cultura, crítico, combativo, polêmico, estimulante, irrequieto, sempre atento a episódios e a personagens do mundo cultural e político, Carlos Dias Fernandes ultrapassa os limites de sua individualidade para se transformar numa espécie de instituição móvel e viva.

Nos anos 1950 e 1960, devo citar os nomes de Vanildo Brito, Geraldo Carvalho e Marcos dos Anjos. Cada um, a seu feito e com sua personalidade catalisadora, constitui fonte e referência indispensáveis daquele período histórico efervescente, caracterizado por muitas transformações culturais e por intenso clima de debates.

Vanildo Brito, poeta e ensaísta, foi o epônimo da Geração 59, organizador e prefaciador de sua histórica antologia, editor do suplemento *A União nas Letras e nas Artes*, coordenador das rondas líricas, do Clube do Silêncio e do Clube de Poesia de João Pessoa. Seu nome é, portanto, a configuração de uma liderança incontestável, mentor e modelo que foi para muitos de sua geração.

O mesmo posso afirmar em relação a Geraldo Carvalho e Marcos dos Anjos. Aquele, crítico e contista, criou o grupo Caravela e fez de sua residência pessoal um permanente ponto de encontro de intelectuais, escritores e artistas. Este, por sua vez, junto com Marcos Vinicius, fundou o grupo Sanhauá, responsável pela atualização da poesia paraibana com os critérios de vanguarda da poesia brasileira ao mesmo tempo em que confrontava a tradição das formas fixas e do soneto, à moda pamásiana, ainda vigentes em solo tabajara.

Raimundo Nonato, Jomard Muniz de Brito, Wills Leal, Pedro Osmar, José Octávio, Antônio Mariano e Mirabeau Dias me parecem também exemplos notáveis destas personalidades transpessoais.

Quer na gestão cultural, quer no espaço pedagógico, quer no debate cinematográfico, quer no setor musical, quer nos seminários de história, quer no Tome Poesia ou no Clube do Conto, quer nos encontros culturais dos sábados, quer, enfim, na convivência crítica e afetiva que propuseram e propõem em meio a seus pares, a atuação de cada um migra das fronteiras da subjetividade para a esfera mais vasta do corpo coletivo. E, assim, o que é pessoa transmuta-se em ideias, em possibilidades, em instituições.

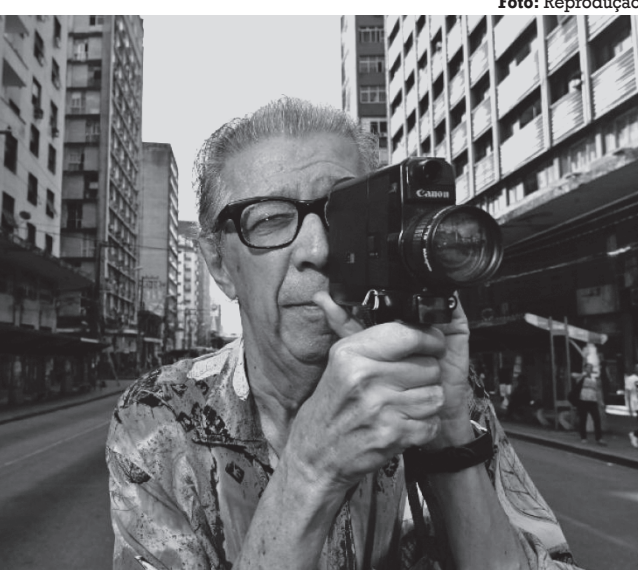


Foto: Reprodução

Jomard: um exemplo notável de personalidade transpessoal

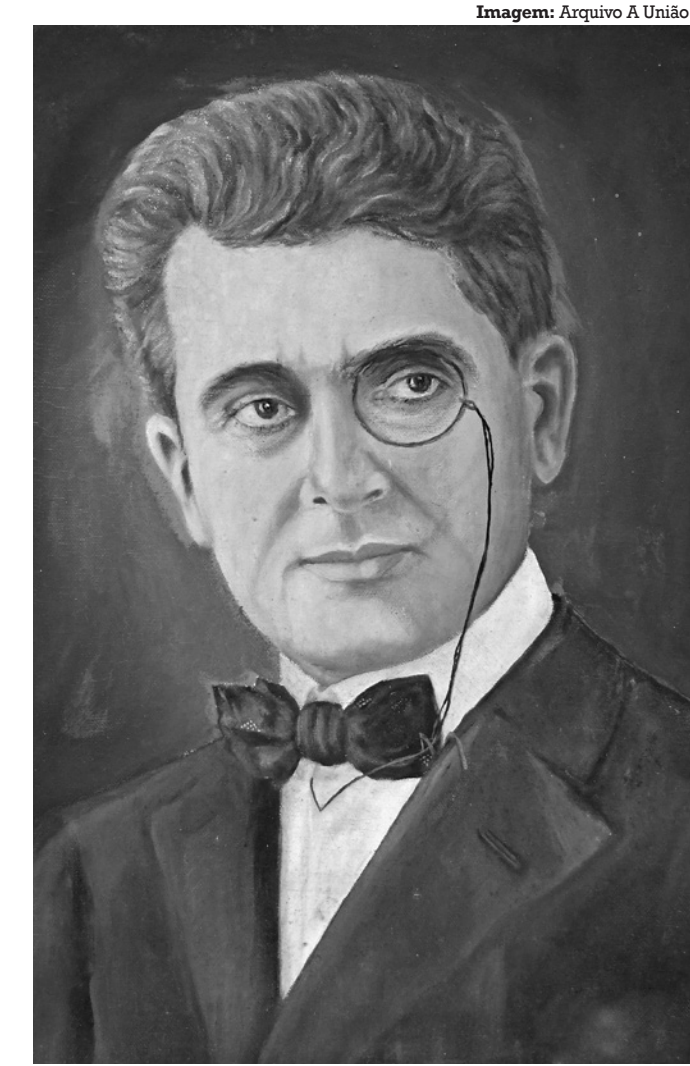


Imagem: Arquivo A União

Carlos Dias Fernandes, em pintura de Nevinha Araújo

SESQUICENTENÁRIO DE CARLOS DIAS FERNANDES

■ Amanhã, às 9h.

■ Na Fundação Casa de José Américo (Av. Cabo Branco, 3336, Cabo Branco, João Pessoa).

■ Entrada franca.

Colunista colaborador

Fotos: Divulgação



MÚSICA

Zé Filho lembrando bares históricos

Guitarrista apresenta-se hoje em show em que rememora suas temporadas por casas noturnas de JP

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Foi nos bailes e nos “bares” da vida noturna de João Pessoa que o guitarrista Zé Filho conquistou muitos de seus fãs, que acompanham sua carreira como instrumentista e compositor. Hoje, ele revisita o seu conhecido repertório de *covers* do *rock* e do *pop* nacional e internacional numa apresentação em João Pessoa: será no bar Depois da Esquina, situado no bairro do Aeroclube, a partir das 16h. O *couvert* artístico custa R\$ 30 e as reservas de mesas podem ser feitas por meio do WhatsApp (83) 98684-9556.

Apesar de naturalizado pessoense, o artista José Gomes Quaresma Filho nasceu em Recife. Mudou-se para a Paraíba ainda

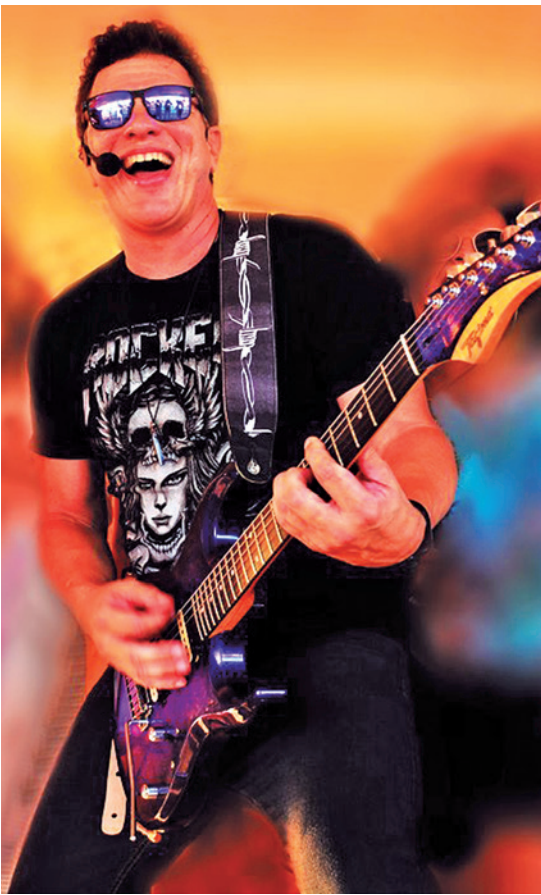
criança. Autodidata e conhecido hoje por seu trabalho com a guitarra, um de seus primeiros contatos com instrumentos foi dedilhando o piano que ficava na recepção da escola de sua irmã. “Fui com minha mãe buscá-la, ela entrou e eu fiquei sozinho. E sem nunca ter visto um piano na vida, sentei no banquinho e toquei a melodia da música ‘Asa Branca’, de Luiz Gonzaga”, ele recorda.

Começou a atuar profissionalmente como músico aos 18 anos, tocando nos barzinhos da orla da capital, seguindo os passos de outros artistas que nas décadas anteriores e seguintes fizeram e fariam o mesmo trajeto. Ele elenca Travessa, Última Sessão e Estação como alguns dos estabelecimentos que mais frequentou. E que música não poderia faltar no

repertório? “Todas de Lulu Santos, Djavan, Caetano Veloso e Gilberto Gil”, rememora Zé Filho. Ele também deve a João Pessoa todas as trocas que conseguiu angariar ao longo das quatro décadas de carreira. “Somos um celeiro de grandes músicos, compositores e produtores. Tive o prazer de trabalhar com vários deles, como Sérgio Gallo, Costinha, Renata Arruda, Gledson Meira”, pontua.

Dividindo a carreira nos palcos com o trabalho de técnico de segurança da informação, Zé Filho revela estar ansioso com o show de hoje: afastado dos bares há alguns anos – atualmente, toca apenas em eventos corporativos – ele também pretende trazer de volta a liberdade e o improviso que marcaram sua história na noite pessoense. Acompanham o

artista hoje Marcellus Alexandria (baixo), Bennett Oliveira (bateria) e Fábio Ferraz (teclado); Zé ficará a cargo da guitarra e dos vocais. “Em 2025, vamos fazer uma turnê especial com shows e *workshops* para comemorar os 40 anos de atuação no cenário musical paraibano. Vamos registrar tudo em áudio e em vídeo para lançar nas plataformas digitais”, ele projeta.



Zé Filho não toca em bares há alguns anos, mas vai matar a saudade hoje

Em Cartaz

Cinema

Programação de 17 a 23 de outubro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos.

ESTREIAS

O APRENDIZ. (*The Apprentice*). Canadá/ Dinamarca/ Irlanda, 2024. Dir.: Ali Abbasi. Elenco: Sebastian Stan, Jeremy Strong, Maria Bakalova. Drama. O jovem empresário Donald Trump começa a erguer seu império financeiro aprendendo truques sujos de um advogado. 2h02. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2; dub.: 18h50; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2; leg.: 14h45, 17h30, 20h15.

MAXIMILIANO KOLBEE EU (*Max & Me*). México/ EUA, 2023. Dir.: Donovan Cook. Dublagem brasileira: Juliano Cazarré, Philippe Maia. Drama/ animação. Jovem aprende a história de padre polonês que passou por campo de concentração e virou santo. 2h04. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4; dub.: 21h10.

OPERAÇÃO BORBOLETA. Brasil, 2024. Dir.: Sílvio Toledo. Elenco: Henri Castelli, Paola Rodrigues, Fábio Campos, Alexandre Borges. Policial. Dupla de investigadores tenta desvendar assassinatos de mulheres em cidade pequena. 1h48. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2; 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 16h50, 19h20.

PERFEKTA – UMA AVENTURA DA ESCOLA DE GÊNIOS. Brasil, 2024. Dir.: João Daniel Tikhomiroff. Elenco: Sophia Rosa, Enzo Ignácio, Murilo Gricolo, Rômulo Estrela, Daniel Dantas. Aventura/ infantil. Pequenos gênios precisam deter um robô que dominou um laboratório. 1h33. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1; dub.: 14h, 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h15, 15h30, 17h45, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h, 15h, 19h. CINESERCLA TAMBIA 3: 16h, 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 16h, 18h.

SORRIA 2 (*Smile 2*). EUA, 2024. Dir.: Parker Finn. Elenco: Naomi Scott, Kyle Gallner, Drew Barrymore. Suspense. Estrela pop é aterrorizada por um sorriso sombrio que vê em todo lugar. 2h07. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos); dub.: 15h30, 18h15; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h30, 17h, 19h45, 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: dub.: 13h45, 19h; leg.: 16h30, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h15, 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 15h20, 17h50, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h20, 17h50, 20h20. **Pa-**

tos: CINE GUEDES 1: dom.: dub.: 15h. CINE GUEDES 3: dub.: 18h45, 21h10. MULTICINE PATOS 3: dub.: 21h10. MULTICINE PATOS 4: dub.: dom.: 17h20; seg. a qua.: 17h.

SUPER/MAN – A HISTÓRIA DE CHRISTOPHER REEVE (*Super/Man – The Christopher Reeve Story*). EUA, 2024. Dir.: Ian Bonhôte e Peter Ettedgui. Documentário. A história do ator que interpretou o Super-Homem no cinema e ficou tetraplégico após um acidente. 1h44. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4; leg.: 19h, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP); leg.: 13h30, 16h, 18h45, 21h30.

FESTIVAL

MOSTRA RESISTÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS. Exibição de filmes brasileiros clássicos. Domingo: “A Opinião Pública” (15h); “Pra Frente, Brasil” (17h); “Cabra Marcado para Morrer” (19h). Segunda: “ABC da Greve” (17h); “O Caso dos Irmãos Neves” (19h). Terça: curtas-metragens (17h); “Eles Não Usam Black-Tie” (19h).

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: Até terça, 22/10. Entrada franca.

CONTINUAÇÃO

CORINGA – DELÍRIO A DOIS (*Joker – Folie à Deux*). EUA, 2024. Dir.: Todd Phillips. Elenco: Joaquin Phoenix, Lady Gaga, Zazie Beetz, Catherine Keener, Brendan Gleeson, Steve Coogan. Drama/ policial/ musical. Enquanto aguarda julgamento, o Coringa encontra o amor e a música dentro dele. 2h18. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 15h, 18h, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP); leg.: 14h15, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h45, 18h45, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h25, 18h05, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h25, 18h05, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 21h15. CINE GUEDES 3: dom.: dub.: 16h. MULTICINE PATOS 1: dub.: dom.: 15h40, 20h20; seg. a qua.: 16h15, 20h20.

O DIA QUE TE CONHECI. Brasil, 2024. Dir.: André Novais Oliveira. Elenco: Renato Novaes, Grace Passô. Drama. Prestes a ser demitido, bibliotecário de escola cria vínculo com colega de trabalho durante carona para casa. 1h11. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: Próximas semanas: qui. 24/10: 19h.

FERNANDA YOUNG – FOGUE-ME AO CONTROLE. Brasil, 2024. Dir.: Susanna Lira e Clara Eyer. Documentário. Visão poética sobre vida e obra da escritora Fernanda Young. 1h27. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: Próximas semanas: qui. 31/10: 19h.

A FORJA (*The Forge*). EUA, 2024. Dir.: Alex Kendrick. Elenco: Aspen Kennedy, Cameron

Arnett. Drama/ religioso. Rapaz de 19 anos é forçado a tomar um rumo na vida. 2h04. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 20h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h30, 16h15, 19h, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h45, 16h30, 19h30, 22h10. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 20h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h50, 18h10, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h50, 18h10, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h50. CINE GUEDES 2: dub.: 20h45. MULTICINE PATOS 4: dub.: dom.: 14h45, 19h55; seg. a qua.: 19h55.

QUANDO EU ME ENCONTRAR. Brasil, 2024. Dir.: Michelline Helena, Amanda Pontes. Elenco: Di Ferreira, Pipa. Drama. Noivo e familiares tentam conviver com o luto após morte. 1h17. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: Próximas semanas: qua. 23/10: 20h; ter. 29/10: 19h.

ROBÔ SELVAGEM (*The Wild Robot*). EUA, 2024. Dir.: Chris Sanders. Dublagem brasileira: Elina de Souza, Rodrigo Lombardi, Gabriel Leone. Aventura/ animação. Robô tenta sobreviver em ilha desabitada e adota filhote de ganso. 1h41. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h30, 16h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h50, 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h, 16h20, 18h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h30, 16h, 18h30, 20h50. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: dom.: 14h, 16h, 18h, 20h; seg. a qua.: 16h, 18h, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom.: 14h, 16h, 18h, 20h; seg. a qua.: 16h, 18h, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 15h, 16h55, 18h50; seg. a qua.: 16h55, 18h50. MULTICINE PATOS 3: dub.: dom.: 3D: 14h30, 19h; 2D: 16h45; seg. a qua.: 2D: 15h30; 3D: 19h.

A SUBSTÂNCIA (*The Substance*). Reino Unido, 2024. Dir.: Coralie Fargeat. Elenco: Demi Moore, Margaret Qualley, Dennis Quaid. Suspense. Celebridade em decadência resolve usar droga clandestina que cria uma versão mais jovem de si mesma. 2h20. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1; leg.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 21h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 10: leg.: 17h15.

TUDO POR UM POP STAR 2. Brasil, 2024. Dir.: Marco Antonio de Carvalho. Elenco: Gabriella Saraivah, Bela Fernandes, Giovanna Lancelotti. Comédia/ romance. Três jovens amigas viajam para ir ao show de um ídolo que estudou na mesma escola, mas imprevistos acontecem. 1h14. Classificação não informada.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 14h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h20, 15h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 17h, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 3: dom.: 14h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dom.: 14h25. **Patos:** CINE GUEDES 1: 17h20.

CONTATO

CENTERPLEX: (MAG Shopping, JP - https://www.centerplex.com.br/cinema/mag). **CINE BANGÜÊ:** (Espaço Cultural, JP - Instagram: @cinebanguê). **CINÉPOLIS:** (Manaíra Shopping e Mangabeira Shopping, JP - https://www.cinepolis.com.br/programacao/joao-pessoa.html). **CINESERCLA:** (Tambia Shopping, JP e Partage Shopping, CG - https://www.cinesercla.com.br). **CINE GUEDES:** (Guedes Shopping, Patos - https://www.guedesshopping.com.br/entretenimento/cinema). **MULTICINE:** (Patos Shopping, Patos - https://www.multicinecinemas.com.br/).

Teatro

HOJE

BRUNA LOUISE. Humorista apresenta solo de comédia stand-up *Ela Tá Correndo Atrás*. 14 anos.

Campina Grande: TEATRO FACISA (Unifacisa, Av. Sen. Argemiro de Figueiredo, 1901, Sandra Cavalcante). Domingo, 20/10, 19h. Ingressos: de R\$ 50 (balcão e camarote/meia) a R\$ 120 (plateia/ inteira), antecipado na plataforma Ingresso Digital.

A CIGARRA E A FORMIGA, SIM, SENHOR! Da Cara Dupla Coletivo de Teatro e Associação de Mulheres Ancilina Candeia. Texto: Joseane Magda. Direção: Leticia Rodrigues.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, 284, Manaíra). Sábado e domingo, 17h. Ingressos: R\$ 20, antecipados pelo WhatsApp (83-9.8625.5220).

NESTA SEMANA

DOIDAS E SANTAS. Com Cissa Guimarães. Comédia baseadas em livro de Marta Medeiros celebra 10 anos.

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/nº, Polo Turístico Cabo Branco). Sexta, 21h. Ingressos: antecipados na loja Ecológica (Manaíra Shopping) e plataforma Symppla.

Música

HOJE

AFRONTAMENTO. Sarau com as atrações Sarah Soul, Kevin Ndjana, Nathalia Bellar, Parageau, Laiz de Dyá, Coletivo Blakoutt, Jacayp, NX e Ceiga Farias.

João Pessoa: PARQUE PARAHYBA 2 (R. Bacharel José de Oliveira Curchatuz, 554-

568, Jardim Oceania). Domingo, 15h30. Entrada franca.

ZÉ FILHO E BANDA. Guitarrista se apresenta no projeto Relembrando os Bares de Jampa.

João Pessoa: DEPOIS DA ESQUINA (R. Antônio de Oliveira Moura, 283, Aeroclube). Domingo, 16h. R\$ 30.

Exposições

CONTINUAÇÃO

BEBEL LÉLIS. Exposição *Lentes do Cângaço*, de xilogravuras a partir de fotografias.

João Pessoa: ESPAÇO EXPOSITIVO ALICE VINAGRE (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Visitação até 8 de novembro. Entrada franca.

CAMPINA GRANDE, 160 ANOS – ARTE, HISTÓRIA, DEVOÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Coletiva com 20 artistas, abordando a história da cidade.

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (R. Dr. Severino Cruz, s/nº, Centro). Visitação diária, das 8h às 18h. Entrada franca.

DO RIO AO MAR. Fotografia do coletivo Paraibando com foco na cidade de João Pessoa.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até 30 de novembro. Entrada franca.

MOZILEIDE NERI. Exposição *A Forma como Variável*, de objetos em escala reduzida. **João Pessoa:** ESPAÇO EXPOSITIVO ALICE VINAGRE (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Visitação até 8 de novembro. Entrada franca.

PEDRO DELGADO. Exposição *Guerreiros do Sol*.

João Pessoa: ESPAÇO ARTE BRASIL (Liv Mall, Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, 500, Jardim Oceania). Entrada franca.

PRIMAVERA NORDESTINA. Coletiva de pintura com nove artistas.

João Pessoa: RESTAURANTE CANOA DOS CAMARÕES (Av. João Maurício, 121, Manaíra). Visitação diária das 11h às 23h, até novembro. Entrada franca.

SÉRGIO NASCIMENTO. Exposição *Resíduos*, com instalação, vídeo, *site specific*, objeto, escultura.

João Pessoa: USINA ENERGISA (Av. Juarez Távora, 243, Centro). Visitação de terça a sábado, das 13h às 18h, até 9 de novembro. Entrada franca.

PRIMEIRO TURNO

Curiosidades das eleições no estado

Conheça histórias como a da aposta que rendeu um caixão ao vencedor e do candidato que estreou na política aos 90 anos

Filipe Cabral
filipemscabral@gmail.com

A eleição do candidato mais velho do Brasil, o homem que ganhou um caixão em uma aposta para prefeito, o candidato que foi eleito suplente de vereador com zero votos e os candidatos a vereador que empataram no número de votos pela segunda vez consecutiva. Pode não parecer verdade, mas todos esses casos aconteceram no primeiro turno das Eleições Municipais 2024 na Paraíba.

Em Monte Horebe, município do Sertão paraibano, José de Oliveira Costa foi eleito vice-prefeito aos 90 anos, em sua primeira candidatura a um cargo político. “Zé Costa”, como é conhecido, compôs a chapa da prefeita eleita, Milena Nogueira (MDB), de apenas 26 anos. Com 2.459 votos, o que corresponde a 68,67% dos votos válidos no município, os dois venceram a chapa do PSB, composta por Padre Gilberto e Hionara de Miranda.

De acordo com Zé Costa, sua estreia como candidato surgiu de uma indicação do atual prefeito de Monte Horebe, Marcos Eron. Para ele, mais do que orgulho, o resultado da eleição lhe deu “uma satisfação e uma motivação muito grandes”.

“Fui convencido a aceitar a candidatura para ajudar a promover uma campanha unida e para poder trazer, na medida das minhas possibilidades, a minha experiência no setor público para contribuir com a gestão da prefeita Milena. Sempre fui de cargos técnicos e agora me vem este desafio de ação política direta que quero honrar com todas as forças que, felizmente, ainda tenho”, explicou.

Embora tenha concorrido pela primeira vez a um cargo político, o vice-prefeito eleito possui uma extensa carreira pública que inclui, por exemplo, duas passagens como secretário de Estado de Agricultura nos governos de Tarcísio Burity e José Maranhão. Professor aposentado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) — onde lecionou por 20 anos — José também foi superintendente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), diretor presidente da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e da Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária (Emepa) e presidente da Fundação Instituto de Planejamento (Fiplan).

Sobre o fato de ser o candidato eleito com a maior idade no país, ele diz que o “posto” não era esperado, mas também não o surpreende nem sequer assusta.

“Vejo este fato com toda a naturalidade, inclusive porque vejo na política, e lamento muito, jovens que parecem ter 300 anos, pelas ideias arcaicas que têm e pelas ações que repetem, mesmo que estejam ultrapassadas pela história. Estou plenamente disponível para colaborar com a



Foto: Arquivo pessoal

Alcides Pessoa ganhou um caixão, em uma aposta, por acertar o resultado da eleição

■ Em Monte Horebe, município do Sertão paraibano, José de Oliveira Costa foi eleito vice-prefeito aos 90 anos

futura prefeita e a Prefeitura de Monte Horebe; com este município que eu sempre colaborei, em todas as vezes que pude, inclusive nos cargos de direção em governos estaduais entre os anos de 1970 até o ano 2000”, afirmou.

Aposta

Outro fato que chamou atenção no primeiro turno das eleições na Paraíba ocorreu em Rio Tinto, no Litoral Norte do estado. O servidor aposentado, Alcides Pessoa, ganhou um caixão, em uma aposta, por acertar o resultado da eleição para a Prefeitura do município vizinho, Mamanguape.

“Désio”, como é conhecido na cidade, apostou com o amigo José Antônio — que é dono de uma funerária em Rio Tinto — que Joaquim Fernandes (PSB) venceria a disputa contra o deputado estadual Eduardo Brito (Solidariedade), o que acabou se confirmando, com a vitória de Joaquim com 18.114 votos (66% dos votos válidos).

Além do caixão, Désio também ganhou de “Zé do

Caixão” um carro modelo Fiesta. O vídeo dele desfilando com os prêmios pelas ruas de Rio Tinto acabou viralizando nas redes sociais. Segundo Désio, as apostas nas eleições já se tornaram uma tradição entre os amigos da cidade.

“É comum essa brincadeira nas eleições. Eu sempre aposto com ele e com muita gente aqui, seja para presidente, prefeito, governador, vereador. Nesse ano, eu apostei R\$ 57 mil no total, mas eu pegava cinco com um, três com outro, 10 com outro e por aí vai. No dia em que a gente apostou o caixão, ele chegou perguntando se eu queria apostar lá em Mamanguape. Eu dei R\$ 2 mil e ele apostou o caixão, que era no valor de R\$ 10 mil. Depois ele chegou e disse: ‘Eu

tenho um carro pra apostar’. Ele pediu R\$ 20 mil e eu botei R\$ 25 mil em cima do carro. E aí eu ganhei o carro e o caixão. Agora eu tô esperando algum conhecido falacer para eu doar o caixão”, brincou o aposentado.

José Antônio Pereira — o Zé do Caixão — disse que não lamenta o prejuízo. Pelo contrário, gostou da repercussão da brincadeira e comentou que pensa até em lançar candidatura própria nas próximas eleições.

“Prejuízo o quê? Eu devolvi um pouco do que eu tomei dele há uns anos, quando apostei que Lula venceria a eleição. Isso é besteira! Na próxima eleição, vou sair deputado estadual e eu mesmo vou apostar se vou ganhar ou perder”, ironizou.

José Antônio disse ain-

“

É comum essa brincadeira nas eleições. Eu sempre aposto com ele e com muita gente aqui

Alcides Pessoa

da que planeja aproveitar a repercussão do caso e lançar um bloco de carnaval no próximo ano, o “Bloco do Zé do Caixão”. Segundo ele, o bloco teria o mesmo objetivo das apostas: divertir-se com os amigos.

“Em 2022, eu ganhei todas as apostas que fiz e, em 2024, eu perdi todas. Mas aqui não tem essa história de prejuízo, não. Teve uma vez que um rapaz apostou a carroça que era o ganhão dele. Perdeu. Na eleição seguinte, eu apostei um carro meu e uma moto com o amigo que tinha ganhado a carroça. Eu ganhei a aposta e devolvi a carroça para o dono”, lembrou.

Suplente

Em Cabedelo, na Região Metropolitana de João Pessoa, Sebastião Felinto (PT) surpreendeu a todos — e a ele mesmo — ao entrar para a lista de suplentes a vereador com um total de zero votos.

Beneficiado pelo quociente partidário — que define o número de vagas a que cada partido e federação terão direito nas Câmaras Municipais —, nem mesmo o próprio candidato e seus familiares votaram nele. Segundo Felinto, a princípio, ele não seria candidato. Sua inscrição no pleito se deu faltando apenas 10 dias para a eleição, para completar a lista de candidaturas do partido.

“Não tinha o que fazer. Uma pessoa foi indeferida

e aí, como eu era o reserva, colocaram o meu nome. Mas já não dava tempo de imprimir material, nem nada. Então, eu decidi que votaria no partido e orientei a família e os amigos a fazerem isso também”, esclareceu.

A Federação formada por PT, PV e PCdoB elegeu dois vereadores em Cabedelo: Reinaldo Barbosa de Lima —o Rey —, do PT, e Wagner do Solanense, do PV. Além de Sebastião, outros 13 candidatos a vereador da Federação entraram para o rol de suplentes no município. Ele é o último da lista.

Militante do setor da pesca, Sebastião Felinto participou de todos os pleitos de 2014 até hoje. Ele já foi candidato a deputado federal, estadual e vereador — aos dois últimos cargos por duas vezes. Ao longo de sua carreira política, passou pelo PDT, DC e MDB até chegar ao atual partido.

Questionado sobre suas intenções, ele não pestaneja: “Eu pretendo concorrer a futuras eleições, sim, se Deus assim me permitir”.

Empate

Por último, outro fato inusitado das eleições em terras paraibanas foi registrado na cidade de Diamante, na região do Vale do Piancó, onde os candidatos Damião Juca e José Venâncio — ambos do MDB — obtiveram exatamente o mesmo número de votos: 242. O caso se torna ainda mais curioso pelo fato de que, há quatro anos, nas Eleições Municipais 2020, os dois também empataram, com 220 votos para cada um.

Em 2020, tanto Damião como Venâncio conseguiram se eleger. À época, os dois eram filiados ao Podemos. Contudo, neste ano, Venâncio acabou ficando de fora. De acordo com a lei eleitoral, no caso de empate, o candidato mais velho tem preferência. Com 58 anos, 17 a mais que Venâncio, Damião acabou ficando com a vaga na Câmara Municipal por mais quatro anos.

A União tentou entrevistar os candidatos, mas não obteve os contatos até o fechamento desta reportagem.



Foto: Arquivo pessoal

José Costa, aos 90 anos, foi convencido a aceitar a candidatura a vice-prefeito na chapa encabeçada por Milena

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Órgãos debatem propostas de revisão e modernização

Seminário organizado pelo governo destaca os novos desafios das gestões

Agência Gov

A nova organização da Administração Pública Federal, a partir da revisão do Decreto-Lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967, vem sendo tema de debates organizados pelo Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI) e pela Advocacia-Geral da União (AGU) desde a semana passada. O Seminário DL 200 Escuta, que termina na próxima quinta-feira (24), faz parte das atividades da comissão de especialistas, criada em abril deste ano, para elaborar uma proposta de revisão da área e estabelece diretrizes para a transformação do Estado.

“Precisamos pensar a administração pública com o olhar de uma nova governança, que seja colaborativa, com e entre os entes federados, e em parceria com a sociedade civil”, afirmou a secretária adjunta de Gestão e Inovação (Seges), Kathyana Buonafina, durante a abertura do evento, na última terça-feira (15). O seminário foi dividido em quatro eixos temáticos: Parcerias em Políticas Públicas; Governança, Planejamento e Orçamento; Estrutura Organizacional; e Gestão de Pessoas, Inovação e Controle.

Buonafina destacou ainda a importância da revisão do Decreto-Lei nº 200 como caminho para melhores entregas de serviços para a população. “O decreto-lei criado na década de 60 constitui as bases da administração pública. Hoje estamos diante de novos desafios, em um contexto de problemas cada dia mais complexos, e precisamos pensar em novas bases, em novos valores, em colaboração e participação social, trazendo um olhar para a inovação, para a entrega de valor público para a população. Um olhar sobre resultado enquanto geração



Foto: Arquivo/Agência Gov

Kathyana Buonafina destacou a necessidade de uma governança mais colaborativa

■ **Especialistas destacam o atual contexto de problemas a cada dia mais complexos na sociedade e que exigem soluções inovadoras**

de valor para o beneficiário, que é o cidadão brasileiro”, ressaltou.

Entendimentos comuns

A abertura do seminário também contou com a participação do secretário extraordinário de Transformação do Estado (Sete) do MGI, Franciso Gaetani. “De 1967 para 2024, muita coisa aconteceu. Tivemos Constituição, emenda constitucional, algumas leis complementares e ordinárias importantes que afetam esta discussão, mas chegou a hora de olhar para o conjunto e avançar. Dialogar com vários setores, processar as diferenças e construir entendimentos comuns”, reforçou.

A secretária-geral da AGU, Clarice Calixto, reiterou o desafio de revisar o decreto-lei, que é o organizador do modo como a administração pública funciona há décadas. “O normativo foi importante naquele momento, mas precisamos repensar o Estado, os seus instrumentos e a sua organização. E começamos, hoje, uma rodada de escuta plural, com acadêmicos, especialistas e representantes de órgãos públicos de todo o Brasil para mergulharmos nesse tema que é de grande relevância para o Estado brasileiro”, explicou.

Ampliação do diálogo e atuação próxima

Um dos temas que está sendo discutido no processo de atualização do Decreto-Lei nº 200 é o de parcerias nas políticas públicas. O painel “Articulação e atuação interfederativa”, realizado na última terça-feira, contou com a participação de representantes de entidades municipalistas, conselhos intergovernamentais, instituições de pesquisa e Governo Federal. Cada especialista participante expôs o que espera dessa nova organização da administração pública e das relações que se pretende desenhar a partir da revisão da norma.

A ampliação do diálogo e a aproximação das três esferas de governo foram temas destacados pelos palestrantes. De acordo com Alden Manguiera, auditor do Tribunal de Contas da União (TCU), muitos governos estaduais e municipais enfrentam dificuldades de capacitação e falta de ins-

trumentos para executar as políticas públicas. “Precisamos aperfeiçoar os instrumentos que já temos hoje, como mecanismos de auditorias colaborativas e plataformas de monitoramento. Também temos que acelerar a capacitação de servidores, as ações de cooperação e a assistência técnica”, explicou.

Gilberto Perre, secretário-executivo na Frente Nacional de Prefeitas e Prefeitos (FNP), reforçou a necessidade de uma maior proximidade entre os entes e acrescentou que o financiamento das cidades precisa ser revisto, para reduzir desigualdades e garantir dignidade de todos os municípios. Na área de recursos públicos, Fabrício Maia, presidente do Conselho Nacional de Secretários de Estado da Administração (Consad), enfatizou a necessidade de se promover a equalização fiscal. “Na dimensão que o Bra-

sil tem, com tantos municípios, encontrar soluções não é simples, mas momentos de discussões e uma linha de debate para buscar reduzir as disparidades regionais são fundamentais”, pontuou.

Políticas públicas

Outro assunto levantado foi o modelo da elaboração de políticas públicas no país. “O modelo regional ou o macrorregional pode ser mais eficaz do que o de políticas nacionais”, ponderou Denilson Coelho, cientista político e professor da Universidade de Brasília. O professor acredita que os consórcios municipais em áreas como saúde e educação podem ser mais efetivos e precisam ser mais estudados.

Para gestores e servidores públicos, os debates levantados no painel ofereceram caminhos para o aprimoramento da execução de políticas públicas

no dia a dia. Foram trazidas soluções para a rotina de gestão e debatidas oportunidades para que instituições públicas inovem na forma de conduzir iniciativas locais, com maior eficiência e impacto social.

O evento “DL 200 Escuta” está sendo realizado em formato 100% on-line e transmitido ao vivo pelo canal da Advocacia-Geral da União (AGU) no YouTube.

Soluções

Entre os temas abordados, está a necessidade de uma maior proximidade entre os entes para reduzir desigualdades e garantir dignidade aos municípios

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Um cego que tudo vê

Ricardo Alves, o comunicador da Rádio Comunitária Araçá, de Mari, é teatrsta amador, com atuação nas peças “A peleja de Lampião com o Capeta”, “Mari, Araçá e outras árvores do Paraíso” e “Cantiga de Ninar na Rua”, todas de minha autoria, quando dirigia o Coletivo Dramático de Mari (Codrama) nas décadas 80/90. Pela “expressiva contribuição” que dizem ter prestado à cultura de Mari, já recebi diversas homenagens, entre medalhas, títulos honoríficos na Câmara de Vereadores e diplomas de honra ao mérito. A maior delas é quando alguém se propõe a preservar minha obra, que é o caso desse incansável divulgador da cultura local, meu considerado Ricardo Alves.

O escritor americano Paul Auster disse que “o homem não tem uma única e mesma vida, mas várias arranjadas de ponta a ponta”. Fui e sou testemunha e coletor das manifestações culturais do meu povo em várias linhas de frente, entre elas Mari, onde morei por 12 anos. Fiz pesquisas e contextualizei a história desse município paraibano na peça “Mari, Araçá e outras árvores do paraíso”, espetáculo que estreou em 1988 e fez razoável carreira, apresentando-se até aqui na capital da Parahyba do Norte, no auditório do Centro de Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba, em 23 novembro daquele ano, numa promoção da turma concluinte do curso de Ciências Biológicas, sob a direção do teatrólogo Carlos Cartaxo.

Ricardo Alves faz o programa “Gonzagão, sua vida e sua obra”, na Rádio Comunitária Araçá, de Mari, emissora que fundei com outros companheiros e companheiras marienses em 1998. No campo artístico, ele quer reviver o movimento teatral da cidade, com a montagem da peça “Mari, Araçá e outras árvores do paraíso”, para o que pediu minha autorização. Não só concedo o direito como me disponho a colaborar na direção, acreditando na trajetória de vida e amor pela arte de pessoas como Ricardo, Ozaneide Vicente, Severino Batista, Chico Tadeu, Manoel Batista e outras figuras que estavam nos nossos fazeres e viveres marienses nos bons tempos.

Não querendo ser melhor do que ninguém, mas preciso registrar que essa peça e o livro do mesmo nome são a primeiríssima tentativa consciente e objetiva de plasmar uma imagem desse município através da arte, que é “uma opção de vida contra toda e qualquer forma de opressão: social, intelectual, estética, política...”, no entendimento do revolucionário artista plástico Hélio Oiticica. Por isso, sinto-me exultante pela iniciativa de Ricardo Alves, a quem chamo de Ceguinho por causa do seu problema visual. No entanto, esse “cego” é mesmo um visionário, idealista e sonhador por uma Mari mais civilizada e iluminada.

Minha amiga Ana Almeida, presidente da Academia Sapeense de Letras, Artes e Cultura, pediu um nome mariense para ser entronizado na academia que agrega artistas de Mari, Sapé e Sobrado. De bate-pronto, indiquei Ricardo Alves, comunicador do lirismo, humor e imaginação, que é a identidade desse povo. No pequeno universo da província, um cara como Ricardo Ceguinho incorpora a visão da sociedade em que vive, com suas pequenezas e grandezas. Reconheço nesse rapaz simples e míope um artista com capacidade de ter luz própria.

As Escrituras ensinam que só aqueles que conhecem e amam a Jesus Cristo têm visão espiritual. Este humilde incrédulo acha que o artista é o que enxerga mais longe, até no mundo alegórico do misticismo, mesmo carecendo de olhos físicos para ver o horizonte. Na cidade de Mari, anda pelas ruas um sujeito por nome Ramiro Freire, conhecido como Miro do Babau. Roupas extravagantes, paletó vermelho, óculos escuros, cravo na lapela, chapéu “cheguei”, ele anda pelas ruas tocando um pandeiro e cantando velhas cantigas de boemia. É um sujeito verborrágico. Quando se espulha, é difícil juntar. Ele tem a independência que a cultura do povo pressente. Albert Camus anunciava: “Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela deduz, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é um dom para o futuro”. Ricardo Alves, Miro do Babau e outros criadores do povo dizem as coisas mais significativas e perspicazes da forma mais elementar. Um salve para Mari e seus artistas e para Sapé e sua academia igualitária.

ENSINO MÉDIO

Etapa atende a demandas do país

Mudanças geralmente acompanham agendas governamentais para suprir as necessidades do mercado de trabalho

Felipe Bueno
Jornal da USP

A atual reforma do Ensino Médio, instaurada por meio da Lei nº 13.415/2017, estabelece novas diretrizes e bases da educação nacional, isto é, uma nova estrutura curricular aos estudantes do Ensino Médio. A professora Carmen Moraes, da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de São Paulo, afirma que, historicamente, houve diversas propostas para reformar essa etapa da educação, uma vez que pode ser considerada a mais problemática da educação brasileira.

Objetivo
De acordo com a especialista, a educação no país possui o objetivo de adequar os estudantes às demandas do mercado de trabalho e ela cita as duas últimas grandes mudanças ocorridas no Ensino Médio: em 1997, realizada no Governo de Fernando Henrique Cardoso; e em 2017, aprovada no Governo de Michel Temer. “Ambas fazem parte de agendas governamentais neoliberais e emergem de uma sociedade com níveis decrescentes de proteção social e democracia e buscam controlar e cercear o alongamento da escolarização dos jovens”, explica. De modo geral, quando são apresentadas sugestões de mudanças, existe a justificativa de aprimorar o que está sendo aplicado até o momento — seja por meio de uma leve alteração ou até mesmo por uma transformação total. Nesse sentido, a reforma

“**Sim, havia e há muitos problemas na educação básica, especialmente no Ensino Médio**”

Carmen Moraes

do Ensino Médio objetiva alterar completamente o sistema educacional que estava vigente desde 1996, quando o “segundo grau” passou a ser chamado oficialmente de “Ensino Médio”. “Sim, havia e há muitos problemas na educação básica, especialmente no Ensino Médio, que é a etapa mais problemática da organização escolar. No Brasil, como em vários outros países sujeitos a agendas neoliberais, o cerne da disputa na educação pública situa-se principalmente no Ensino Médio”, aponta a professora. “Dados do censo escolar, como índices altos de evasão e de reprovação, que são associados a resultados de avaliações internas e externas, são utilizados frequentemente para indicar a realidade de um Ensino Médio falido, incapaz de cumprir metas e de atender às necessidades dos estudantes”, afirma. Por exemplo, de acordo com o Índice de Desenvolvi-



Foto: Evandro Pereira

Para especialista, após o Golpe Militar, em 1965, as relações entre escolas e estruturas sociais inclusivas tornaram-se problemáticas

mento da Educação Básica, publicado em 2024, o Estado de São Paulo apresentou quedas nos índices entre os anos de 2021 e 2023 — levando em conta toda a rede escolar de Ensino Médio do Estado; mas, destacando apenas a rede pública, os dados apresentados são ainda piores, segundo Carmen. No entanto, na visão da especialista, a reforma atual não combaterá esses problemas, que residem na ausência de políticas públicas que possam suprir as deficiências das redes escolares; mudanças recorrentes, centradas apenas nos currículos, não re-

solvem e podem ser, até mesmo, prejudiciais. **Início do problema**
A conexão entre as políticas econômicas e educacionais é muito mais antiga do que se imagina. De acordo com Carmen Moraes, “a análise das atribuições sociais historicamente atribuídas ao Ensino Médio indica claramente, em consonância com a divisão capitalista do trabalho, o caráter dual que tem marcado a educação escolar brasileira”. Ela conta que, desde o início, havia a separação entre o Ensino Médio geral, que era

voltado para as elites, e os tipos profissionais — destinados à população trabalhadora. “Essa separação se caracteriza pela circunstância, durante vários anos, de o ensino secundário e o ensino profissional técnico — promovido a Ensino Médio — constituírem estruturas paralelas ministradas em redes escolares próprias e sujeitas à jurisdição de diferentes órgãos centrais da administração”, explica a especialista. Isso era definido pela Lei Orgânica de Ensino de 1942 e, até o ano de 1950, a separação era quase completa, inexistindo a possibilidade de um alu-

no do curso profissional passar para o ensino secundário. Somente em 1961, a LDB estabeleceu a equivalência entre os cursos técnicos e secundários para ingresso em cursos superiores. Após o Golpe Militar, em 1965, as relações entre instituições escolares e estruturas sociais inclusivas se tornaram a problemática central do pensamento pedagógico brasileiro. Com o processo crescente de burocratização e racionalização das escolas, a atuação do Estado, dos empresários e educadores se tornava cada vez mais instrumentalizada nas instituições escolares.

Motivo para a reforma é a suposta carência de profissionais

Durante o Regime Militar, foi promulgada a Lei nº 5692/1971, que introduziu os cursos técnicos profissionais. “De acordo com essa lei, o ensino de todas as escolas de segundo grau seria técnico. A distinção deixa de ser feita entre ramos de ensino para ser realizada entre currículos orientados para habilitações profissionais. O curso técnico industrial foi o modelo implícito na organização do novo Ensino Médio profissionalizante”, explica a professora. O discurso utilizado pelo

governo para aplicar esse novo Ensino Médio era o de suprir uma suposta carência de profissionais de nível médio e, simultaneamente, possibilitar que os concluintes pudessem ingressar no mercado de trabalho sem a necessidade de um curso superior. Na visão da docente, a implementação dessa política educacional — que reduz a educação a um simples fator de produção — resultou em consequências dramáticas. Ela discorre: “Além de não ter provocado mudanças no

caráter elitista da educação brasileira, a reforma implicou a descaracterização e maior desqualificação do Ensino Médio. O empobrecimento dos currículos escolares, com a retirada e o esvaziamento dos conteúdos de formação geral, imprescindíveis para a compreensão crítica da realidade social, e o fracasso na realização da pretendida formação técnica só vieram reforçar a dicotomia entre a educação para a elite e a educação para o trabalhador”. Vale ressaltar que, de for-

ma positiva, houve a ampliação do acesso à escola pública durante o período da Ditadura Militar. Mas, enquanto o número de alunos subia, as instalações físicas não acompanhavam o ritmo. Além disso, houve a diminuição das jornadas escolares, que impactou no empobrecimento dos currículos escolares. No entanto, a especialista afirma que a política profissionalizante dos governos militares não obteve o sucesso esperado, por conta da falta de recursos financeiros vol-

tados às redes públicas e pela ausência de profissionais qualificados. Assim, a resistência realizada pelos professores e pelos proprietários de escolas privadas conseguiu derrubar a estrutura: “Em 1982, a promulgação da Lei nº 7.044 reorientou a reforma de 11 anos antes, retirando a obrigatoriedade da profissionalização profissional compulsória, que permaneceu como uma das possibilidades ao lado de um currículo exclusivamente propedêutico”, finaliza Carmen Moraes.

■ Cursos técnicos foram criados em 1971, com a proposta de gerar mão-de-obra qualificada sem nível superior



Foto: Wilson Dias/Agência Brasil

Política profissionalizante não alcançou o sucesso esperado devido à falta de recursos financeiros voltados às redes públicas, além da ausência de um corpo docente qualificado para o modelo

CARGOS DIVERSOS

Estado tem 1,1 mil vagas abertas

Maioria das oportunidades é para a Fundação PB Saúde, que prorrogou as inscrições até o dia 6 de novembro

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Se o que você busca é combinar a segurança do serviço público com a emoção de enfrentar desafios, o concurso para o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba pode ser a escolha ideal. Lançado no último dia 12, o edital abre 15 vagas para o Curso de Formação de Oficiais (CFO) 2025, com salários que começam em R\$ 3 mil e podem chegar a R\$ 8.639,32 ao longo da carreira. Mas também há opções menos intensas, mas igualmente desafiadoras, como é o caso da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde). O certame oferece mais de 1,1 mil vagas para contratação imediata, e as inscrições foram prorrogadas até 6 de novembro. Os salários variam de R\$ 1.698 a R\$ 12 mil, para jornadas de trabalho que vão de 20 a 44 horas semanais.

CFO
Das 15 vagas oferecidas no concurso do Corpo de Bombeiros, 12 são para ampla concorrência e três são destinadas a candidatos negros. As inscrições vão até o dia 25 deste mês e devem ser realizadas no *site* dos Bombeiros (bombeiros.pb.gov.br), mediante pagamento de taxa de R\$ 120. Para concorrer, é necessário cumprir al-



Certame para formação de oficiais do Corpo de Bombeiros está vinculado ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)

guns requisitos, como ter entre 18 e 32 anos e possuir altura mínima de 1,60 m para homens e 1,55 m para mulheres.

De acordo com o edital, o processo seletivo está vinculado ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A nota obtida na edição 2024 da prova será usada para classificar o candidato e contará como primeira fase do certame. Os aprovados nessa etapa farão exames com-

plementares, incluindo testes de saúde, aptidão física e avaliação psicológica.

O CFO é um curso de nível superior, com duração de três anos, realizado em regime integral na Academia de Bombeiro Militar Aristarco Pessoa, em João Pessoa. Os candidatos selecionados ingressam no CFO como cadetes e, após a conclusão do curso, serão considerados “aspirantes a oficial”, dando início ao estágio probatório

de seis meses.

PB Saúde
Com o objetivo de suprir a demanda de profissionais nas unidades hospitalares geridas pela fundação, o certame da PB Saúde oferece 1.146 vagas com início imediato, distribuídas em 86 cargos, contemplando desde profissionais de nível básico até médicos especialistas. Advogados, enfermeiros, psicólogos, assistentes ad-

ministrativos, engenheiros e técnicos em Enfermagem são alguns exemplos. Além disso, há ainda 3.044 vagas para cadastro reserva.

As inscrições foram prorrogadas até o dia 6 de novembro e devem ser feitas pelo *site* do Idecan (idecan.org.br). As taxas variam conforme o nível de escolaridade, com opções que vão de R\$ 80, para nível básico, até R\$ 250, para médicos. Apesar da prorrogação, as pro-

vas objetivas acontecerão na data prevista anteriormente — 15 de dezembro —, em quatro cidades paraibanas: João Pessoa, Campina Grande, Guarabira e Patos.

A avaliação será composta por 65 questões de múltipla escolha, sendo 30 de conhecimentos comuns, incluindo Língua Portuguesa e Legislação (ligada à área de saúde), e 35 de conhecimentos específicos para cada cargo. Após a etapa inicial, os candidatos passarão por análise de títulos, avaliação biopsicossocial e heteroidentificação para vagas reservadas. Conforme o edital, o resultado definitivo do certame deverá sair no dia 24 de janeiro de 2025.

Salários

Selecionados para a carreira militar receberão, inicialmente, R\$ 3 mil e o valor progredirá até R\$ 8,6 mil; já na PB Saúde, remunerações vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 12 mil

Bombeiro precisa de preparo e de compromisso com a vida

Com o concurso do Corpo de Bombeiros da Paraíba no horizonte, os aspirantes a cadete precisam estar prontos para embarcar em uma carreira que exige muito mais do que força física. Ela é desafiadora e, ao mesmo tempo, gratificante. Ser bombeiro vai além de apagar incêndios ou resgatar vítimas em situações extremas. A atuação prevista no edital já mostra o tamanho da responsabilidade: combate a incêndios, resgates em altura, salvamentos aquáticos e até atendimentos aerotransportados. Mas o que realmente move esses profissionais? O coronel Jeyveson da Silva Santos, diretor de Educação e Pesquisa do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba, revela que é o comprometimento inegociável com a vida.

Segundo o coronel, a profissão demanda que os bombeiros estejam sempre prontos para enfrentar o inesperado, sempre com muita responsabilidade. “Somos vistos como heróis, especialmente em momentos de angústia e de desespero. Isso exige de nós um comprometimento diferenciado. Não podemos errar, porque nossa missão é garantir o bem mais precioso

que existe, a vida”, analisa. Para quem deseja seguir a carreira, ele destaca que qualidades como estabilidade emocional, vitalidade, organização, liderança, compromisso, capacidade de seguir ordens e, acima de tudo, amor ao próximo são indispensáveis.

Fogo, água, terra e ar
Devido à complexidade da profissão, a rotina de treinamento começa bem antes do ingresso na corporação, já durante o processo seletivo que, como ele bem destaca, é bastante rigoroso. “E não poderia ser diferente, pois o nosso lema é ‘Vida por Vidas’, ou seja, colocamos nossa vida em risco todos os dias em prol da sociedade”, observa. A seleção envolve várias etapas, desde a nota do Enem 2024 até exames de saúde e de aptidão física e avaliação psicológica.

Segundo o coronel Santos, cada uma dessas etapas é fundamental, pois as missões de resgate, combate a incêndios e salvamentos exigirão do profissional um preparo físico e mental excepcional. O objetivo é forjar profissionais com a excelência necessária para enfrentar qualquer cenário, seja no fogo, na água, na terra ou no ar.

Além disso, o desenvolvimento das habilidades específicas de cada área é crucial para o sucesso das operações. Um bombeiro que atua com salvamento aquático, por exemplo, precisa ser um excelente nadador, capaz de agir em condições adversas, como correntezas ou múltiplas vítimas. “O local de atuação influencia diretamente as habilidades que o bombeiro deve desenvolver. Cada área exige uma preparação específica”, diz. No entanto, independentemente da área escolhida, todo bombeiro precisa ser um combatente do fogo eficaz, capaz de extinguir incêndios com segurança e precisão.

Evolução constante
Diante de tantos desafios, a corporação está sempre em busca de novas tecnologias e estratégias para aprimorar o trabalho dos bombeiros, sem nunca perder de vista o fator humano. O coronel Santos ressalta que a evolução tecnológica é uma constante na profissão, o que exige que os profissionais se mantenham sempre atualizados para lidar com as novidades. “O comando da corporação busca continuamente ferramentas que



Curso de formação forja profissionais para atuação em situações de perigo à própria vida e para enfrentar, inclusive, o inesperado

auxiliem nos mais diversos atendimentos que realizamos diariamente, mas que, sobretudo, ajudem a minimizar os riscos da nossa ati-

vidade, preservando ainda mais a vida dos nossos militares e das pessoas que resgatamos”, destaca. No entanto, ele faz uma ressal-

va: nenhuma máquina jamais substituirá o ser humano, que é movido pelo desejo genuíno de servir e proteger.

Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Fotos: Divulgação/Corpo de Bombeiros

Selic Fixado em 18 de setembro de 2024 10,75%	Salário mínimo R\$ 1.412	Dólar \$ Comercial +0,68% R\$ 5,698	Euro € Comercial +1,01% R\$ 6,190	Libra £ Esterlina +1,10% R\$ 7,432	Inflação IPCA do IBGE (em %) Setembro/2024 0,44 Agosto/2024 -0,02 Julho/2024 0,38 Junho/2024 0,21 Maio/2024 0,46	Ibovespa -0,22% 130.499 pts
---	---	--	--	---	---	--

ESTRATÉGIA

Milhas, cashback e pontos impulsionam uso do cartão

Vantagens oferecidas variam de acordo com a bandeira e a instituição emissora

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

Foi-se o tempo em que os cartões de crédito ofereciam apenas crédito. Milhas aéreas, descontos, seguros, cortesias e *cashback* são algumas das vantagens oferecidas por grande parte dos cartões de crédito hoje em dia e, apesar de muitos clientes ainda não terem conhecimento sobre o assunto, também há muitos que só aceitam usar o cartão se houver algum benefício.

“Se não me oferece vantagens, não uso”, afirmou a professora Geovana Camargo Vargas. Ela contou que começou a se interessar por esse tipo de benefício pela vontade de viajar. “Como eu queria poder viajar mais, e nos últimos anos estava impossível fazer isso por causa dos aumentos de tudo (menos do salário), resolvi pesquisar e aprender mais sobre isso. Li material na internet, entrei em grupos com interesses semelhantes para perguntar e ir atrás dessas coisas”, disse.

Dessa forma, ela conseguiu realizar diversas viagens de maneira bem mais econômica. “Em termos de valores, eu economizo bastante. Mas, é mentira de quem diz que viaja de graça. Nunca é de graça, porque sempre, no mínimo, tem que pagar as taxas de embarque”, ressaltou.



Foto: Arquivo pessoal

Eu economizo bastante. Mas, é mentira quem diz que viaja de graça. No mínimo, tem que pagar as taxas de embarque

Geovana Camargo Vargas

Apesar disso, a professora acredita que a economia é bastante vantajosa. “Conseguo tranquilamente pagar menos de R\$ 500, ida e volta, sem muito esforço para São Paulo. Já consegui pagar em torno de R\$ 300, ida e volta, para Belém. São excelentes valores, mas não é de graça”.

Geovana contou que para

usufruir dos benefícios é preciso dedicação e todas as compras de casa e pessoais, dela e do esposo, são concentradas em um cartão que oferece mais vantagem. “Além das milhas, uso também seguro viagem, acesso às salas VIP, e descontos para comprar com parceiros do cartão”, elencou.

Variedade

As vantagens oferecidas pelos cartões podem variar de acordo com a bandeira, a instituição emissora e também a faixa de renda do cliente, conforme explicou a gerente do Bradesco, Tássyla de Farias.

Visa, Mastercard e American Express são as bandeiras mais comuns. “Mas um Visa do Bradesco pode não ser igual a um Visa do Banco do Brasil, por exemplo, mesmo sendo a mesma bandeira”, comentou.

Embora mesmo os cartões mais simples já possam apresentar algum tipo de benefício, quanto maior a faixa de renda e melhor o relacionamento com o banco, mais vantagens, principalmente mais pontos, que podem ser trocados por produtos, descontos em lojas parceiras ou mesmo *cashback*, ou seja, uma parte do dinheiro de volta.

“Além das milhas e pontos, temos programas que oferecem descontos em restaurantes, seguro viagem, se-

guro bagagem, seguro para veículo alugado, transporte para aeroportos e alguns dão acesso também a um *concierge* de viagens, que é uma pessoa que pode planejar roteiros de viagens, ajudar a fazer reservas etc.”, listou Tássyla.

Ela esclareceu que no próprio *site* do banco é possível ver as vantagens oferecidas por cada cartão, mas também é possível conversar com o seu gerente para tirar dúvidas. “Alguns clientes já nos procuram sabendo, mas muitos clientes não conhecem e não usam, principalmente os mais velhos. Nós buscamos direcionar o melhor cartão para o perfil do cliente. Para uma pessoa que não gosta de viajar, por exemplo, não vale a pena pegar milhas, mas dá para pegar dinheiro de volta”, disse.

■ Temos programas que oferecem descontos em restaurantes, seguro viagem, seguro bagagem, seguro para veículo alugado, transporte para aeroportos

Consultor ensina a tirar o melhor proveito

As opções são tantas que tem até curso sobre o assunto. O servidor público Átila Pontes dedica as horas vagas a ministrar cursos e prestar consultoria para pessoas que querem extrair mais vantagens de seus cartões de crédito, principalmente no que diz respeito a viagens.

Ao conversar com a reportagem do jornal **A União**, ele estava, inclusive, prestes a embarcar em mais uma. “Ganhei a minha passagem como uma cortesia do cartão e para a minha família eu adquiri com milhas. Hoje estou num voo da Azul, mas também faço isso com a Gol e Latam”, contou.

Ele explicou que as viagens podem ser feitas com dois tipos de cartão. Há os que são emitidos pelas próprias companhias aéreas, que concedem desconto nas passagens, *upgrade* de cabine, passagens de cortesia, etc., funcionando como uma fidelização com a companhia aérea.

Há também os cartões de banco e aí os benefícios são mais variados. Não *co-brand* são de banco. “Tem car-

tões que até permitem levar seu animal de estimação para uma consulta veterinária, serviço de eletricista, encanador em casa”, comentou.

Ele destacou que o cartão não é um vilão, é um aliado, mas é preciso ter controle financeiro para não cair na armadilha dos juros, que são muito altos. “Às vezes, as pessoas gastam além do que elas conseguem pagar”, lembrou.

Curso

Átila Pontes dedica as horas vagas a ministrar cursos e prestar consultoria para pessoas que querem extrair mais vantagens de seus cartões de crédito



Foto: Arquivo pessoal



Funcionário público, Átila Pontes ganhou passagem como cortesia e usou milhas para levar a família

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

O peso da alta do dólar na economia brasileira

Em 2024, o dólar registrou alta de 16,88%, alcançando R\$ 5,67. Esse movimento reflete um cenário econômico desafiador, que combina fatores internos e externos e traz impactos significativos, especialmente sobre as finanças empresariais e pessoais. A valorização do dólar ocorre quando a demanda pela moeda americana supera a sua oferta, resultando na desvalorização do real. Mas o que está por trás dessa alta e como ela afeta a economia brasileira?

Internamente, o elevado gasto público e a incerteza fiscal são fatores cruciais. A previsão de um déficit primário de R\$ 28,8 bilhões para 2024 revela que o governo federal está longe de alcançar a meta de zerar o déficit. Isso gera desconfiância entre investidores, aumentando a percepção de risco no mercado. Como resultado, muitos investidores buscam refúgio em moedas mais estáveis, como o dólar, o que agrava ainda mais a desvalorização do real.

Externamente, a política monetária dos Estados Unidos tem grande influência. O Federal Reserve (FED) tem mantido as taxas de juros elevadas para conter a inflação, com uma leve redução de 0,5% na faixa de 4,75% a 5,00%. Taxas de juros mais altas atraem investidores globais para ativos denominados em dólar, em busca de retornos mais elevados, o que aumenta a

demanda pela moeda americana. Além disso, a instabilidade geopolítica global contribui para esse cenário, intensificando a aversão ao risco e favorecendo a valorização do dólar como um ativo de segurança.

Para as empresas brasileiras, a alta do dólar traz implicações variadas. Negócios que dependem de insumos importados enfrentam elevação nos custos de produção. Além do mais, empresas com

dívidas em dólar são fortemente impactadas, já que o valor a ser pago, quando convertido para reais, aumenta consideravelmente. Esses custos adicionais são repassados ao consumidor final, gerando pressão inflacionária, o que encarece produtos como eletrônicos, medicamentos e alimentos, especialmente aqueles dependentes de importação.

Por outro lado, a alta do dólar beneficia empresas exportadoras, pois seus produtos tornam-se mais competitivos no mercado internacional. A valorização da moeda americana favorece as exportações de *commodities* e manufaturados, o que pode contribuir para um saldo positivo na balança comercial. Contudo, os ganhos para o setor exportador não são suficientes para compensar os efeitos negativos sobre os setores que dependem de importações e sobre o consumo doméstico, que tende a ser pressionado pela alta de preços.

Diante desse cenário, a alta do dólar impõe uma série de desafios para a economia brasileira. Tanto empresas quanto consumidores precisam adotar estratégias cautelosas e planejamento financeiro para lidar com a volatilidade cambial. Esse contexto reforça a necessidade de políticas fiscais consistentes e medidas econômicas que ajudem a mitigar os efeitos da valorização do dólar. Em tempos de incerteza global e desafios internos, a gestão financeira prudente e o controle fiscal são essenciais para garantir a estabilidade econômica.

PARA EVITAR DÍVIDAS

Uso do 13º salário deve ser estratégico

Com planejamento e uso consciente, é possível evitar o endividamento no fim do ano, época com mais despesas

Falta pouco mais de dois meses para o fim do ano de 2024 e milhões de trabalhadores brasileiros começam a receber o tão aguardado 13º salário. Este direito foi instituído no país em 1962, por meio da Lei nº 4.090. Sancionada pelo então presidente João Goulart, o objetivo central é oferecer um suporte financeiro extra aos trabalhadores para enfrentar despesas de fim de ano, como festas e compras natalinas ou para quitar dívidas.

Por outro lado, a falta de conhecimento para o uso estratégico do 13º salário pode colocar a saúde financeira em risco e desestabilizar o planejamento das pessoas para o ano seguinte. O endividamento das famílias brasileiras segue sendo um problema relevante e, segundo levantamento da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), realizada mensalmente pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), o percentual de famílias com dívidas em atraso por mais de 90 dias chegou a 50,3% do total de endividados para o mês de setembro deste ano — o maior percentual desde fevereiro de 2018.

Para o educador financeiro e diretor da Multi-

marcas Consórcios, Fernando Lamounier, o 13º salário é uma ferramenta poderosa, mas muitas vezes mal utilizada. “A euforia das festas e o impulso de gastar no final do ano pode comprometer o planejamento financeiro para o ano seguinte. O ideal é enxergar esse dinheiro como uma oportunidade de construir estabilidade a longo prazo”, comenta.

Para não se afundar em dívidas e comprometer o bem-estar financeiro, o primeiro passo é destinar parte do 13º para o pagamento de dívidas, especialmente as que possuem os juros mais altos, como as do cartão de crédito, que podem ultrapassar 300% ao ano, e as do cheque especial. Com quase 86% dos endividados comprometidos com o cartão de crédito, ainda de acordo com a pesquisa Peic do CNC, quitar esses débitos deve ser prioridade.

Em termos de comportamento de consumo, o brasileiro gasta em média R\$ 1,4 mil por mês com cartão de crédito, segundo levantamento da Serasa Experian. “A quitação de dívidas com juros altos é uma das formas mais inteligentes de usar o 13º salário, pois alivia o orçamento para o próximo ano e permite que o trabalhador possa respirar finan-



Estabelecer um orçamento, pesquisar preços, evitar compras por impulso e aproveitar promoções garantem a segurança financeira

ceiramente, sem o peso de compromissos acumulados. Além disso, é importante ressaltar que os gastos com o cartão de crédito não ultrapassem 30% da renda familiar”, aconselha Lamounier.

Educação financeira

A educação financeira é essencial para ajudar as pessoas a entenderem suas finanças de maneira mais clara, permitindo que tomem decisões conscientes e res-

ponsáveis. Saber como planejar o uso do dinheiro e reconhecer a importância de destinar parte do orçamento para quitar dívidas, investir ou economizar, pode prevenir o aumento do endividamento e proporcionar maior segurança.

Fernando Lamounier resalta que a criação de uma reserva financeira com o 13º salário é fundamental para a proteção dos trabalhadores. A reserva de emergência é

importante para lidar com imprevistos, como desemprego ou despesas médicas. “Destinar parte do 13º para a criação ou para o reforço dessa reserva pode garantir segurança para eventuais dificuldades, especialmente em um cenário econômico incerto. O ideal é que essa reserva cubra de três a seis meses das suas despesas fixas”, explica.

Outra dica importante e muito negligenciada pelas pessoas é o planejamen-

to das compras com antecedência. “Ao estabelecer um orçamento, pesquisar preços, evitar compras por impulso e aproveitar promoções de forma consciente, você pode garantir que as festas de fim de ano sejam um momento de celebração, sem comprometer a segurança financeira. Com disciplina e organização, é possível começar o próximo ano sem o peso de dívidas acumuladas”, finaliza Fernando Lamounier.

Saiba Mais

Confira a seguir algumas dicas práticas para escolher quais dívidas priorizar o pagamento com o valor extra recebido no fim do ano.

1 - Conheça todas as suas dívidas

Antes de iniciar o processo de renegociação, é essencial ter um panorama claro da situação financeira. Isso envolve identificar todas as dívidas atrasadas existentes no seu CPF, com todos os valores atualizados, datas de vencimento e possíveis penalidades. Para isso, a dica é consultar o seu CPF em birôs de crédito, como Serasa ou SCPC, ou diretamente nas empresas onde possui dívidas.

2 - Qual dívida deve ser quitada primeiro?

Quando há mais de uma dívida em aberto, a dica é iniciar o processo pagando as dívidas de serviços essenciais, como serviços de energia elétrica e de gás encanado. A seguir, é importante optar pelas pendências financeiras com as taxas mais altas, ou por aquelas que têm a maior taxa de juros, pois são elas que comprometem de forma mais significativa o seu orçamento.

Dentro do possível, mantenha os pagamentos mínimos de outras dívidas para evitar encargos adicionais. Monte um plano financeiro e converse com a família para que todos possam ajudar a manter os gastos dentro do previsto.

3 - Confira se o valor cabe no seu orçamento

Análise seu orçamento detalhadamente para determinar quanto você pode destinar mensalmente para quitar suas dívidas. Assim você saberá quais condições podem se adequar melhor às suas possibilidades financeiras e te ajudar a sair do vermelho, entre elas, descontos, redução de juros e prazos mais flexíveis.

4 - Procure a instituição credora

Entre em contato com a instituição financeira ou credora responsável pela dívida. Hoje em dia, isso pode ser feito com facilidade por telefone ou e-mail. Explique sua situação financeira atual de forma clara e honesta.

5 - Renegocie o débito

Renegocie suas dívidas com o objetivo de chegar a um acordo justo e sustentável para ambas as partes. Para isso, é essencial iniciar uma comunicação proativa com os credores, explicando de forma honesta a sua situação financeira e demonstrando comprometimento em resolver a questão. Não tenha medo de negociar. Proponha valores e prazos dentro da sua realidade. Algumas instituições financeiras estão dispostas a negociar descontos, parcelamentos e oferecer planos de pagamento mais adequados à capacidade do devedor. Após a renegociação é importante manter as parcelas em dia, evitando, assim, o acúmulo de juros e de multas.

6 - Aproveite as renegociações das dívidas

Buscar a renegociação de dívidas oferece diversas vantagens significativas, como redução do valor total devido, em que é possível negociar descontos no valor total da dívida ou a eliminação de multas e de juros acumulados. Isso pode resultar numa redução considerável do montante que você deve, além de condições de pagamento mais favoráveis, flexíveis e adaptadas à sua capacidade financeira atual.

7 - Evite consequências legais e financeiras

Ao renegociar, você evita consequências legais, como ações judiciais, penhoras de bens ou bloqueios de contas bancárias. Além disso, melhora sua situação financeira geral ao evitar acúmulos de juros e de penalidades adicionais. Além disso, ao manter os pagamentos acordados em dia, você demonstra responsabilidade financeira e pode obter uma melhoria gradual de sua pontuação de crédito, o que pode abrir portas para melhores oportunidades de crédito no futuro.

8 - Reduza o seu estresse financeiro

Por fim, lembre-se de que renegociar dívidas proporciona alívio emocional ao reduzir o estresse associado às pressões financeiras. Ao encontrar soluções viáveis para o pagamento das dívidas, você ganha também saúde mental e pode concentrar-se em construir um futuro financeiro mais sólido.



Imagem: FreePik

INCENTIVO

PB investe R\$ 400 mi em inovação

Mais de 30 ações, incluindo programas de financiamento, acompanham a evolução tecnológica no estado

Ascom Secties

Pilares para o desenvolvimento de uma nação, a Ciência e a Tecnologia receberam uma data, 16 de outubro, destinada a reconhecer e valorizar o papel essencial que a pesquisa científica e a inovação tecnológica desempenham no progresso da sociedade. O Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), dedica investimentos e esforços para acompanhar a evolução tecnológica em mais de 30 ações, entre programas, eventos, concessão de bolsas científicas, financiamentos de projetos e apoio a eventos. Desde o início da gestão do governador João Azevêdo, já foram investidos R\$ 400 milhões.

As questões científicas impulsionadas pelo Estado da Paraíba vão das mais simples, como o incentivo ao letramento digital, até as mais complexas, como apoio ao projeto para a construção de um radiotelescópio que requer alta tecnologia para funcionar. Passa por questões ambientais, de sustentabilidade; por tecnologia de *software*, com o desenvolvimento de inteligência artificial; pelo fortalecimento ao empreendedorismo de inovação, com programas voltados para *startups* e para o estímulo à participação de estudantes em olimpíadas do conhecimento, *hackathons*, feiras e eventos.

Na Paraíba, o Dia da Ciência e Tecnologia celebra a elaboração de políticas públicas que fomentam as descobertas científicas e as invenções tecnológicas que transformam a vida da humanidade. À frente de uma Secretaria Estadual

■ Na Paraíba, o 16 de outubro, Dia da Ciência e Tecnologia, celebra a execução de políticas públicas que fomentam descobertas

criada há dois anos para cuidar, exclusivamente, da ciência e da tecnologia, Claudio Furtado busca, na diversidade de temas, alcançar soluções para uma gama de problemáticas.

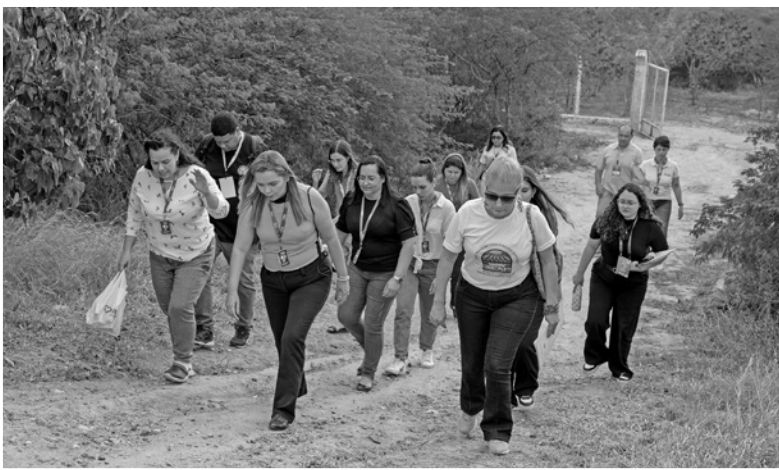
“A ciência e a tecnologia têm a característica da transversalidade, sendo fatores necessários para o desenvolvimento de projetos em qualquer área. Quando falamos em tecnologia, nossa mente associa a computadores, celulares, mas ela vai além. Projetos nas áreas de saúde, infraestrutura e segurança pública usam tecnologia para alcançarem inovação”, afirma o secretário.

Um dos exemplos disso é a visão estratégica na área da saúde que o Governo do Estado tem tido. Por meio da Secties, da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq) e do Laboratório Industrial Farmacêutico da Paraíba (Lifesa), é realizada a análise comparativa entre o método papanicolau e a plataforma molecular DGI-gHPV (detecção, genotipagem e análise de integração do genoma do HPV) para rastreamento e prevenção do câncer do colo do útero — uma ação que terá forte repercussão entre as mulheres, quando chegar ao ponto da aplicação.



Fotos: Ravi Pacheco/Secties

Iniciativas apoiadas pelo Governo Estadual abrangem temas diversos, como sustentabilidade, inteligência artificial, empreendedorismo, letramento digital e Astronomia



Pesquisas miram o futuro e têm viés social

O avanço científico é uma caixinha de surpresas. Nem todo projeto de pesquisa chega a um resultado esmerado, e há os que chegam muito antes do tempo. O que se estuda hoje pode ter aplicações anos à frente.

Cláudio Furtado lembra do processo de pesquisa que levou à descoberta do LED (sigla para *Light Emitting Diode*, que, em português, significa Diodo Emissor de Luz). É um componente eletrônico que transforma energia elétrica em luz, por meio de um processo chamado ele-

troluminescência. As lâmpadas LED são consideradas uma das soluções de iluminação mais eficientes e sustentáveis do mercado, com baixo consumo de energia.

“O LED vermelho foi descoberto na década de 1960; nos anos 1970, descobriu-se o verde. Mas, só quando chegou-se ao azul, no início dos anos 1990, foi possível formar o disco de cores e fabricar TV com tela de LED. Foram 30 anos de pesquisa para mudar totalmente o sistema de reproduzir a imagem”, explica o secretário.

É esse o pensamento com relação ao projeto para a construção do Radiotelescópio Bingo, um grande projeto de ciência básica que possibilitará o desenvolvimento de uma série de subprojetos para proporcionar a divulgação da ciência, a construção de equipamentos tecnológicos, a exploração do turismo científico e a socialização de pesquisadores da Cadeia Pública de Esperança. A ação ocorre em parceria com o Projeto Esperança no Espaço, com a produção de te-

lescópios, formação básica, divulgação e popularização da Astronomia.

■ Secretário Claudio Furtado destaca o empenho de cientistas na criação de novas tecnologias

Saiba Mais

Os projetos da Secties incluem capacitações variadas. Estudantes egressos da rede estadual de ensino, de graduação ou de pós-graduação, profissionais da área de educação, empresários de startups e até de

empresas consolidadas no mercado nacional que pretendem iniciar a exportação formam o público-alvo. Conheça algumas iniciativas:

■ Limite do Visível Estão em andamento os

curso de tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e de tecnólogo em Ciência de Dados, com duração de dois anos. São direcionados a estudantes que concluíram o Ensino Médio na rede estadual entre 2017

e 2022. Eles recebem uma bolsa de R\$ 1 mil por mês durante o curso. “Esse programa chama-se Limite do Visível, realizado em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Fapesq. A meta é que, até 2026, nós tenhamos formado dois mil profissionais tecnólogos nessas áreas”, informou Claudio Furtado.

■ Paraíba sem Fronteiras

Os estudantes de graduação e de pós-graduação, além das oportunidades de concorrerem às bolsas científicas, têm a chance de incrementar os estudos no exterior com as despesas custeadas pelo governo, por meio do Paraíba sem Fronteiras, que visa à internacionalização do Ensino Superior.

A iniciativa também estrutura uma metodologia de capacitação para empresários que pretendem alcançar mercados no exterior. Inclusive, o edital para inscrições neste programa está aberto. O QualiExporta — Paraíba sem Fronteiras oferece 100 vagas para empresas, com o objetivo de aumentar

a formalização dos negócios, incentivando o desenvolvimento da mentalidade exportadora.

■ Parque Tecnológico Horizontes da Inovação

O estímulo à inovação está no radar do Governo do Estado, por meio do Programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. Empresas de base tecnológica passam por processos de pré-incubação e incubação, recebendo suporte técnico, infraestrutura, mentorias e acesso a redes de inovação.

Por meio das ações realizadas, é possível transformar ideias em negócios viáveis e sustentáveis, capacitando empreendedores e fomentando o crescimento de empresas que contribuam para o desenvolvimento econômico e tecnológico do Estado da Paraíba.

■ Meio ambiente

Recentemente, o secretário Claudio Furtado anunciou a construção do Mapa de Carbono da Paraíba. O anúncio foi feito durante o Painel Paraibano de Mudanças

Climáticas, um evento promovido pela Secties, em parceria com a secretaria do Meio Ambiente (Semam) e com a participação da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh).

O Mapa será feito por meio de apoio ao “Projeto BioInova — Inovações para o Desenvolvimento Sustentável: Estudos sobre Crédito de Carbono, Estoque de Carbono e Biomassa Aérea no Estado da Paraíba”. Com investimento de cerca de R\$ 383 mil, o projeto formará uma equipe de pesquisadores que estudarão questões relativas ao crédito de carbono, à mensuração de carbono livre e de biomassa aérea em pontos específicos do estado da Paraíba.

Além disso, busca-se desenvolver uma plataforma interativa digital, visando facilitar o acesso, a visualização e a análise de dados provenientes do estudo, promovendo, assim, a conscientização ambiental e auxiliando na formulação de políticas públicas e demais estratégias de atuação em torno do desenvolvimento sustentável.



Fotos: Mateus de Medeiros/Secties

Entre programas, estão o Limite do Visível, voltado para o Ensino Técnico, e o Paraíba sem Fronteiras, que promove intercâmbios

Queridinha do paisagismo, planta conta com mais de 70 substâncias terapêuticas e já é amplamente utilizada no tratamento de vários tipos de câncer

RECURSO NATURAL

Poder medicinal da boa-noite é destaque na ciência

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Quem imaginaria que uma plantinha tão colorida e comum nos jardins da cidade pudesse esconder benefícios tão importantes? A *Catharanthus roseus*, ou boa-noite (nome popular), com suas pétalas rosadas e brancas, é presença certa nos quintais, mas o que muita gente não sabe é que ela também carrega propriedades medicinais surpreendentes. Além de embelezar o ambiente, essa planta é uma importante aliada no tratamento de alguns tipos de câncer. Mas, antes de correr para o jardim e fazer um chá, vale lembrar que ela pode ser perigosa e que não deve ser manipulada por conta própria.

Originária da Ilha de Madagascar, na África, a boa-noite encontrou na Paraíba o ambiente perfeito para se espalhar, adaptando-se facilmente ao calor, à seca e à umidade típica da região. Ela existe em todo o Brasil e também é conhecida popularmente como maria-sem-vergonha, vinca e vinca-de-madagascar, a depender da localidade.

Segundo a bióloga Juliana Coutinho, do Jardim Botânico Benjamin Maranhão, em João Pessoa, ela é fácil de cultivar: pode ser multiplicada por sementes, galhos ou estacas e, em pouco tempo, já estará toda florida. Os únicos cuidados são garantir uma terra rica em nutrientes e rega regulares, três vezes por semana. No mais, a boa-noite aprecia sol pleno, sendo ideal para os quintais sempre tão ensolarados da Paraíba.

Riscos à saúde

No entanto, apesar de ser uma planta ornamental, é preciso ter cuidado ao cultivá-la no jardim, pois a *Catharanthus roseus* pode oferecer riscos à saúde se for consumida de forma inadequada, principalmente por crianças e animais de estimação. “Seu látex contém substâncias que podem ser tóxicas, então não podemos simplesmente plantar flores só pela beleza”, alerta Juliana.

Esses riscos estão ligados à presença de alcaloides, compostos químicos naturais — responsáveis pelo sabor amargo de muitas plantas — que, em excesso, se tornam altamente prejudiciais à saúde. E não importa a cor: tanto a branca quanto a rosa têm as mesmas propriedades — que são comuns à espécie *Catharanthus roseus*.

Quem reforça esse cuidado é o professor Leandro Medeiros, farmacêutico e pesquisador em Fitoterapia pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Ele explica que, além dos efeitos colaterais comuns, como alucinações, convulsões, diarreia e queda de cabelo, o consumo indevido da planta, principalmente na forma de chás, pode causar danos ainda mais graves. “Há registros de sangramentos e lesões nos rins associados ao uso da boa-noite em preparações caseiras”, reforça Leandro. Sendo assim, não é recomendado o consumo em chás ou lambedores.

Colorida e complexa

Apesar de seu uso popular em diversas culturas, o professor resalta que não há evidências científicas

robustas que comprovem os benefícios da boa-noite no tratamento de diabetes, pressão alta ou feridas, embora haja registros históricos sobre isso. “Na China, a planta tem sido utilizada por suas propriedades benéficas em feridas, pressão alta e tosse. No Caribe, é usada em infecções oculares e diabetes. Já os jamaicanos, tradicionalmente, utilizam um chá de *Catharanthus roseus* para tratar diabetes”, conta o especialista.

Essa complexidade é o que torna a planta tão intrigante sob o ponto de vista científico. Segundo o biólogo Ramôn da Silva Santos, mestre em Botânica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, a boa-noite possui mais de 70 substâncias descritas na literatura científica que são utilizadas como fármacos. Em tratamentos oncológicos, por exemplo, sua utilização é ainda mais ampla e envolve uma manipulação especializada, voltada à quimioterapia. Extraídas principalmente de suas raízes, caule e folhas, a vincristina e a vimblastina — as mais conhecidas — têm um papel crucial no combate a linfomas e leucemias, impedindo a divisão das células cancerígenas.

Leandro complementa que esses alcaloides são modificados quimicamente em laboratório para ampliar suas aplicações terapêuticas, sendo eficazes também no tratamento de outros cânceres, como o de mama, testículo, pulmão, ovário e sarcoma de Kaposi. “Eles agem bloqueando a multiplicação celular, o que os torna poderosos contra diversos tipos de tumores”, explica o farmacêutico.

Contudo, essas não são as únicas substâncias promissoras da boa-noite. Segundo ele, os cientistas estão investigando outros compostos presentes na planta, como a catacunina, a catarantina e a ajmalicina, com a finalidade de transformá-las em medicamentos quimioterápicos.

Cultivo

Com tantas propriedades medicinais em jogo, a boa-noite está se tornando cada vez mais valiosa para a ciência, trazendo novas possibilidades de tratamento na oncologia. Entretanto, apesar do uso industrial da planta, ela continua florescendo aqui na Paraíba e em outras partes do país sem qualquer risco de extinção — ao contrário de outras espécies. O biólogo Ramôn da Silva Santos enfatiza que ela é cultivada em larga escala, mas de forma controlada. “Isso elimina a necessidade de extrativismo e garante que a planta não esteja em risco”, afirma.

Além disso, Ramôn resalta que a boa-noite é de fácil cultivo, o que facilita ainda mais sua produção para fins medicinais. Segundo ele, o cultivo controlado é fundamental para garantir o uso sustentável da planta, preservando o meio ambiente e evitando sua retirada indiscriminada da natureza.

“As plantas sempre estiveram do nosso lado, retiramos delas compostos e substâncias importantes para a nossa sobrevivência. Acredito que as pessoas precisam ter um olhar diferenciado para a natureza e devem parar de destruí-la”, finaliza.

Especialistas advertem sobre efeitos colaterais e indicam uso controlado

O uso das substâncias medicinais vem com um preço. Os especialistas concordam que os efeitos colaterais podem ser significativos. De acordo com o biólogo e mestre em Botânica, Ramôn da Silva Santos, ao impedir a divisão celular, esses compostos afetam não apenas as células cancerígenas, mas também as saudáveis, causando desde fraqueza, constipação e dores nos ossos até leucopenia, uma queda perigosa na contagem de glóbulos brancos.

Leandro aprofunda esse ponto, mencionando complicações neuromusculares como perda de coordenação motora, convulsão e até paralisia das cordas vocais. “A maioria dos efeitos adversos desaparece até seis semanas após a interrupção do tratamento, mas,

em alguns casos, as dificuldades neuromusculares podem perdurar”, esclarece o farmacêutico.

Não à toa, apesar dos benefícios, o uso da planta como medicamento deve ser conduzido com extremo cuidado e em ambiente controlado. “Não é uma planta que você vai fazer um chá e ficar curado de um câncer. Não é assim que funciona”, reforça Ramôn.

No Brasil, os alcaloides vincristina e vimblastina são aprovados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para utilização na forma de medicamentos, sob supervisão médica. Contudo, segundo o professor Leandro Medeiros, no caso da vimblastina, seu uso só é permitido em ambientes hospitalares para o tra-

tamento de câncer. “São medicamentos que não podem ser administrados fora de clínicas especializadas, devido ao risco elevado de complicações”, complementa Leandro.



“A maioria dos efeitos adversos desaparece até seis semanas após a interrupção do tratamento

Leandro Medeiros



“Acredito que as pessoas precisam ter um olhar diferenciado para a natureza e devem parar de destruí-la

Ramôn da Silva



Foto: Roberto Guedes



Foto: Roberto Guedes

Foto: Leonardo Ariel

ELITE 16

Circuito Mundial

A grande final feminina acontecerá às 16h, e a masculina se inicia uma hora depois. O acesso à arquibancada é gratuito



Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

A capital paraibana se despede, hoje, de mais uma etapa do Elite 16, torneio integrante do Circuito Mundial de Vôlei de Praia. De acordo com o cronograma divulgado, as duplas que integrarão o pódio serão conhecidas durante esta tarde, na quadra central da arena montada na Praia do Cabo Branco, em frente ao Busto de Tamandaré.

Abrindo o dia de disputas finais, a manhã contará com as semifinais de ambos os naipes. Já o terceiro lugar do feminino será decidido às 14h, e do masculino, às 15h. Por fim, a grande final feminina será realizada às 16h, e a masculina se inicia uma hora depois. O acesso à arquibancada é gratuito, mas é preciso resgatar ingresso, anteriormente, no site <https://eventos.voleibrasildigital.com.br/>. Os jogos também serão transmitidos pelo canal SporTV 2.

O torneio, que começou na última terça-feira (15), contou com as

16 melhores duplas, sendo que 12 delas foram definidas por *ranking* entre as inscritas e quatro pela fase classificatória. Ele conta pontos no *ranking* mundial de vôlei de praia, em ambos os naipes.

Esta seria a penúltima competição de George Wanderley e André Stein (que ainda estão em terceiro lugar entre as melhores duplas do mundo na modalidade), uma vez que a parceria será encerrada no fim deste ano, conforme anunciado pelos atletas em suas redes sociais. A possibilidade de pódio, no entanto, foi frustrada, já que uma lesão sofrida por George tirou-os da disputa precocemente.

“Infelizmente, encerramos a nossa participação aqui em João Pessoa. Minha lesão não foi grave, porém não terei condições de continuar no campeonato. Obrigado a todos pela torcida e pelo apoio. Com certeza, não era a forma que gostaria de terminar um dos meus últimos torneios com André, ainda mais em casa, mas a vida de atleta é assim. Agora é focar na recuperação”, escreveu George em um *post* no Instagram.

“

João Pessoa, cada vez mais, vai-se consolidando como a capital brasileira dos esportes de praia; e ainda tem muito mais

Lindolfo Pires

Outra dupla que também se despediu cedo por causa de condições físicas adversas foi a campeã olímpica em Paris 2024, Ana Patrícia/Duda. Antes mesmo da estreia, que deveria acontecer na quinta-feira (17), Duda Lisboa explicou, em uma postagem feita em seu perfil no Ins-

tagram, que Ana Patrícia Ramos sentiu um desconforto nas costas e precisaria passar por um tratamento, o que as impediria de retornar à quadra na etapa pessoense. Apesar de não conseguirem, portanto, repetir o pódio conquistado na edição do ano passado, em João Pessoa, elas se despediram da capital paraibana com o ouro do Top 16 do Circuito Brasileiro.

A partir de amanhã, no mesmo local, em Cabo Branco, é a vez de serem iniciadas as disputas do futebol de areia, com a Copa Nordeste da modalidade. Até novembro, no entanto, o Paraíba Beach Games, megaevento esportivo idealizado pelo Governo do Estado, ainda terá competições nas modalidades de frescobol, câmbio, handebol de praia, águas abertas, triatlo, frescobol, câmbio e *beach tennis*.

“O Paraíba Beach Games realmente mostrou a sua grande potência, pois, só com a modalidade de vôlei de praia, foram eventos repletos de pessoas, torcedores e turistas, e assim João Pessoa, cada vez mais, vai-se consolidando como a capital brasileira dos esportes de

praia; e ainda tem muito mais, ainda vamos ter outras modalidades como handebol de praia, *beach soccer*, frescobol e outras modalidades até o final de novembro. É o Governo do Estado preocupado também no que diz respeito à movimentação do esporte em João Pessoa e na Paraíba”, pontuou Lindolfo Pires, secretário de Estado da Juventude, Esporte e Lazer da Paraíba.

Pódio

As duplas que integrarão o pódio serão conhecidas durante esta tarde, na quadra central da arena montada na Praia do Cabo Branco, em frente ao Busto de Tamandaré

ELIMINATÓRIAS DA AMERICUP

Brasil encara Uruguai e Panamá no Mangueirinho, no Pará

O Brasil vai voltar ao Mangueirinho, em Belém do Pará! Agora com a Seleção masculina, nos primeiros jogos após a Olimpíada de Paris 2024, o Brasil vai enfrentar Uruguai e Panamá nos dias 21 e 24 de novembro, pelas Eliminatórias da Americup 2025. Os dois jogos podem garantir a Seleção matematicamente no torneio que será jogado no próximo ano, na Nicarágua.

Neste ano, em fevereiro, o Mangueirinho, completamente reformado, foi palco do Pré-Olímpico feminino de basquete, com o Brasil recebendo um torneio de nível mundial após mais de duas décadas na modalidade. Com uma quadra de última tecnologia, a equipe buscou manter sua invencibilidade nas Eliminatórias, após dois triunfos contra o Paraguai.

A volta do Brasil para Belém

é uma parceria da Confederação Brasileira de Basketball (CBB) com o Governo do Pará, por intermédio do governador Helder Barbalho, que proporcionou a troca completa do piso do Mangueirinho, além de várias outras melhorias no ginásio para o Pré-Olímpico feminino, além de uma oportunidade de celebrar com o público do Norte do Brasil a Seleção, que retornou aos Jogos Olímpicos com o título do Pré-Olímpico em Riga, na Letônia.

“É uma felicidade imensa ver o Brasil novamente no Pará, na nossa Amazônia. Uma oportunidade para o fã do Norte assistir de perto à Seleção. E mais uma chance da CBB seguir levando o basquete para todas as regiões, pois já estivemos no próprio Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul desse Brasil. Agradecer ao gover-

nador Helder pelo grande esforço para que pudéssemos confirmar esse jogo em Belém. Será uma grande festa”, disse o presidente da CBB, Guy Peixoto Jr.

Informações sobre ingressos e outros detalhes, como horário das partidas, chegada da delegação, serão disponibilizadas nas próximas semanas, nos canais oficiais da Confederação Brasileira de Basketball.

LUTA CONTRA O CÂNCER

Corrida arrecada recursos pela vida

Evento acontece hoje, e o objetivo é a divulgação da campanha de prevenção ao câncer de mama em Patos

A 5ª Corrida e Caminhada pela Vida acontece hoje, em Patos, no Sertão paraibano, com o objetivo de arrecadar recursos para a manutenção das ações da Casa de Apoio ao Portador de Câncer, mantida pela entidade Amigas Viva a Vida. A iniciativa faz parte também da programação do Outubro Rosa e tem o apoio da Funasa Saúde, associação genuinamente paraibana, sem finalidade lucrativa, que opera planos de saúde.

A largada da 5ª Corrida e Caminhada pela Vida será às 6h, em frente à Casa de Apoio ao Portador de Câncer de Patos, e foram disponibilizados dois percursos: caminhada de 3 km ou corrida de 5 km. A Funasa Saúde terá, na área da largada, uma tenda de apoio.

A organizadora da corrida e voluntária da Amigas Viva a Vida, Higia Vieira Trigueiro, aponta que a iniciativa é fundamental para a continuidade das ações da entidade, que atua junto a pacientes que passaram ou estão em tratamento contra o câncer. Ela acrescenta que as atividades têm como objetivo “contribuir para aumentar a autoestima dessas mulheres, e a Funasa Saúde está abraçando essa causa muito nobre”.

Já Enildo de Moraes Dias, responsável pela Funasa Saúde em Patos, ressalta o objetivo da 5ª Corrida e Caminhada Pela Vida. “A corrida arrecada recursos para a continuidade das atividades da Casa de Apoio ao Portador de Câncer de Patos, e a Funasa Saúde se junta como parceira da entidade Amigas Viva a Vida, que realiza um trabalho importante na prevenção e no tratamento do câncer”, completa.

Os recursos financeiros arrecadados com a corrida serão usados para a aquisição de prótese mamária de silicone para mulheres que fizeram a mastectomia (retirada da mama) e também para a compra de material para a confecção de turbantes, lenços e pulseiras de borracha para serem doados a pacientes em tratamento contra a doença. Os recursos também serão usados para a compra de cestas básicas a serem entregues diretamente a pacientes carentes em tratamento no Hospital do Bem, referência no tratamento oncológico no Sertão paraibano.

As inscrições on-line para a corrida e caminhada foram encerradas, mas continuam sendo feitas na Casa de Apoio ao Portador de Câncer de Patos e o valor é R\$ 80, sendo que idosos e pessoas com deficiência pagam R\$ 42,50.

5ª CORRIDA E CAMINHADA PELA VIDA

■ Inscrições: Casa de Apoio ao Portador de Câncer de Patos

■ Data: 20 de outubro de 2024

■ Horário e local da largada: 6h, em frente à Casa de Apoio ao Portador de Câncer de Patos

■ Instagram: @amigasvivaavidapatos

CONDENADO POR CRIME SEXUAL

Daniel Alves publica 1ª foto desde que saiu da prisão

Agência Estado

Daniel Alves publicou uma foto em que ele aparece pela primeira vez desde março, quando teve a liberdade concedida pela Justiça espanhola, após 14 meses de prisão, como suspeito e, posteriormente, condenado em primeira instância por crime sexual. A publicação não permite comentários.

Na foto, o ex-jogador aparece sorrindo com uma paisagem ao fundo. Daniel Alves não marcou a localização em que a imagem foi registrada. Entretanto,

certamente é na Espanha, já que uma das condições para recorrer à condenação em liberdade foi entregar o passaporte e não deixar o país. “*Good times are coming*” (“bons tempo a caminho”, em inglês), diz a camiseta vestida pelo ex-atleta.

Além da entrega dos passaportes e o comprometimento em permanecer na Espanha, Daniel Alves pagou uma fiança de 1 milhão de euros (R\$ 5,4 milhões) à Justiça espanhola. Semanalmente, ele precisa se apresentar ao Tribunal de Justiça.

O tempo em que Daniel Alves esteve preso corresponde a quase um quarto da pena de quatro anos e meio imposta em julgamento. Segundo o entendimento do Tribunal, a punição foi “significativamente reduzida em relação à mais baixa das solicitadas pelo Ministério Público”.

A Promotoria queria que Daniel Alves fosse condenado a nove anos de prisão. Enquanto a acusação que representa a vítima pedia 12 anos. O tempo que o brasileiro esteve encarcerado foi levado em conta pelo Tribu-

nal para conceder a liberdade neste momento.

Apesar da condenação, Daniel Alves ainda tinha prisão preventiva, já que o caso ainda tramita com pedidos de recursos. A lei espanhola determina que esse tipo de prisão pode durar até dois anos e o jogador poderia, portanto, ter a reclusão estendida até, no máximo, metade da pena. Na interpretação do Tribunal, é improvável que se chegue a uma sentença definitiva nesse período. A soltura do lateral não significa que foi absolvido. Ele apenas terá

liberdade para aguardar as análises do processo em instâncias superiores àquela em que ele foi condenado.

O Tribunal de Barcelona, na Espanha, havia condenado Daniel Alves pelo estupro de uma mulher de 23 anos em uma boate da cidade, além de a cinco anos de liberdade vigiada após o cumprimento da pena, sendo o atleta proibido de se comunicar ou se aproximar da vítima. O crime ocorreu em dezembro de 2022, dias após a participação do jogador na Copa do Mundo do Catar, com a Seleção Brasileira.

Foto: Reprodução/Instagram/@danielalves



Depois de um período de silêncio, o ex-jogador da Seleção Brasileira Daniel Alves voltou a interagir com seus seguidores nas redes sociais

NOVO ESTÁDIO

Lula menciona possível doação de terreno para o Santos

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva mencionou na sexta-feira (18) a possibilidade de a União doar um terreno para o Santos construir seu novo estádio. Ele citou como exemplo a área da Caixa Econômica Federal desapropriada pela Prefeitura do Rio de Janeiro, em acordo com o Governo Federal, para dar lugar ao novo estádio do Flamengo. “Vamos ver se a União

tem um terreno em Santos para doar para o Santos fazer um estádio na Vila Belmiro, como fizemos com o Flamengo agora. E assim nós vamos integrando o futebol ao desenvolvimento”, disse o presidente da República.

A área para o estádio do Flamengo foi um movimento feito pelo prefeito carioca, Eduardo Paes, poucos meses antes da eleição deste

ano. Paes foi reeleito no primeiro turno, com 60% dos votos. Ele e Lula são aliados.

Na últimas semanas, o Santos avançou nas tratativas com a WTorre para a construção da nova Vila Belmiro. As partes estão próximas de um denominador comum e estão por detalhes de chegar a um ponto de convergência no contrato para dar início à demolição e obras da futu-

ra arena santista no início de 2025. O Estadão apurou que ainda há uma série de pontos a serem debatidos, mas a tendência é de que o martelo seja batido até o fim do ano.

“O acordo com o estádio está celebrado. O que falta é a conclusão da obra [do Pacaembu]. A partir do momento em que tenhamos o Pacaembu, poderemos iniciar as obras [do novo

estádio santista]”, disse o presidente santista Marcelo Teixeira.

Santos e WTorre assinaram um memorando e já podem ir em busca da aprovação dos órgãos públicos e de verbas para o investimento, através da pré-vendas de benefícios e patrocínios. O documento com a construtora foi firmado ainda na gestão do ex-presidente Andres Rueda.

TODOS CONTRA

Mundial de Clubes está ameaçado

Ligas europeias e sindicatos de atletas pressionam Fifa por cancelamento da competição marcada para 2025

Da Redação

O Super Mundial de Clubes de 2025, programado para acontecer entre 15 de junho e 13 de julho, nos Estados Unidos, corre o risco de não acontecer. As principais ligas da Europa e a FifPro, sindicato internacional dos jogadores, solicitaram que a Fifa cancele a competição, que deve contar com 32 equipes. Flamengo, Palmeiras e Fluminense são os times brasileiros confirmados no torneio.

O risco de a competição ser cancelada se deve pela apresentação de queixa formal à Direção-Geral de Concorrência da Comissão Europeia contra a Fifa, questionando a conduta da entidade em relação à imposição do calendário internacional de partidas, incluindo decisões relacionadas à Copa do Mundo de Clubes da Fifa 2025. A FifPro Europa e as grandes ligas europeias alegam que o conflito de interesses do órgão como organizadora de competições e órgão regulador, juntamente com a falta de envolvimento significativo com os parceiros sociais, infringe a lei da concorrência da União Europeia (UE).

A reclamação detalhada e comprovada foi formalmente apresentada, nesta semana, à Comissão Europeia. De acordo com os sindicatos de atletas responsáveis pela representação, o documento apresentado segue uma extensa revisão de casos feita por advogados que atuam pela FifPro Europa e European Leagues, que representa mais de 37 ligas europeias, e cujos conselhos concordaram com a ação legal ainda em julho.

Processo contra a Fifa

Executivos da FifPro Europa, European Leagues e LaLiga, liga espanhola, apresentaram os detalhes da reclamação em uma coletiva de imprensa em Bruxelas, Bélgica, descrevendo como a Fifa mantém papéis conflitantes como órgão regulador e organizador de competições, o que dá origem a um conflito de interesses.

A principal reclamação é que a entidade máxima do futebol mundial não escuta jogadores e ligas em questões relacionadas ao calendário; além disso, relatório apresentado afirma que a Fifa usa seu poder regulatório para promover seus interesses comerciais às custas dos parceiros sociais (jogadores e ligas).

“A Fifa se recusa a ouvir e se envolver com os jogadores, o principal recurso de trabalho da nossa indústria, que estão lá dentro de campo, criando uma potência da cultura de entretenimento europeia e global, e levando seus corpos ao limite. Mas ouvimos nossos jogadores. Em inúmeras discussões e visitas aos vestiários, recebemos as mesmas mensagens por um longo período de tempo, de que eles estão jogando demais e não têm tempo suficiente para se recuperar. Antes da pior temporada de todos os tempos em termos de carga de trabalho [por conta do Super Mundial], muitos também decidi-

ram falar em público com a mesma mensagem: chega”, afirmou David Terrier, presidente da FifPro Europa.

Quando soube da existência da ação dos sindicatos de atletas profissionais ainda no mês de julho, a Fifa divulgou comunicado rebatendo as acusações: “Algumas ligas na Europa – elas próprias organizadoras de competições e reguladoras – estão agindo com interesse comercial próprio, hipocrisia e sem consideração por todos os outros no mundo. Essas ligas aparentemente preferem um calendário repleto de amistosos e turnês, muitas vezes envolvendo extensas viagens globais. O calendário da FIFA é o único instrumento que garante que o futebol internacional possa continuar a sobreviver, coexistir e prosperar ao lado do futebol de clubes nacional e continental”, ressaltou em nota.

Ameaça ao Super Mundial

Segundo a ESPN Brasil, fontes de dentro da Fifa acreditam que o Super Mundial de Clubes nos EUA, com 12 sedes, ocorra como planejado. A entidade organizadora aposta que a ação judicial não se resolva até o início da competição. No entanto, FifPro Europa, European Leagues, e LaLiga pedem bom senso e que o torneio seja cancelado.

“Presidente da Fifa, você sabe que não vendeu os direitos de transmissão pelo orçamento que disse. Você sabe que não tem os patrocínios que havia orçado. Você sabe que as ligas e o sindicato dos jogadores não querem esse Mundial. Retirem esse Mundial agora [do calendário]”, declarou Javier Tebas, presidente de LaLiga.

“Não é necessário para os jogadores, não é necessário para os clubes, não é necessário para a Fifa, que tudo o que faz é desorganizar”, declarou Javier. “Retire o Mundial e vamos sentar para ne-

gociar. Diálogo e negociação são diferentes; a negociação termina com o acordo, e o diálogo termina com nada, estamos dialogando com a Fifa há anos. Tenho certeza que chegaremos a um acordo”, acrescentou Tebas.

Palmeiras, Flamengo, Fluminense, River Plate (Argentina) e Boca Juniors (Argentina) são as equipes da América do Sul já garantidas na competição. Duas outras vagas devem ser preenchidas por clubes da Conmebol; caso seja campeão da Libertadores 2024, o Botafogo garante uma vaga.

Real Madrid (Espanha), Atlético de Madrid (Espanha), Chelsea (Inglaterra), Manchester City (Inglaterra), RB Salzburg (Áustria), Juventus (Itália), Inter de Mi-

lão (Itália), Bayern de Munique (Alemanha), Borussia Dortmund (Alemanha), Paris Saint-Germain (França), Benfica (Portugal), Porto (Portugal) são os representantes da Europa.

Al-Hilal (Arábia Saudita), Al-Ahly (Egito), Seattle Sounders (Estados Unidos), Pachuca (México), León (México), Monterrey (México), Urawa Reds (Japão), Wydad Casablanca (Marrocos), Auckland City FC (Nova Zelândia), Ulsan (Coreia do Sul), Mamelodi Sundowns (África do Sul), Espérance Sportive de Tunis (Tunísia) são os representantes das outras confederações.

Pressão de atletas

“Eu preciso de um descanso. Vamos ver como falamos, como vivemos a si-

tuação. Às vezes é o que é. Preciso me ajustar. Isso [descanso] é algo que estamos planejando, sim”, disse Rodri, volante do Manchester City-ING e da Seleção Espanhola, atual campeã da Europa, ao ser questionado sobre a maratona de jogos em que esteve envolvido.

Seu clube esteve envolvido na briga pelo título da liga inglesa até a última rodada, parou nas semifinais da Liga dos Campeões e foi finalista da Copa da Inglaterra. Além disso, o jogador esteve presente nos sete jogos da Espanha na Eurocopa 2024. Poucas semanas após o início da temporada 2025, ele sofreu uma lesão no ligamento do joelho direito e só volta a atuar no segundo semestre do ano que vem.

O ex-zagueiro do Manchester United-ING, Raphael Varane, afirmou à imprensa francesa que a opinião dos jogadores de futebol não está sendo ouvida quando se trata das demandas em relação ao calendário. “Os treinadores e jogadores têm compartilhado suas preocupações há muitos anos. [...] O calendário está lotado e o nível de competição é perigoso para o bem-estar físico e mental dos jogadores”, afirmou.

Assim como Rodri, ainda na pré-temporada, Varane sofreu uma lesão no joelho e, agora, considera se aposentar do futebol aos 31 anos. Ele é multicampeão por Real Madrid e Manchester United, bem como campeão do mundo pela França na Copa de 2018. Diante da situação, atletas ameaçam fazer greve.

“Acho que estamos perto disso. Se você perguntar a qualquer jogador, eles dirão o mesmo. É a opinião geral dos jogadores. Se continuar assim, vai chegar um momento em que não teremos outra opção, mas vamos ver. É algo que nos preocupa porque somos nós que sofremos”, disse Rodri à imprensa europeia.

Calendário brasileiro

O acúmulo de jogos e o pouco espaço entre partidas já são tema de debate há anos no Brasil. Em 2023, o Flamengo foi o clube brasileiro que mais entrou em campo, com um total de 76 partidas realizadas; além disso, a equipe teve sete jogadores alcançando a marca de pelo menos 60 jogos.

Conforme levantamento do ge.globo.com, os 14 times que mais atuaram no mundo em 2023 foram da Série A do Campeonato Brasileiro. Bem como 16 das 17 equipes que jogaram mais de 60 partidas são do Brasil. Os 20 clubes da elite nacional apareceram entre os 60 que mais estiveram em campo, considerando 267 clubes de 13 ligas pesquisadas.



Executivos da FifPro Europa, European Leagues e LaLiga apresentaram os detalhes da reclamação em uma coletiva de imprensa em Bruxelas, Bélgica



A disputa da taça do Mundial pode não acontecer por causa do protesto de clubes e ligas

Foto: Divulgação/Fifa

FINAL DA COPA DO BRASIL

Corinthians e Fla disputam uma vaga

No primeiro jogo, no Maracanã, o Rubro-Negro venceu por 1 a 0 e só precisa de um empate para chegar à decisão

Da Redação

O Corinthians recebe o Flamengo, hoje, na Neo Química Arena, às 16h, num confronto que define mais um finalista da Copa do Brasil 2024. Na ida, os cariocas venceram por 1 a 0, com gol de Alex Sandro, e agora, só precisam de um empate para chegar à decisão. O duelo será transmitido pela TV Globo e pelo SporTV.

O time paulista está na competição desde a primeira fase. Já o Flamengo, por ter disputado a Libertadores 2024, entrou na Copa do Brasil na terceira fase. Quem avançar para a final, garante pelo menos R\$ 31,5 milhões, premiação recebida pelo vice-campeão. O campeão deste ano ficará com R\$ 73,5 milhões.

Corinthians x Flamengo

Com 153 partidas disputadas, considerando jogos amistosos e oficiais, o histórico dos confrontos entre Corinthians e Flamengo aponta uma pequena vantagem para o time do Rio de Janeiro. O Alvinegro conta com 56 vitórias, enquanto o Rubro-Negro tem 64; ainda houve 33 empates. Pela Copa do Brasil, este é o quinto mata-mata (duelos de ida e volta) das equipes; nos nove confrontos que já ocorreram, houve três em-

pates, quatro triunfos dos cariocas e dois dos paulistas. Ambos estiveram envolvidos na final do torneio de 2022, quando o Mengão se sagrou campeão após decisão por pênaltis.

O segundo jogo do quinto mata-mata entre os times acontece na Neo Química Arena. Na última vez que os dois times se encontraram no estádio, o Timão venceu por 2 a 1; o jogo foi válido pela 25ª rodada do Brasileirão, no dia 1º de setembro. Talles Magno e Romero marcaram os gols corinthianos; Pedro, de pênalti, fez o tento solitário do Flamen-

go. Se esse placar se repetir, a vaga será decidida nas penalidades máximas.

A equipe paulista chega para o duelo decisivo ainda preocupado com o Campeonato Brasileiro, onde briga contra o rebaixamento. No entanto, vem embalado após vencer o Athletico-PR por 5 a 2, pela competição. O técnico Ramón Díaz e seus jogadores apostam na força da torcida alvinegra para reverter o resultado adverso do primeiro encontro. A equipe tem feito boas campanhas nas copas. O clube também está na semifinal da Sul-A-

mericana e enfrentará o Racing-ARG na quinta-feira (24).

O Flamengo tenta se acertar com seu novo treinador, o ex-lateral Filipe Luís, que estreou justamente contra o Corinthians na partida de ida. Desde então, venceu o Bahia por 2 a 0 e perdeu para o Fluminense por 2 a 0, duelo que antecedeu o confronto de hoje. O ex-atleta, agora técnico, aposentou-se do futebol no fim de 2023 e estava treinando o Sub-20 do clube carioca, onde foi campeão do Mundial de Clubes da categoria.



Corinthians e Flamengo jogam, hoje, às 16h, na Neo Química Arena

Foto: Divulgação/Agência Corinthians

COPA DO MUNDO

Brasil Sub-17 vence a Zâmbia por 1 a 0

A Seleção feminina estreou com vitória na Copa do Mundo Sub-17. Na noite de quinta-feira (17), o Brasil protagonizou uma grande partida e venceu a Zâmbia por 1 a 0. O gol foi marcado por Juju Harris.

Com a vitória, as brasileiras lideram o Grupo D, já que Japão e Polônia ficaram em um empate sem gols. A Seleção volta a campo no próximo domingo (23), às 17h, para enfrentar o Japão, também no Estádio Olímpico Félix Sánchez, em Santo Domingo, República Dominicana.

O jogo

O Brasil começou a partida pressionando e, aos 18 minutos do primeiro tempo, Juju Harris marcou o primeiro gol da equipe nesta edição do Mundial. Após uma cobrança de lateral rápida, Kalena avançou em velocidade pela esquerda, deixando a marcação para trás. Ela entrou na área e rolou para Juju Harris, que, livre na pequena área, bateu de primeira, sem chances para a goleira da Zâmbia.

Ainda na primeira etapa, Giovanna Waksman esteve muito próximo de aumentar a vantagem do Brasil. Aos 36 minutos, ela recebeu a bola, avançou em uma jogada individual, driblou a marcação e arriscou um chute perigoso da entrada da área, mas a goleira defendeu.

Na volta do intervalo, o Brasil continuou impondo seu jogo. Logo no primeiro lance, a autora do gol brasileiro recebeu a bola na área, girou em velocidade para escapar da marcação e disparou um chute forte de canhota, com a bola passando muito próximo à trave direita.

O jogo continuou equilibrado. Apesar das chances criadas durante a segunda etapa, o placar permaneceu inalterado até o apito final.

■ Seleção enfrentará o Japão, após ganhar da Zâmbia

BRASILEIRÃO

Palmeiras visita o Juventude na 30ª rodada, visando a liderança

Agência Estado

O Palmeiras volta a atuar pelo Campeonato Brasileiro hoje, fora de casa. A equipe verde enfrenta o Juventude, em Caxias do Sul, às 20h, a partida encerra a 30ª rodada da competição. O atacante Rony dimensionou o grau de concentração de toda a equipe nesta reta final do Nacional.

“Estamos nos preparando ao máximo. Tivemos duas semanas para treinar, nos organizar e aprimorar algumas coisas, corrigir alguns erros. Foi uma semana muito produtiva, boa de trabalho, e é botar isso do-

mingo (em campo), disputar cada bola e lutar. Sabemos que vai ser difícil, mas o nosso time está muito preparado para disputar esses jogos que restam”, disse o atacante.

Sobre o Juventude, ele prevê dificuldades. “O time deles cresceu muito no decorrer da temporada. É uma equipe que com certeza está ali para ganhar alguns pontos. É treinada por um técnico jovem [Jair Ventura] que vem se destacando [no cenário nacional]”. Ao lado de Aníbal Moreno, Rony tem a maior sequência de partidas no elenco (20 jogos seguidos).

O Palmeiras vem de uma sequência de seis jogos invictos, com cinco vitórias e um empate. Vice-líder da competição, a equipe paulista contabiliza 57 pontos, três a menos que o Botafogo. Nos dois últimos treinos antes do confronto desta noite, o time contou com o goleiro Weverton, o zagueiro Gustavo Gómez e o meio-campista Richard Ríos, que estavam defendendo o Brasil, o Paraguai e a Colômbia nas duas rodadas das Eliminatórias da América do Sul para a Copa do Mundo de 2026. Todos eles devem iniciar a partida.



Foto: Cezar Greco/Palmeiras

Equipe paulista precisa da vitória para não deixar o Botafogo aumentar vantagem

12

MINISTÉRIO DA CULTURA E BRADESCO SEGUROS apresentam

CISSA GUIMARÃES em

DÓIDAS E

TURNÊ 10 ANOS

JOÃO PESSOA

TEATRO PEDRA DO REINO

25 OUT

direção ERNESTO PICCOLO

do livro de MARTHA MEDEIROS

texto REGIANA ANTONINI

SANTAS

com GIUSEPPE ORISTANIO e JOSIE ANTELLO

APRESENTADO POR

Lei de Incentivo à Cultura
Lei Rouanet

bradesco seguros

PRODUÇÃO

REALIZAÇÃO

HASSIS

b produções

GOVERNO FEDERAL

MINISTÉRIO DA CULTURA

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Apoio:

Venda antecipada:

EPC

Tabajara

AUNIÃO

ECOLÓGICA

Symplã

Manaira Shopping

2106-6127

DIA NACIONAL DO POETA

Ser e estar no mundo

Na Paraíba, há 75 anos, a Academia Paraibana de Poesia mantém a chama do gênero literário viva para as novas gerações

Foto: Messias A. Silva/Estádio Conteúdo.

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Hoje é o Dia Nacional do Poeta. Comemorado extraoficialmente, a data surgiu como uma homenagem ao Movimento Poético Nacional, fundado em 20 de outubro do ano de 1976, na casa do jornalista, romancista, advogado e pintor Paulo Menotti Del Picchia (1892-1988), em São Paulo. Lembrando que há também o Dia Nacional da Poesia (esse, sim, oficializado pela lei nº 13.131, de 2015), no próximo dia 31, data de nascimento do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

“A essência da arte da poesia é dizer o seu ser e estar no mundo”. É assim que a poeta Francisca Vânia Rocha, atual presidente da Academia Paraibana de Poesia, define a natureza dessa atividade literária que já exercitava nos tempos de escola, mas aflorou de vez, quando passou a ensinar aos seus alunos na preparação para o antigo Processo Seletivo Seriado (PSS). “De tanto estudar as escolas literárias, eu passei a sentir necessidade de escrever meu próprio olhar sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre o meu sentimento”, conta a professora, que nasceu em Santa Cruz, no Sertão paraibano, mas vive há 40 anos em João Pessoa.

Quando começou a escrever poemas, ela utilizava o pseudôni-

mo de Águia Paraibana, a exemplo de outras tantas mulheres. Tinha medo do que iam dizer e usar outro nome era um modo, segundo explica, para testar se tinha algum valor literário o que produzia. Depois que ganhou dois prêmios como poeta revelação, tomou coragem e passou a assinar Francisca Vânia. Hoje, possui duas coletâneas publicadas e está à frente de um grupo de 32 artífices da palavra, sendo 16 mulheres.

A participação feminina na Academia Paraibana de Poesia não é novidade. Já, na fundação da entidade, em janeiro de 1949, a poeta Helena Raposo fazia parte da diretoria e, hoje, Francisca Vânia orgulha-se de ocupar a cadeira nº 6, que tem como patrona a também professora e poeta Anayde Beiriz. “A poesia não é um mero atrativo ou uma maneira de sentimentalismos e de evocações sentimentais; ela vai muito além. Ela pode ser um instrumento contra as injustiças sociais, contra os preconceitos e contra as desigualdades”, ressalta a escritora, que vê na poesia uma arte libertadora, capaz de romper com o silenciamento imposto às mulheres.

Paixão é sentimento que não falta à poeta para organizar saraus e para mobilizar alunos de escolas públicas e privadas. Assim, afirma ela, pode cumprir um papel social que acredita ser função também



A poesia não é um mero atrativo ou uma maneira de sentimentalismos e de evocações sentimentais; ela vai muito além

Francisca Vânia Rocha

da academia: o letramento poético. Nas atividades desenvolvidas, faz questão de levar o livro físico, em papel, mas não dispensa o uso das redes sociais, promovendo declamações e dramatizações, procurando mostrar uma poesia próxima, resultado do olhar contemplativo e das vivências de cada poeta.

Mesmo acreditando que a verdadeira poesia nasce naturalmente em um momento de inspiração, a poeta-educadora defende a possibilidade de exercitá-la e uma

das formas para isso é incentivando a escrita de poemas coletivos. “A gente lê vários livros de poemas em sala de aula e depois os encena. Após esse preparo, você tira um tema, coloca um título e vai criando um poema. Eu digo o meu verso, o aluno diz outro e assim todos dizem um verso que combine”, explica. Foi a partir desses e de outros exercícios que uma de suas ex-alunas conquistou um prêmio, na Festa Literária da Rede Estadual (Flirede), com o poema *Pedro Américo: pintando glórias e memórias*.

Os saraus poéticos, outra ação promovida pela Academia Paraibana de Poesia, acontecem na sede da entidade, localizada no Bairro do Varadouro, em João Pessoa, sempre no primeiro sábado do mês. Apesar disso, Francisca Vânia não se contenta e não mede esforços para levar a poesia também às ruas e às praças: este ano já foram realizados três saraus poéticos no Parque da Lagoa, no Centro da capital paraibana. “Eu convoco nossos acadêmicos e consigo com um amigo um carro de som bem poderoso e a gente vai passando ao redor da Lagoa. O mais interessante que eu acho é que a gente consegue que muitos transeuntes jovens venham, participem e espontaneamente declamem poemas”, relata. Outros espaços de difusão de poesias são as feiras e os encontros lite-

rários, as semanas culturais nas escolas e nas universidades. “A gente vai abrindo as portas bem devagrinho, mas a gente chega lá”.

Versos: terapia para o mundo

Num contexto cada vez mais acelerado e de muita informação, Francisca Vânia considera que a poesia é uma espécie de terapia, especialmente, porque o poeta parte de um olhar de si e do mundo que busca compartilhar com o outro. “Para mim, a poesia é uma terapia necessária nos dias atuais. Tão necessária como um bom filme e uma boa música, porque a poesia tem essa capacidade de invadir o mais íntimo do ser, e, por meio dessa invasão, eu vou me libertando, eu vou me entrosando naquele universo. Então, ela é uma terapia curativa”, defende.

No processo de escrita, a poeta revela como uma cena vista na rua, de uma menininha descuidada pela mãe, fez aflorar suas emoções. “Aquela visão me tocou de uma maneira extraordinária que eu escrevi um poema chamado *Vestido Azul*, no qual expressei todo o meu sentimento. A verdadeira poesia nasce de um toque, de uma inspiração, de um sentimento instantâneo e você precisa ter lápis e papel na bolsa para registrar aquele momento poético, porque passa e, se você tentar escrever depois, não vai ficar igual”, recomenda.

Foto: Arquivo Estádio Conteúdo

Ano de 2024 celebra centenário de lançamento de duas obras poéticas

Em 2024, as celebrações também recordam o centenário de duas obras importantes desse gênero literário: *Poesias*, de Manuel Bandeira (1886-1968), e *Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada*, de Pablo Neruda (1904-1973).

Poesias foi a terceira obra publicada do poeta lírico pernambucano Manuel Bandeira, que é considerado um dos mais importantes escritores da primeira geração modernista. O volume de 300 páginas, publicado em 1924, reunia os dois primeiros livros do autor, *A Cinza das Horas* (1917) e *Carnaval* (1919), que haviam sido lançados anteriormente, em tiragens bastante redu-

zidas, acrescido da primeira edição de *O Ritmo Dissoluto*, que incluía poemas como *Os meninos carvoeiros*, *Gesso* e a obra-prima *Na rua do Sabão*, em um realismo cheio de ternura e de brasilidade.

Já a obra *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*, do chileno Pablo Neruda, vencedor do prêmio Nobel de Literatura, é um dos títulos mais vendidos de poesia em língua espanhola até hoje.

Também publicado em 1924, foi o segundo livro do jovem escritor e sinalizava os temas que marcariam sua trajetória literária: o espanto do ser humano diante da experiência amorosa, o louvor à mu-

lher amada e a celebração das paisagens de seu país. “É um livro que amo, porque, apesar de sua aguda melancolia, está presente nele o prazer de viver”, expressou-se Neruda, em suas memórias, acerca da obra centenária.

“*Poesias*” foi a terceira obra publicada de Manuel Bandeira, que reúne os dois primeiros livros do autor, “*A Cinza das Horas*” e “*Carnaval*”

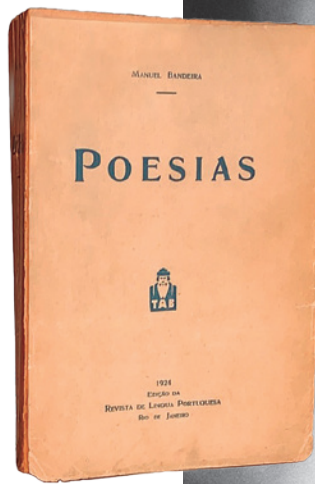
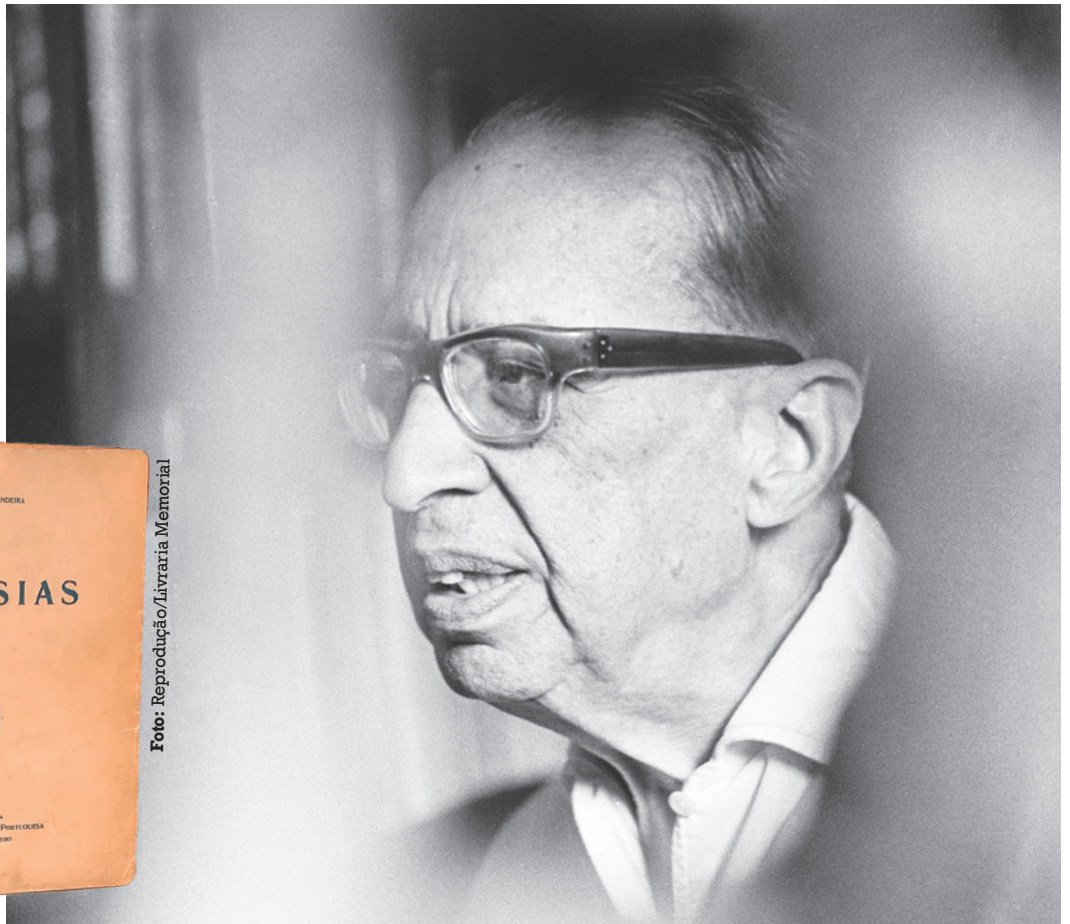


Foto: Reprodução/Livraria Memorial



Thales Ramalho

Em defesa da democracia e do diálogo

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

São muitos os que se referem ao jornalista como escola para a vida pública. Assim foi também com o paraibano Thales Ramalho, que fez de sua breve passagem como repórter e articulista pelas páginas da imprensa pernambucana um espaço para aprender e desenvolver competências que marcariam sua atuação política: a abertura ao diálogo, a defesa da democracia e a atenção aos deficientes.

Thales Bezerra de Albuquerque Ramalho nasceu na cidade da Parahyba (atual João Pessoa), em 7 de julho de 1923. Seu pai, Francisco Xavier de Albuquerque Ramalho, de tradicional família de fazendeiros de Teixeira, no Sertão da Paraíba, migrou para Natal, no Rio Grande do Norte, por causa de disputas políticas, onde conheceu a esposa, Lucília Bezerra de Albuquerque Ramalho. Em virtude do trabalho do pai como meteorologista da Inspetoria de Obras contra as Secas, Thales fez o ensino básico na capital potiguar e o curso secundário em Fortaleza, no Ceará. Na década de 1940, estabeleceu-se na capital pernambucana, chegando a iniciar os estudos na Escola de Engenharia, mas acabou se transferindo para a Faculdade de Direito do Recife, onde formou-se bacharel em 1952.

Foi também como universitário que Thales chegou aos jornais pernambucanos. Estreou em outubro de 1948, no salão nobre da Faculdade

de Direito de Pernambuco, saudando o poeta Murilo Mendes, em nome do diretório acadêmico, mas se firmou escrevendo artigos para o *Diário de Pernambuco*, no qual assinava a coluna *No Caminho dos Suplementos*, com o pseudônimo Jerônimo Colaço de Magalhães.

Foi nesse espaço que travou um debate com seu conterrâneo, o jovem Ariano Suassuna, que havia escrito, no mesmo periódico, um artigo sobre o filme de Charles Chaplin — *Monsieur Verdoux* — que mostra um homem desempregado que seduz e mata viúvas ricas. Suassuna afirmava que o célebre ator e diretor romperia a linha de defesa do “imoralismo” observada em seus filmes anteriores, ao justificar o crime individual pela existência do crime coletivo. Em sua coluna, Thales respondeu à crítica de Ariano defendendo Chaplin como “homem do povo” e acusando o dramaturgo de praticar uma injustiça contra o comediante britânico. Para ele, o filme representava a redenção do homem em uma “angustiosa tentativa de fixar os conflitos e as atribulações do homem universal”.

A troca de farpas não ficou por aí. Ariano retrucou com sua típica ironia e humor, revelando a identidade de Thales por trás do pseudônimo: “Mal cheguei do Sertão, tive a notícia que uma nova seção do *Diário de Pernambuco* tinha sido inaugurada e, logo no dia da estreia, metia o pau no artigo que escrevi sobre *Monsieur Verdoux*, de Chaplin. Soube também que Jerônimo Colaço de Magalhães era um pseudônimo; preferia que seu Maga-

lhães dissesse quem é. Mas, enquanto o amigo Thales não se decide, vou defendendo o meu artiguinho, em situação mais crítica do que a de D. Quixote: o atacado sou eu e nem ao menos diviso os moinhos do vento que me esbordoam as magras costelas”.

As repercussões da seção do tal Jerônimo provocavam rebuliço também em outras capitais. Um trecho de uma carta do escritor Américo de Oliveira, publicado dias depois no mesmo periódico, dizia: “Seu Jerônimo Colaço Magalhães causa furor até aqui em Natal. Para movimentar o ambiente intelectual deste começo de ano, a invenção, ou melhor, a presença desse ‘ramalha’ figura no suplemento de *Diário* é das mais sugestivas”.

O ex-senador e ex-vice-presidente Marco Maciel destacou, em discurso no Parlamento, que Thales foi também repórter do *Diário de Pernambuco* e seus artigos não se limitavam à crônica política, incluindo também a literatura, matéria que o paraibano chegou a lecionar na então Universidade de Pernambuco (atual Universidade Federal de Pernambuco), depois de obter o grau de professor de Língua e Literatura Portuguesa.

Apesar da paixão pela literatura, o espírito de Thales estava na política. “Thales Ramalho era um ente político. Começou a exercer sua atividade política já nos bancos acadêmicos. Foi líder estudantil, em uma fase muito densa da história do Brasil e de Pernambuco e, posteriormente, exerceu relevantes funções públicas nos planos nacional e estadual. Basicamente fez toda a sua vida pública em Pernambuco, ou seja, todos os mandatos eletivos que obteve foram em Pernambuco, o primeiro como deputado estadual e, posteriormente, por quatro vezes, como deputado federal”, destacou Marco Maciel, em discurso.

O colega parlamentar também enfatizou a contribuição de Thales para o processo de redemocratização do país, sobretudo porque, ainda durante o Regime Militar, o paraibano não se furtou a dialogar com o partido do governo, mesmo fazendo parte da oposição como integrante do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). “Thales Ramalho era, podemos dizer, um exímio negociador e sabia que o melhor caminho para restabelecermos o estado de direito no Brasil seria através de um gran-

de entendimento nacional. E a esse entendimento ele se dedicou integralmente”, expressou-se Maciel. Por atuar de forma habilidosa nos bastidores da política, Thales se tornou uma fonte procurada pelos jornalistas por sua confiabilidade.

Mesmo com esse espírito de conciliação que se refletia em posições políticas moderadas, o político também foi perseguido durante o Regime Militar por ser considerado, pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), como ligado ao Partido Comunista. Thales chegou a ser alvo de um processo de cassação parlamentar que alegava, dentre outras acusações, o fato de ele ter subscrito um documento apoiando o então arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara.

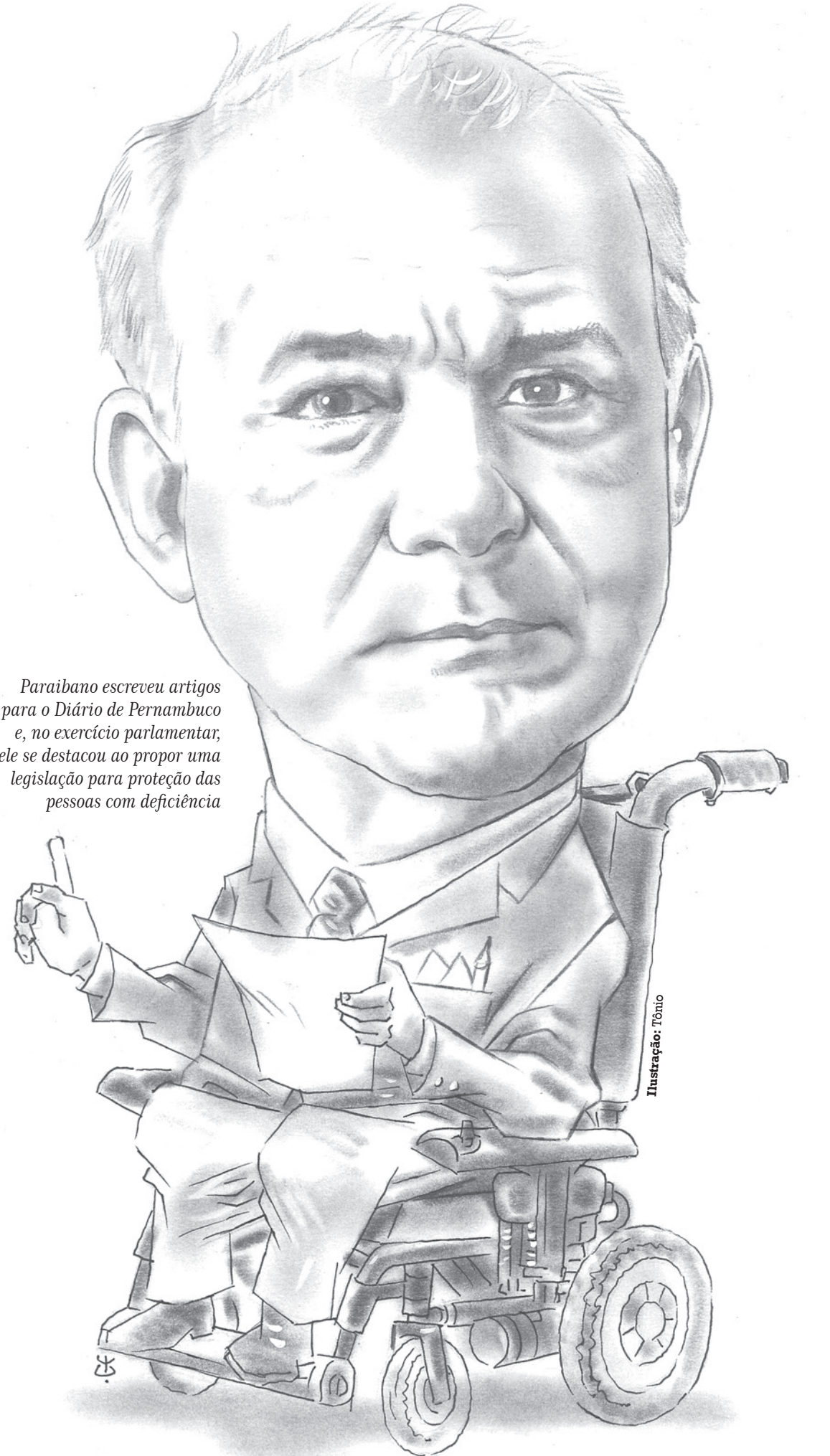
No exercício parlamentar, Thales Ramalho se destacou ainda ao propor uma legislação para proteção das pessoas com deficiência. O político se tornou paraplégico após ser acometido por um acidente de automóvel, que limitou sua condição motora já comprometida por um acidente vascular cerebral. “Foi quando passei a conviver com deficientes, tanto aqui como no exterior, que comecei a me sensibilizar: primeiro, pela própria necessidade da minha reabilitação e, depois, pelo impacto que sofri, pois, até então, eu, como milhões de brasileiros hoje, não tinha noção do que é esse mundo dos deficientes”, declarou ele, em uma entrevista concedida em 1981. A aprovação da Emenda Constitucional nº 12, de 1978, proposta por Thales, assegurou às pessoas com deficiência melhorias em sua condição social e econômica e, em 1981, propôs a obrigatoriedade da afixação do Símbolo Inter-

nacional de Acesso em todos os locais e serviços de forma a sinalizar a utilização por pessoas com deficiência.

Ramalho assumiu como membro do Tribunal de Contas da União (TCU) em 1986, aposentando-se dois anos depois. Apesar da breve passagem pelo órgão, o procurador-geral, Francisco de Salles Mourão Branco, sublinhou alguns traços de sua personalidade: “Lucidez, preocupação com a moralidade nos gastos públicos, atividade marcada pelo esforço inteligente, firme e corajoso, de abrir perspectivas conciliatórias, além de rara capacidade de ouvir e de registrar, completada pela de dizer a palavra certa na hora certa, são alguns dos atributos da personalidade do ministro Thales Ramalho, manifestados em favor deste colegiado e do país”.

Deixando o cargo, ainda atuou como assessor especial no Governo Sarney e integrou o Conselho da República nos primeiros anos da década de 1990. Um novo acidente vascular cerebral o confinou à sua residência no Recife, retirando-se à francesa do cenário político, onde veio a falecer no dia 15 de agosto de 2004, aos 81 anos de idade.

“Apesar de ter tido muitos cargos, de ter ocupado lugares de uma certa importância na história política do país, papai morreu com o que tinha. Ele não fazia uso dessas coisas em benefício próprio. Ele de fato tinha um ideal, ele pensava o país. Tudo o que fazia era em função desse ideal, em prol da democracia”, declarou a única filha, Ana Clara Santos Ramalho Monteiro de Melo, em entrevista para um livro produzido pelo TCU que resgata a memória do ex-ministro paraibano.



Paraibano escreveu artigos para o *Diário de Pernambuco* e, no exercício parlamentar, ele se destacou ao propor uma legislação para proteção das pessoas com deficiência

Ilustração: Tônio

Foto: Toninho Monteiro/Arquivo pessoal



Ramalho diante do Palácio da Alvorada, em Brasília, no Distrito Federal: ele atuou como ministro do Tribunal de Contas da União

Angélica Lúcio

Uma releitura sobre transformação digital

A Associação Nacional de Jornais (ANJ) e a Associação Nacional dos Editores de Revistas (Aner) desenvolvem, desde 2021, um programa chamado *Acelerando a Transformação Digital*. Nesta semana, vasculhando em algumas pastas antigas do meu computador, encontrei um e-book fruto desse trabalho, que li faz algum tempo, mas que continua bem atual. Por isso, decidi mergulhar novamente nele.

Em um dos capítulos da publicação, intitulado *Dicas para melhorar a Experiência em Mobile*, Imani M. Cheers, professora associada de *storytelling* e professora de graduação na The George Washington University, afirma que os jornalistas devem trabalhar como um influenciador de mídia social. “Saiba que o influenciador é, antes de tudo, um usuário de mídia social que estabeleceu credibilidade em um setor específico”.

Imani também dá algumas dicas preciosas sobre mais aspectos que envolvem engajamento em mídias sociais: incorpore imagens em seus posts; tenha senso de humor (se apropriado); peça os *feedbacks* e as avaliações do seu público; provoque a reação desejada com *gifs* ou *emojis*; compartilhe uma estatística surpreendente; esteja ao vivo; inclua CTAs (“chamadas para ação”) claras em suas mensagens.

Já no capítulo *Otimizando a Distribuição de Conteúdo*, a publicação traz algumas ideias de Kengo Tsutsumi, jornalista da ProPublica. Ele defende que a comunicação nas redações precisa ser clara para todos os envolvidos. Propõe que as empresas invistam em pessoas e em metas, reconhecendo e ouvindo a opinião das equipes sobre outras oportunidades e plataformas.

Sobre esse aspecto, Kengo Tsutsumi pontua três questões muito relevantes para as redações:

1) Clareza — Obtenha uma compreensão compartilhada do que estamos fazendo ou tentando fazer e por quê. A comunicação nas redações precisa ser clara para todos os envolvidos;

2) Tempo — Crie um entendimento compartilhado sobre como o tempo limitado de nossas equipes pode ser utilizado com maior eficiência;

3) Colaboração — Crie um ambiente que estimule o compartilhamento e o entusiasmo por coisas que impulsionem o trabalho de todos.

Por fim, trago um registro de Luciana Cardoso, líder de estratégia com experiência em produto, *marketing* e tecnologia da Quartz. Ela defende (no capítulo *Paywalls e a Economia Recorrente — Parte II*) que, para o sucesso de

um modelo focado no digital, são necessárias equipes multidisciplinares, mirando em metas que possam ser desenvolvidas em conjunto entre equipes.

Tais objetivos, sugere Cardoso, podem ser construídos a partir de um modelo Smart Goals. Ou seja, cada letra de Smart traduz um critério da meta a ser definida: “S” de *Specific* — Específica: deve ser clara, não deixando dúvidas do que se trata; “M” de *Measurable* — Mensurável: tem que ser medida de alguma forma; “A” de *Assignable* — Atribuível: deve ter uma pessoa ou grupo responsável; “R” de *Realistic* — Realista: precisa ser desafiadora e alcançável no tempo proposto; e “T” de *Time-Based* — Limitada no Tempo: ou seja, a meta deve ter seu prazo para alcance bem definido.

Relembrei essas dicas valiosas ao me permitir organizar arquivos antigos e buscar o que me fizera guardá-los. Você costuma guardar (em arquivo digital ou à moda antiga) algum conteúdo que lhe interessou? Conta para mim!

Segundo a professora Imani M. Cheers, os jornalistas devem trabalhar como um influenciador de mídia social



Foto: Reprodução George Washington University

Tocando em Frente

Os Instrumentistas da MPB — VII

Embora o realejo seja uma espécie de órgão mecânico portátil que era tocado com o auxílio de uma manivela, na quase unanimidade nacional, hoje ele é tido e conhecido também como sendo a tradicional gaita de boca ou harmônica, trazida por imigrantes alemães e italianos, inicialmente, para o Rio Grande do Sul. De origem chinesa, a gaita de boca — o *shen*, como os chineses o chamam — “modernizou-se” a partir dos anos 1800, como uma invenção do relojoeiro Christian Ludwig Buschmann (1821), aperfeiçoada pelo igualmente relojoeiro, também germânico, Mathias Hohner (1857), com o nome de harpa ou órgão de boca. Logo o uso foi absorvido pelos mercados da própria Alemanha, da França, da Itália e dos Estados Unidos. Hoje, as melhores gaitas de boca são de origem alemã (Hohner), japonesa (Suzuki) e norte-americana (Lee Oskar). No Brasil, falam os entendidos, as melhores são fabricadas pela Hering.

Mundo a fora, o instrumento foi e continua sendo bastante utilizado pelos intérpretes do *blues*, *rock*, *jazz*, *folk*, *country* e até na música caipira ou erudita. No pop, para citar apenas alguns exemplos, ela foi adotada por Bob Dylan (“Blowin’ in the Wind”), Beatles (“I Should Have Known Better”), Rolling Stones (“Sweet Virginia”). Para os aficionados e saudosistas, não nos custa relembrar o sucesso (1951) com Carlos Galhardo ou Silvío Caldas “Velho Realejo” (Custódio Mesquita e Sady Cabral): “Naquele bairro afastado / onde em criança vivias / a remoer melodias / de uma ternura sem par / Passava todas as tardes / um realejo risonho / passava como num sonho / um realejo a cantar”.

Entre nós, profissionalmente, o instru-



Imagem: Reprodução/Revendo Discos

Edu da Gaita foi um intérprete cujo nome ficou registrado no universo da MPB

mento foi pouco aproveitado pela indústria fonográfica. Eduardo Nadruz (Jaguaraó-RS, 1916-Rio de Janeiro-RJ, 1982), conhecido como Edu da Gaita, compositor e gaitista, foi um intérprete cujo nome ficou registrado no universo da MPB, popularizando, de certa forma, o uso desse instrumento.

O gosto pela gaita e a aptidão para ela iniciaram-se quando ainda criança, de maneira autodidática. Aos nove anos de idade, participou do evento Concurso de Gaitistas Mirins,

em Pelotas, patrocinado por representantes dos fabricantes das gaitas Hohner (Alemanha), concorrendo com a interpretação do “Estudo nº 3”, de Frédéric Chopin. Vencedor, tomou gosto pela música e, quando se achou preparado, resolveu, aos 16 anos, mudar-se para São Paulo. Para sobreviver, começou a fazer biscates durante o dia e aventurando-se na noite, com o seu instrumento, pelos bares da cidade grande, inclusive chegando a tocar na Rádio Cruzeiro do Sul.

Em 1936, portanto aos 20 anos, deliberou aventurar-se no Rio, ainda como biscoiteiro e camêlo, alternando essas atividades com “incursões musicais”: costumava tocar nas barcas que faziam o percurso Rio/Icarai-Niterói. E quando Silvío Caldas, ouvindo-o tocar, apresenta-o à Rádio Mayrink Veiga, no programa de César de Alencar, que lhe cria o nome artístico.

A estreia em disco aconteceu em 1939, com um 78 rpm, com o fox “Violino Cigano” (O’Flynn e Betzner) e “Canção da Índia” (Rimsky-Korsakov), selo Columbia, o que lhe ensejou o convite para atuar no Hotel Copacabana Palace, em cassinos e em uma Orquestra Sinfônica. De passo a passo, o auge profissional acontece tempos depois, quando, após um estudo que durou anos, conseguiu fazer uma transcrição do Moto Perpetuo (Paganini), de violino para gaita. O auspicioso feito leva-o a integrar, como solista, a Orquestra Sinfônica Brasileira, cujo epícope ocorreu com o Concerto para Gaita e Orquestra, sob a regência de Radamés Gnattali.

O primeiro álbum (LP) foi gravado pela Copacabana, em 1959, possibilitando-lhe, no ano seguinte, uma excursão pela América e pela Europa (Portugal, França, Inglaterra e Itália) com o Sexteto Radamés Gnattali. No início dos anos 1980, gravou dois álbuns, ambos premiados como Melhor Disco do Ano. De resto, entre as gravadoras Continental e Columbia, deixou-nos um acervo de cerca de 200 fonogramas, cujos destaques, além dos já citados, ressaltam-se os clássicos “Dança Ritual do Fogo” (Manuel de Falla), “Smoke Gets in Your Eyes” (Jerome Kern), “Malagueña e Andaluzia” (Ernesto Lecuona) e “No Jardim de um Templo Chinês” (Ketelbey).

WHATSAPP

Stories terão recurso de curtidas privadas

Entre as novidades, menções privadas permitem marcar contatos específicos

Guilherme Nannini
Agência Estado

O WhatsApp anunciou mudanças no recurso *status*, que permitem aos usuários fazer menções privadas a contatos específicos e reagir às publicações com *emojis*. As novidades já começaram a ser liberadas para alguns usuários desde o começo do mês, quando foram anunciadas as mudanças.

Agora, as menções privadas permitem marcar contatos específicos em um *status*, garantindo que eles sejam notificados sobre a publicação. Para mencionar alguém, basta digitar “@” seguido do nome do contato. A menção não será exibida publicamente no *status*, apenas o contato mencionado receberá uma notificação privada.

Usuários que forem mencionados em um *status* poderão recompartilhá-lo com seus próprios contatos, mesmo que não sigam o autor original da publicação. De acordo com a empresa, a funcionalidade irá facilitar o compartilhamento de conteúdo relevante com um público específico, sem comprometer a privacidade do autor original.

Outra novidade que chega ao WhatsApp é a reação de um *status* com qualquer *emoji* disponível no aplicativo, diferente dos oito que existem atualmente. Basta deslizar o dedo para cima na tela e escolher qual *emoji* enviar que a reação será exibida como um pequeno ícone na parte de baixo do *app*. A companhia também anunciou que está trabalhando em ou-



Foto: Carlos Rodrigo

Ainda sem previsão, funcionalidade em desenvolvimento é a sincronização de contatos entre dispositivos

tras novidades para a função, como a capacidade de compartilhar atualizações de texto e de *links*.

O WhatsApp afirma que as novas funcionalidades foram desenvolvidas com foco na privacidade e na segurança dos usuários com as reações e menções sendo privadas e criptografadas, permitindo controle sobre quem pode ver suas publicações e interagir com elas.

Outra funcionalidade em desenvolvimento, ainda sem data de lançamento prevista, é a sincronização de contatos entre dispositivos. Essa ferramenta permitirá que os usuários salvem seus contatos diretamente no perfil do WhatsApp e acessem a lista de qualquer dispositivo vinculado à sua conta.

A sincronização de contatos foi encontrada em desenvolvimento na versão beta do WhatsApp para Android 2.24.21.26 pelo *site* WaBetaInfo. A função, quando implementada, será opcional e utilizará pareamento prote-

gido por criptografia para proteger os números de telefone de contatos que não estão presentes no mensagemiro, ao mesmo tempo que permitirá o monitoramento de uso suspeito do recurso de *backup*.

Ao ativar a função, o aplicativo exibirá a seguinte mensagem: “Seus contatos serão salvos no WhatsApp. Eles serão automaticamente restaurados para sua con-

ta WhatsApp, incluindo seus dispositivos vinculados, se você trocar de celular ou reinstalar o WhatsApp”.

No entanto, a sincronização de contatos terá algumas limitações. Não será possível, por exemplo, remover contatos específicos da sincronização entre dispositivos. Ao desativar o recurso, todos os contatos do dispositivo serão excluídos da sincronização.

Charada

Resposta da semana anterior: Neste momento (1) = já + faixa que circula o tronco (2) = cinto. **Solução:** cronista social carioca (3) = Jacinto (de Thormes).

Charada de hoje: Silenciam (2) diante da faixa etária (3) para não sentirem a tragédia (5).

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Jean Chung/Divulgação

Eita!!!!

Nobel de Literatura

Neste mês, a escritora sul-coreana Han Kang (foto acima), autora de *A Vegetariana*, foi a vencedora do Prêmio Nobel de Literatura. Kang foi escolhida por “sua intensa prosa poética que confronta traumas históricos e expõe a fragilidade da vida humana”, segundo a Academia Sueca. O Nobel de Literatura é concedido a um autor pelo conjunto da obra. Veja a seguir algumas curiosidades sobre a premiação.

“Oscar” da área

O Nobel foi criado em 1901, com objetivo de premiar pesquisadores por grandes descobertas em cinco categorias: literatura, paz, física, química e fisiologia ou medicina. A premiação aconteceu em quase todos os anos desde então, salvo interrupções durante as guerras mundiais. Atualmente, o prêmio é a cerimônia mais importante para a área científica, equivalente ao Oscar para o cinema.

Poucas mulheres

Agora, Han Kang integra uma pequena lista de autoras femininas já laureadas com o prêmio. Dos 121 ganhadores do Nobel, apenas 18 foram mulheres. A primeira escritora foi a sueca Selma Lagerlöf, em 1909. A segunda mulher seria laureada 17 anos depois: a italiana Grazia Deledda, em 1926.

Prêmio em dinheiro e prestígio

Os laureados recebem, além da tradicional medalha e do diploma, o valor de 11 milhões de coroas suecas, cerca de R\$ 5,9 milhões — a cifra de 2024, mas o valor variou ao longo da história. Pesquisas mostram que as equipes dos vencedores ganham mais investimentos, visibilidade e oportunidades depois da premiação.

Caminho das pedras

Um artigo do portal científico *Nature* analisou toda a história do Nobel para entender o que é necessário para se tornar um ganhador. Realizada antes das premiações de 2024, a pesquisa estudou o perfil de 646 vencedores dos 346 prêmios de ciência (menos nas categorias de literatura e paz). Geralmente, o vencedor é homem de meia-idade, norte-americano ou europeu. Em toda a história do prêmio, apenas 10 vencedores nasceram em países de baixa ou média renda, segundo classificação do Banco Mundial. No geral, os prêmios referem-se a descobertas feitas quando os cientistas tinham entre 28 e 43 anos.

Prêmio off-Nobel

O prêmio de economia é entregue na mesma cerimônia, mas não está ligado ao Nobel. O reconhecimento na área, chamado de Prêmio Sveriges Riksbank de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel, foi criado em 1968, pelo Banco Central da Suécia.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

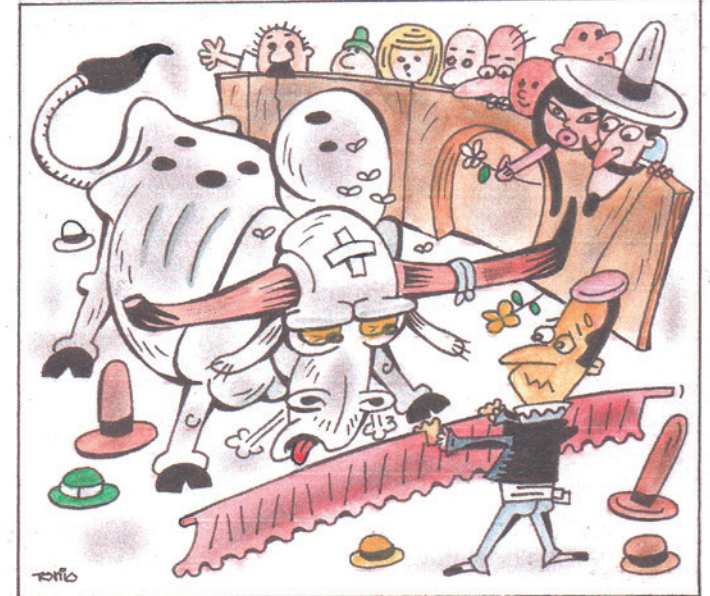
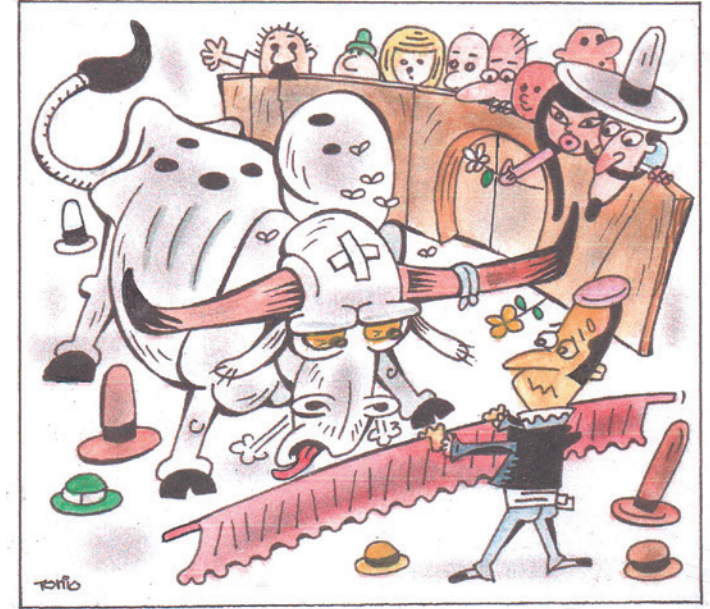
O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Desvivelândia

Jorge Rezende (argumento) / Tônio (arte)



Solução

1 – portão; 2 – ponto do rabo; 3 – curativo; 4 – costela; 5 – chapéu; 6 – miela do toureiro; 7 – chifre; 8 – casco; 9 – língua.

Uma região de vários mundos

Identidade é construída ao longo do tempo, sendo formada tanto pela história e linguagem quanto pelas relações sociais e interação com outras culturas

Pelo imaginário social, o Nordeste brasileiro pode ser visto equivocadamente como uma forma única e homogênea, sem a sua diversidade de sotaques

Ilustração: Bruno Chiossi

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Há algum tempo, um debate intenso tomou as redes sociais. Nas eleições de 2022, a disputa entre o atual presidente, Lula, e o então presidente Bolsonaro acirrou também uma disputa por narrativas, principalmente no antigo Twitter. “Obrigado, Nordeste, agora nos próximos quatro anos nós trabalhamos para tentar segurar economia e desenvolvimento enquanto vocês dormem e comem acarajé”, escreveu um usuário da rede social na época. “Nordestinos votam em candidatos de esquerda e depois saem do seu estado para tentar uma vida melhor no Sul”, escreveu outra pessoa, indignada com o resultado das eleições presidenciais.

Em uma pesquisa realizada com base no dia do segundo turno (3/10), em 2022, pelo Internetlab — centro independente de pesquisa interdisciplinar sobre sociedade, tecnologia e direito no campo da internet —, foi possível identificar essas duas narrativas em disputa nas principais temáticas ligadas ao termo “Nordeste”, na época. “Xenofobia/preconceito” (15%), “Fraude nas eleições” (13,49%) e “Orgulho do Nordeste/Orgulho de ser nordestino” (11,60%) figuraram entre os três principais temas.

A narrativa de que o Nordeste foi responsável pela vitória das eleições presidenciais do corrente ano formou um coro e adensou dois discursos diametralmente opostos. De um lado, a história do nordestino que foge de sua terra, tal como retratado na pintura *Os Retirantes* (1944), de Cândido Portinari. Do outro lado, o chamado “orgulho nordestino” e, atrelado a ele, todos os emblemas e regionalismos que estão presentes no imaginário social: gibão, chapéu de couro, sol forte, entre outros símbolos que compõem a identidade cultural nordestina.

De tempos em tempos, a narrativa de um Nordeste homogêneo com seu chapéu de couro na terra árida da Caatinga reaparece, e não apenas nos discursos separatistas, como o proferido durante as eleições de 2022. Ela também é enfatizada pelos próprios nordestinos em datas comemorativas, como o dia 8 de outubro, considerado Dia do Nordeste. Nesta data, em específico, o discurso de ser nordestino ressoa em alto e bom tom e com um forte sotaque, enfatizando as divisas da

região. Mas, assim como outras identidades culturais, a ideia de um Nordeste único é construída histórica e socialmente, fornecendo à região uma identidade própria.

Na antropologia, identidade cultural refere-se ao conjunto de características, práticas, crenças, valores, costumes e símbolos que são compartilhados por um grupo de pessoas, distinguindo-a de outros.

A antropóloga e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Luciana Chianca explica que, quando se fala em identidade cultural, se refere a tudo que é comum dentro de um circuito de relações. “Geralmente se busca aproximações, mas também nos distinguindo do outro, que é um grupo que não é o meu. De modo constantemente negociado e muitas vezes inconsciente, vamos mudando nosso modo de ser, ideias, valores e tudo que possa nos diferenciar dos outros grupos, afinal, não queremos ser confundidos com eles”.

Essa identidade é construída e negociada ao longo do tempo, sendo formada tanto pela história e linguagem, quanto pelas relações sociais e interação com outras culturas. Autores célebres das ciências sociais, como Stuart Hall e Glória Anzaldúa, tratam dessa temática de modo mais aprofundado, mostrando que os tensionamentos e as disputas em torno da ideia de identidade cultural são recorrentes e resultam, muitas vezes, em preconceitos.

A identidade nordestina, embora não tenha sido tema desses autores, é de muitos outros que relembram como algumas concepções em torno da identidade cultural nordestina criam marcas negativas que se sobressaem e tornam homogêneo um lugar que é tão

culturalmente denso como qualquer outro.

Essas marcas negativas podem diminuir ou subalternizar uma região, como explica a professora Luciana Chianca. “Quando um grupo se considera superior e decide que os demais não têm direito ao respeito e à sua própria diferença, surgem as posturas preconceituosas, racistas, xenófobas, intolerantes ou fóbicas, que são nefastas para a vida em comum e podem levar a atitudes extremistas e fascistas. O etnocentrismo é um perigo para a humanidade”.

O etnocentrismo consiste em julgar o outro tendo como base os próprios valores. Tudo aquilo que não está como central nos seus valores, resulta no que na antropologia se chama “o outro”. *Alter*, prefixo da palavra “alteridade” significa, precisamente, “outro”, como explica Chianca. O esforço da alteridade, portanto, é essencial no processo de deixar de lado o etnocentrismo.

É muito comum, no entanto, que o Nor-

deste sempre figure como o outro, o regional, em uma relação mais ampla no contexto brasileiro. Consequentemente, precisaria se adequar ao que é o neutro e que é lido socialmente como se não possuísse marcas. “Hoje em dia vemos apresentadores de televisão buscando descobrir seus sotaques e a musicalidade das suas falas nordestinas, buscando aproximar-se de modelos de sotaque do Rio de Janeiro ou São Paulo: é mais uma forma de colonização cultural e de exercício de poder que alguns linguistas chamam de preconceito linguístico”, explicou Chianca.

A professora, no entanto, ressalta que, apesar das marcas negativas, é possível identificar um Nordeste muito mais plural do que aquele que compõe o imaginário social da região. “O Nordeste é uma região que congrega diferentes modos de viver, especificidades econômicas, naturais, sociais, culturais. Para um baiano, o Nordeste reporta a uma ideia bem diferente, por exemplo, daquela apresentada por um maranhense, e o modo como percebemos o próprio Nordeste também varia segundo o tempo, as gerações, a escolaridade, a condição econômica, a cidade/bairro onde se mora”.

Ao mesmo tempo em que a região sofre com estereótipos e preconceitos, também redefine e transforma essas percepções, criando uma identidade plural, complexa e em constante negociação, a exemplo do que ocorre na época das festas de São João. “Elas constituem nossa identidade de modo profundo, porém, observando atentamente, percebemos que elas são muito diferentes. Todos sabem que é São João, mas o modo como cada lugar celebra é diferente. A variação de festas com bois, quadrilhas, fogueiras, fogos, mastros, banhos, músicas, comidas, decorações e vestimentas são uma prova da diversidade da festa junina nordestina”.

Para além das diferenças dentro da própria região, há também as questões ligadas à temporalidade. Essas manifestações culturais também sofrem com a pressão de manter-se dentro de uma “fronteira” demarcada e delimitada pela ideia da tão conclamada tradição regional.

SOCIOLINGUÍSTICA

Modo de falar vai além do sotaque

Variedades dialetais são formas que a língua pode assumir em função de aspectos geográficos, sociais e históricos

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

O Nordeste é uma região construída no imaginário social como única e homogênea do ponto de vista, político e histórico, sobretudo. No entanto, são compostas por diferenças marcadas por processos de interlocução com outros lugares e dentro da própria região. A professora Luciana Chianca exemplifica essa interlocução com a forte presença na oralidade. “Um sotaque, por exemplo, é o resultado de negociações linguísticas entre línguas nativas, colonizações historicamente mais antigas ou mais recentes”. Exemplo disso são as diferenças dentro da própria região de algumas palavras ou pronúncias. Aipim, macaxeira e mandioca, por exemplo, carregam consigo etimologias ligadas a uma forte herança ancestral, como explicou o professor e historiador Durval Muniz, autor de livros como *A Invenção do Nordeste* e *A Feira dos Mitos*. “Aipim é a palavra portuguesa, já mandioca é uma palavra indígena e macaxeira é a palavra africana. Então, para a mesma coisa, a gente tem três palavras que têm origens diferentes”. É possível, portanto, perceber que a pluralidade cultural se espalha e também adentra a dimensão da linguagem. Uma das áreas responsáveis por estudar as variações na linguagem é a sociolinguística. Ela estuda a correlação entre língua e sociedade de forma sistêmica. Dentro da sociolinguística, é

possível estudar as variedades dialetais que caracterizam, efetivamente, como uma dada região fala. Embora a ideia de sotaque seja mais facilmente compreendida popularmente, aqui este termo será deixado de lado. Nesse momento é preciso entender que a linguagem possui uma determinada estrutura e é a partir dela que Marcus Sene, professor da Universidade de Pernambuco (UPE), prefere tratar. Natural de Minas Gerais, ele pesquisou mais profundamente sobre fonologia e ortografia, durante sua graduação, mestrado e doutorado. Para o professor, explicar a diferença entre sotaque e variedades dialetais pode tomar muito tempo e levar a imprecisões nessas definições. “Acho que, se for para dizer sobre o modo de falar de uma região, nós sempre preferimos dizer: para além de um sotaque, as regiões possuem variedades dialetais que as caracterizam como uma comunidade de fala”, explicou Marcus Sene. Variedades dialetais são as diferentes formas que uma língua pode assumir em função de aspectos como a localidade geográfica, o grupo social e o contexto histórico. “Sociolinguística, que é também uma das minhas áreas, verifica essas variedades ou pistas dialetais”. Ele explica que, entre as pistas dialetais investigadas, destacam-se as de natureza fonético-fonológicas e lexicais que são, em particular, mais fáceis de serem percebidas pelos falantes de certa região. A fonética e a fonologia são ramos que se comple-

mentam. A primeira estuda os sons produzidos pela fala, enquanto que a fonologia interpreta os aspectos apresentados pela fonética, descrevendo-os. Já o léxico diz respeito ao conjunto de palavras escolhidas na hora de falar. Essas variedades linguísticas não se destacam exclusivamente entre as regiões brasileiras, mas entre comunidades em geral. “Se a gente ainda conseguisse ampliar um pouco essa lupa, encontraríamos até agrupamentos e pertencimentos diferentes, dentro desse mesmo espaço que falam de formas distintas. Agora, com as tecnologias, essa noção plural vai ficar muito mais evidente. Hoje é possível perceber até crianças usando itens lexicais comuns de São Paulo por conta da influência da internet”.
Para o professor Marcus Sene, com as tecnologias, a noção de variedade linguística fica muito mais evidente



Foto: Arquivo Pessoal

Fronteira entre o familiar e o estranho

Entre os sons produzidos e o que se escuta, muitas coisas ficam no caminho e outras coisas são incorporadas. É o que atesta a professora de espanhol Sandra Fuentes de Azevedo. Filha de pai espanhol e mãe carioca, ela possui dupla nacionalidade, escolhendo a Paraíba para morar há cerca de dois anos. Na linguagem e na fronteira, Sandra encontra um lugar familiar e estranho, que a coloca nesse lugar fronteiriço, de tensão com as duas línguas que fazem parte de seu cotidiano. Desde que se mudou de vez para a Paraíba, a professora consegue perceber familiaridades em sons produzidos e também dificuldades que dizem respeito a entender pronúncias específicas de determinados lugares do Nordeste. “A pronúncia dos fonemas /t/ e /d/ é superparecida com o que temos na Espanha. Para mim, fica mais confortável de falar, até, porque é menos esforço que eu preciso fazer com a boca na hora de pronunciar”. Essa é uma marca linguística majoritariamente comum ao Nordeste do Brasil, explica Sandra Fuentes, que teve uma parte da sua infância perpassada pela aprendizagem de um modo de falar mais carioca, herança adquirida de sua família materna. “Há algum tempo

atrás, eu tinha essa pronúncia mais carioca, por conta da minha mãe. Mas o meu cérebro se acostumou melhor a esse fonema como se fala aqui, na Paraíba, pois é praticamente igual na Espanha”. Essa similaridade decorre do processo de colonização, que contou com a presença de espanhóis na região do Brasil, como informou o historiador Durval Muniz. “A ocupação do Nordeste é muito diversificada. Teve a presença de diferentes povos e que resultaram em formas de falar populares que, em tese, estão erradas, mas que, na verdade, são ‘espanholismos’ da época da União Ibérica”, explicou o professor sobre a época em que houve a dominação espanhola sobre Portugal. Por outro lado, o carioca herdou um modo de falar mais assoviado, devido à presença portuguesa no estado. “Mais de 30 mil portugueses desembarcam de uma vez só no Rio, junto com a coroa portuguesa”, explicou Durval. Esse lugar de uma barreira, por vezes nebulosa, entre as línguas simboliza os tensionamentos históricos e culturais existentes ao longo dos séculos no Brasil e que marcam territórios linguísticos e imaginários do que conhecemos hoje como Nordeste. Outro exemplo, dado por Sandra Fuentes, da influência espanhola nas pronúncias é a influência galega também no Brasil, devido à grande migração de pessoas da região da Galícia ao país. “O ‘oxente’

tem várias interpretações de linguistas. Mas a dominante é a da influência galega, que é uma das línguas oficiais da Espanha. ‘Ô gente’ tem uma pronúncia de /x/ e se transforma em ‘oxente’. Eu vejo que esse conceito coletivo de gente é muito usado aqui, como na região da Galícia também”, explica a professora. Além da influência da Espanha no Brasil colônia, Durval Muniz também ressalta a presença holandesa no Brasil, que deixou algumas formas de falar específicas, sobretudo em Pernambuco. “Mas, claro, a maioria da nossa língua é influência dos falares portugueses, africanos e indígenas”, ressalta. A influência de diversos povos foi estudada de maneira mais profunda em um esforço empreendido de tornar mais visível essas variações e de onde elas vêm. O *Atlas Linguístico do Brasil*, documento publicado pela editora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e produzido por 15 instituições universitárias, resulta na produção de uma cartografia, que se insere na linha da geolinguística. Significa que o livro contém um amplo desenho realizado, do Oiapoque ao Chuí, das diferenças dos dialetos de todas as regiões do país, levando em consideração gênero, geração, lugar, classe e alguns hábitos cotidianos. Com essas informações, o documento desenha um mapa das diferenças entre os dialetos das regiões do Brasil.



Foto: Arquivo Pessoal

Professora de espanhol, Sandra Fuentes consegue perceber semelhanças e dificuldades em pronúncias específicas de determinados lugares do Nordeste

IDENTIDADE CULTURAL

Imaginário anacrônico engessa o NE

Tradição regional precisa de reelaboração, atualização e liberdade para se adaptar aos novos contextos

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Diferente do que possa se pensar, a construção de um Nordeste homogêneo não foi feito fora da região. “As próprias elites do Norte, que construíram a ideia do Nordeste, vão construir essa homogeneidade”, frisa Durval Muniz. “Porque o Nordeste surge no momento em que essas elites desse espaço perderam o domínio econômico e político da nação. Ao longo do século 19, principalmente com o desenvolvimento da economia cafeeira, São Paulo, que era uma área periférica do ponto de vista econômico e político, vai se tornando central. Você vai tendo um deslocamento do eixo econômico e político do norte para o sul”.

Para o professor, é preciso abandonar a ideia de um imaginário anacrônico que engessa o lugar do nordestino. “Muita gente reclama que o São João não é mais o mesmo. Há um reforço o tempo todo desse imaginário anacrônico. Com ele, a gente seria um espaço que não se transforma. Para as manifestações culturais permanecerem vivas, elas têm que se transformar, não podem ficar empalhadas”, diz o autor de *A Invenção do Nordeste*.

As fronteiras, apesar de demarcarem o lugar importante de uma identidade cultural, quando cerradas em si, podem recair no problema de não permitirem a saída dessas expressões para outros lugares no intuito de se manterem vivas. De acordo com Muniz, “ou a tradição se reelabora ou ela morre. É preciso atualizar, trazer traços, elementos culturais, mas adaptá-los aos novos contextos, senão não comunica. Os quilombos, hoje, para fazer

um projeto cultural, têm que dominar a internet, caso contrário não conseguem pedir nem dinheiro, nem recursos”.

Essas reelaborações são importantes na manutenção de uma série de relações, inclusive nas relações de trabalho. “Toda produção cultural é uma mensagem. Ela tem que comunicar, afetar, chegar às pessoas. Lia de Itamaracá hoje grava discos e CDs. Se Lia ficasse fechada lá na Ilha de Itamaracá, cantando na beira do mar, a ciranda ia morrer”, enfatizou o historiador, defendendo a presença da cantora pernambucana no palco do Rock in Rio, realizado neste ano.

“
Para as manifestações culturais permanecerem vivas, elas têm que se transformar, não podem ficar empalhadas

Durval Muniz

“Orgulho de ser nordestino”

Uma manifestação cultural e uma linguagem na qual apenas um pequeno grupo domina, ela acaba por perecer na passagem do tempo, de acordo com Durval. “Estamos diante de uma nova cultura, onde a fala viva passou a ter uma importância

cada vez maior. Graças a esses novos meios de comunicação, muitas pessoas que não dominam a escrita utilizam as novas tecnologias através da fala. A oralidade está sempre em movimento e transformação, sempre uma mistura de influências variadas”, pontuou o historiador.

Essa reflexão sobre a oralidade e a troca cultural ajuda a complexificar a ideia de que o Nordeste é apenas uma região “receptora” de influências, subvertendo a visão de subalternidade e regionalidade ligada a ela. Como Muniz destaca, as tecnologias e linguagens também são transformadas pelo contexto local, mostrando que há uma troca constante. “O Sertão também modifica o celular e não só o contrário”. Por isso, a ideia de um Nordeste único, com barreiras em concreto, são frutos de um imaginário social.

A fala de Durval Muniz ressoa com as ideias de fronteira cultural e identidade desenvolvidas por Gloria Anzaldúa, que propõe que, na realidade, as fronteiras — sejam elas físicas, culturais ou linguísticas — são lugares de encontro e transformação, e isso

reforça a percepção de que, apesar da confluência de símbolos, imagens e questões sociais que englobam o Nordeste, esse lugar também é múltiplo e não corresponde a um lugar único.

Apesar do destaque dado às transformações no âmbito das tradições, o historiador destaca que ainda há um imaginário predominante na ideia do que é ser nordestino, enfatizada, inclusive, pelos próprios nordestinos como um lugar comum a todos. “Toda vez que dizemos ter orgulho de ser nordestino, eu pergunto o que é ser nordestino. O que está ligado a esse imaginário de ser nordestino? A ideia de que nós somos cabeças-chatas? Que a gente tem um corpo raquítico de retirante da seca?”, questionou, lembrando a famosa imagem do quadro de Portinari, *Os Retirantes*.

No entanto, parte da imagem que torna homogênea o imaginário social da região se constitui justamente como um modo de articulação política, que visava servir de base para as elites intelectuais e políticas da região. “O conceito de nordeste serve para se posicionar nacionalmente e disputar recursos, investimentos e obras públicas”. E, portanto, a ideia de Nordeste também homogeneiza.

Nas palavras do Durval Muniz, um discurso identitário cria uma pretensa unidade que não existe. “Você generaliza a paisagem da Caatinga e esquece que o Nordeste tem a Zona da Mata, tem a Mata dos Cocais, que, lá no Maranhão, tem inclusive Floresta Amazônica. Então, o Nordeste não é unitário do ponto de vista das paisagens. Como não é unitário do ponto de vista dos climas, basta ir a Garanhuns para estar em uma cidade que, às vezes, dá 12 graus centígrados durante o dia. Mesmo o Sertão não é homogêneo. O Cariri do Ceará fica em pleno Sertão, mas Crato é um oásis, com florestas e cachoeiras para todo lado. Não parece que está no Sertão porque, na verdade, tem essa diversidade que quase sempre é negada por esse discurso regionalista que homogeneiza aquilo que não é homogêneo”.



“Os Retirantes” (1944): famosa pintura de Cândido Portinari retrata a realidade da seca, que é estereotipada para uma visão geral da região Nordeste como um todo



Oralidade está sempre em movimento e transformação, segundo o historiador e professor paraibano Durval Muniz



Foto: Carlos Gomes/Divulgação



Atores do Grupo Carmin (RN) – Henrique Fontes, Rafael Guedes e Igor Fortunato – em uma das apresentações de “A Invenção do Nordeste”, peça baseada na obra homônima de Durval Muniz

Busca por uma padronização da fala

Justificativa de uma “uniformização” é estabelecer uma pronúncia-padrão para o português falado no país

Audaci Junior
audaciuniao@gmail.com

O “sotaque neutro” é a busca por uma padronização da fala de um indivíduo, no intuito de não especificar de qual região é a sua origem com base na variação linguística. Não é à toa que também é conhecido como “sotaque do *Jornal Nacional*”, uma alusão ao programa da Rede Globo.

Segundo a obra *Jornal Nacional: a notícia faz história* (Jorge Zahar, 2004), escrito por Ana Paula Goulart Ribeiro, uma fonoaudióloga fazia um trabalho de uniformização da fala de repórteres e apresentadores desde 1974, principalmente para amenizar os sotaques regionais.

A justificativa para tal foi uma definição de um “padrão nacional”, estabelecido por um congresso de filologia realizado em Salvador, em 1956, “no qual ficou acertado que a pronúncia-padrão do português falado no Brasil seria a do Rio de Janeiro,

com algumas restrições. Os ‘esses’, não poderiam ser muito sibilantes e os ‘erres’ não poderiam ser muito arranhados, guturais”. Em suma, o sotaque “correto” é sempre o de São Paulo ou o do Rio de Janeiro. Pior: nem são vistos como sotaques.

“Na verdade, o que é majoritário é o não marcado. O marcado é o minoritário, que é o subalterno”, analisa o historiador Durval Muniz. “A mesma coisa do ponto de vista racial: você não julga que o branco é cor. Pessoa de cor é o preto. O branco, como é pretensamente universal, a norma, aquilo que todo mundo deveria ser, não é marcado”.

Outro problema apontado pelo professor é que muitos artistas nordestinos, quando vão fazer um personagem que tem ligação com suas origens, são forçados a ter um sotaque estereotipado. “Eles não são nordestinos suficientemente”.

Muniz puxa pela memória a atriz e diretora Quitéria Kelly, do grupo

potiguar Carmin, que comandou a adaptação teatral do livro mais conhecido do historiador, *A Invenção do Nordeste*. Em produções da Rede Globo, como a novela *Renascer*, “ela foi obrigada a acentuar o sotaque, a fazer esse sotaque postiço, porque justamente se convencionou na produção televisiva que o nordestino falasse assim, esse ‘nordestinês’ que só existe nas produções midiáticas”.

“Essa ideia de que só nós temos sotaque é porque quem é tido como subalterno é quem tem a fala marcada. Quem é ‘o dominante’ nem percebe que tem sotaque. É curiosíssimo, por exemplo, as pessoas de São Paulo acharem que não têm sotaque, quando elas têm um sotaque carregadíssimo”, disse o professor.

Ao mesmo tempo, é muito difícil identificar definitivamente apenas um sotaque que deva existir em metrópoles como São Paulo e Rio, “porque são milhares de cidades dentro de uma mesma cidade”.



Foto: Bruno Martins/Divulgação

Atriz potiguar Quitéria Kelly, diretora da montagem “A Invenção do Nordeste”, foi obrigada a acentuar um “sotaque postiço” em produções televisivas

“Atualmente, estamos entrando na era da oralidade digital”

Um escritor nordestino falar de seu quintal não implica dizer que há uma camisa de força que o ancora nas profundezas interioranas. Um dos tipos de prosa na segunda fase do modernismo brasileiro é o regionalista, que tem início com o romance *A bagaceira*, do paraibano José Américo de Almeida, em 1928. Ganharam a alcunha de “autores regionalistas” nomes como José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

Por conta dessa temática, há quem julgasse que as obras desses autores fossem merecedoras de serem classificadas como uma “subliteratura”, o que coloca um grande peso no preconceito e na estereotipada visão do imaginário social no julgamento. Inclusive, de as próximas gerações fica-

rem “reféns” de produzir apenas girando o mundo nesses assuntos, independentemente de serem relevantes.

“Essa ideia de tudo que a gente faz no Nordeste está condenado a ser regional é uma armadilha, que nós próprios nos colocamos, porque o regional significa menor”, conta Durval Muniz. “Quer dizer que literatura regional é uma literatura menor do que uma literatura universal ou do que uma literatura nacional? Então, um livro que fez grande sucesso, como *Torto Arado*,

somente porque foi escrito por um autor baiano, foi classificado por alguns estudiosos do Sul do país como literatura regional”.

Assim como em outras manifestações culturais, um artista nordestino não está condenado sempre a falar de cangaço, messianismo, seca, coronelismo e folclore, nas palavras do historiador. “Até parece que ele não pode falar de vida cosmopolita, pós-moderna, como se isso não existisse na região, como se o Nordeste não fosse uma região completamente moderna, com todas as contra-

riedades da modernidade, com as coisas boas e ruins dela”.

Gambiarras linguísticas

Nos dias de hoje, com o acesso às novas tecnologias, independentemente de onde se esteja, a fala passou a ter uma importância cada vez maior no cotidiano. Quem não domina a escrita pode utilizar ferramentas como o WathsApp para gravar áudios, por exemplo.

“Atualmente, estamos entrando na era da oralidade digital. Aquela

ideia de que a escrita ‘venceu’ a oralidade, de que a oralidade é a tradição e a escrita é a modernidade, a gente tem que rever”, pontuou o historiador. “A gente sabe lidar com a tecnologia, mas a gente sabe, acima de tudo, fazer gambiarra. Isso é uma coisa tipicamente brasileira. Nós sabemos fazer gambiarras linguísticas. Não sabe direito falar a língua, inventa e faz algo só nosso”.

Assim como a gramática é sempre viva e sujeita a transformações, a oralidade não fica atrás nessas mutações e incorporações. Do mesmo jeito que o paraibano Ariano Suassuna disse: “Não troco o meu ‘oxente’ pelo ‘ok’ de ninguém”, podemos colocar mais uma via nessa mão única: por que não usar as duas expressões?

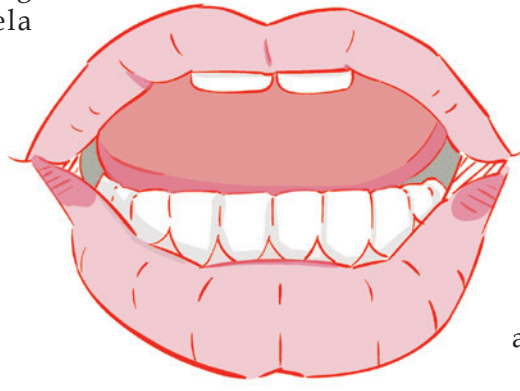
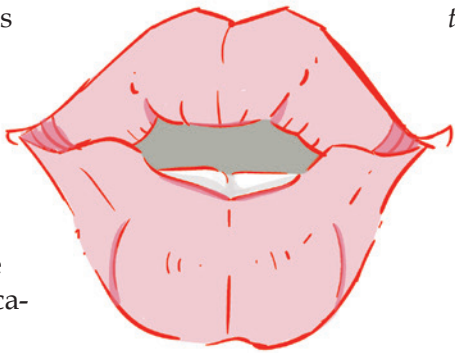


Ilustração: Bruno Chiozzi